

120

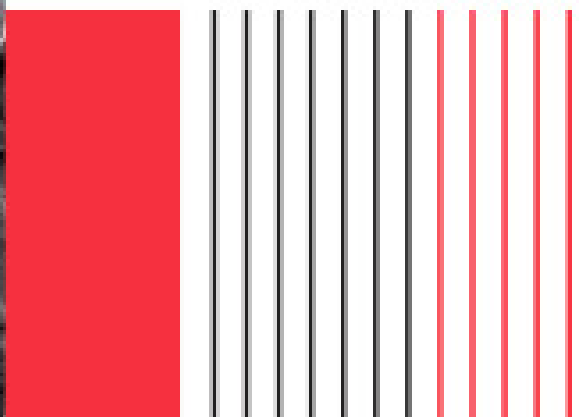
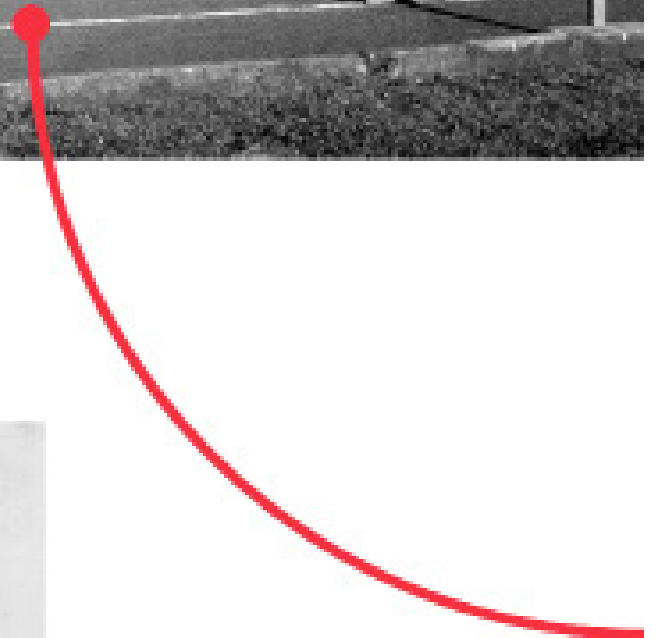
ANOS

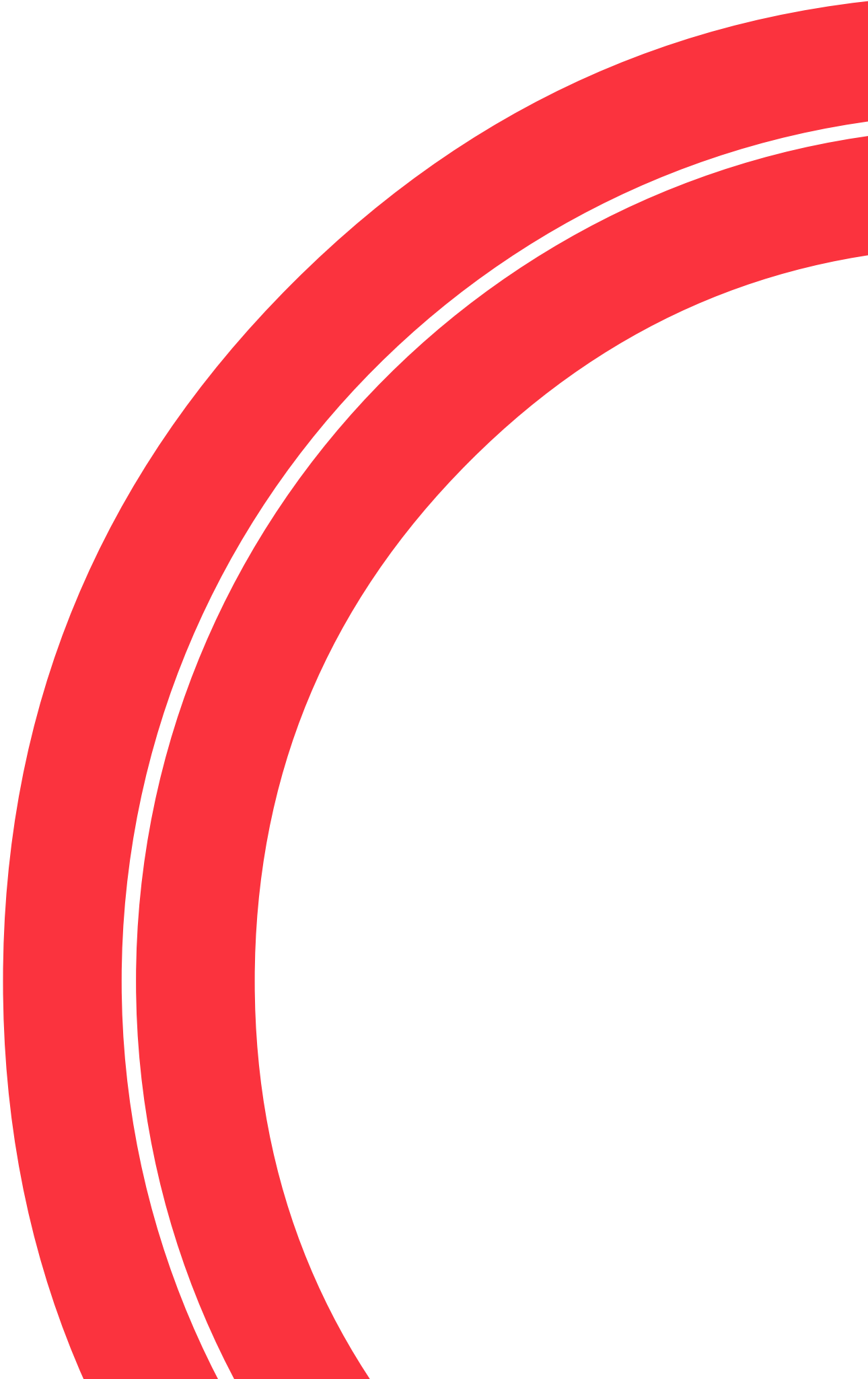
DO CLUB

ATHLETICO

PAULISTANO









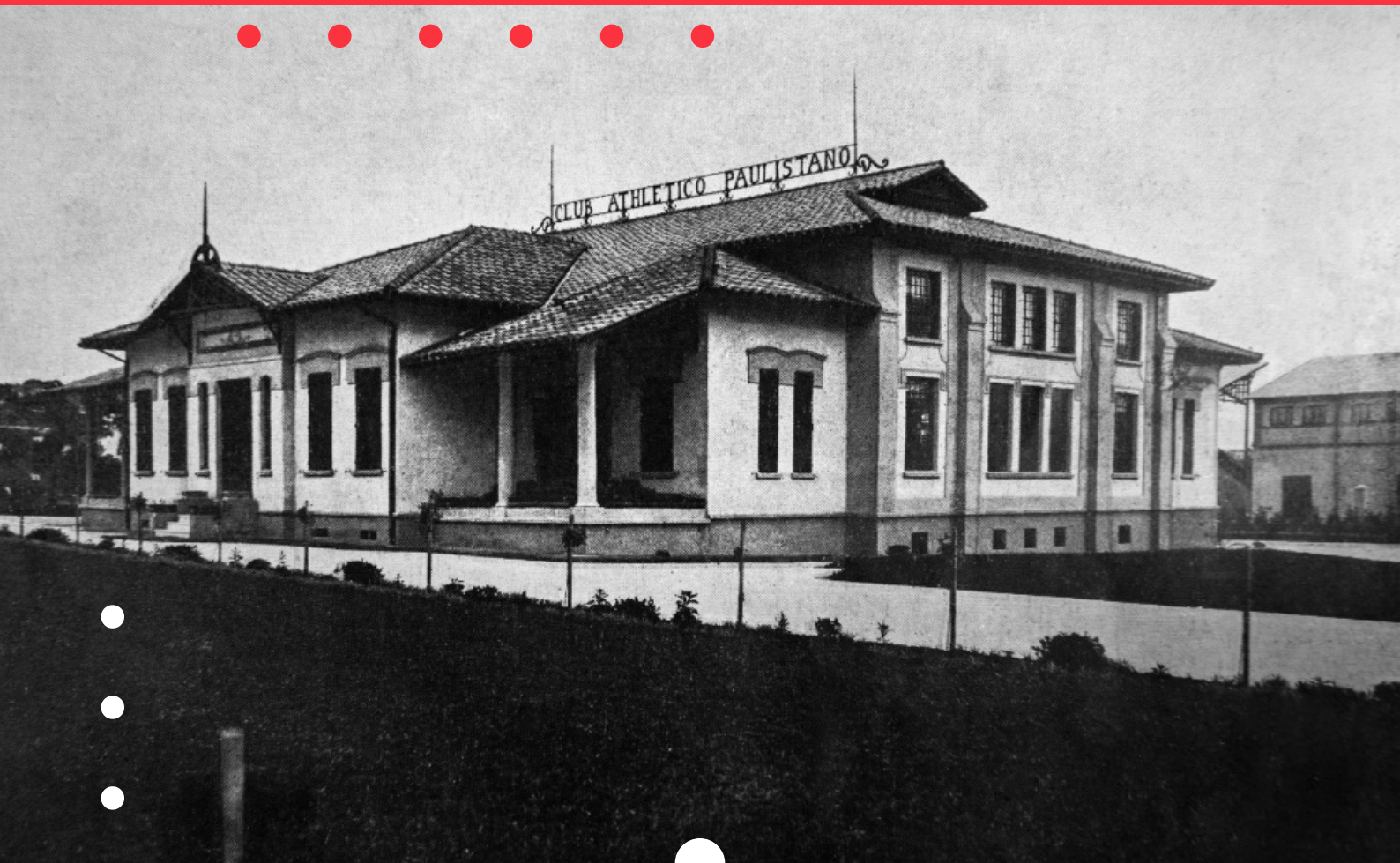
2020

CADERNO  
LITERÁRIO

120  
ANOS  
DO CLUB  
ATHLETICO  
PAULISTANO



2020



Em 29 de dezembro de 1917, o Paulistano apresentou sua nova sede, localizada no Jardim América, à sociedade paulistana.

Na foto, o pavilhão social, porta de entrada do clube, à rua Colômbia, 1.



## Do presidente

| Dentre as produções culturais do clube, a literatura, por mais um ano, reafirma sua posição de destaque e excelência nessa antologia sobre os 120 anos do Club Athletico Paulistano.

Esta é a décima segunda publicação com a coletânea de textos dos sócios, muitos deles, assíduos frequentadores do encontro semanal para o debate de ideias, troca de leituras, aprimoramento da escrita, sempre sob a coordenação de um autor conhecido.


A nossa Oficina Literária tem reconhecimento também fora de nossos portões, com a participação efetiva dos seus frequentadores nos concursos do Sindi Clube, o que a tornou referência para diversos outros clubes.

Este é o resultado do empenho, da dedicação e da qualidade das realizações desse grupo. Diversos autores que, apesar de um ano em que passamos pela pandemia da Covid-19, contribuíram, escreveram e mostram aqui suas produções sobre histórias do nosso Paulistano.

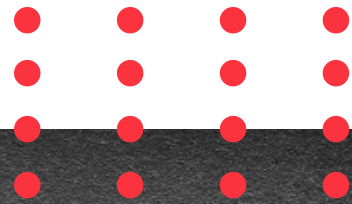
Aproveitem a leitura!

**Presidente Paulo Movizzo**





Fachada lateral do prédio social, à rua Honduras, 1.400, em 1958. Projeto do renomado arquiteto modernista Gregori Warchavchik.







## Carta da Diretoria Cultural

| Um ano comemorativo, em que nossos autores da Oficina Literária do Paulistano puderam reviver, em seus textos, momentos da história de nosso clube.

Esse 2020 tem muita importância nas reflexões sobre nossas escolhas, vivências e superações, pois foi um ano de desafios com a pandemia do coronavírus.

Seja com lembranças reais, prosas, poesias, crônicas, ficção ou simplesmente um retrato desse espaço tão especial, aqui você verá um panorama das produções literárias dos trinta e nove participantes do **CADERNO CAP 120 ANOS**.

Com a dedicação de todos, em especial dos coordenadores desse grupo, mestre Nelson de Oliveira, e Helo Bello Barros, alcançamos um resultado de excelência para essa publicação.

Que a leitura seja mais uma aproximação com nosso querido Paulistano.

Aproveitem.

**Renata Julianelli e Rogério Matarazzo**  
Diretores Culturais

A alcunha GLORIOSO estampada na flâmula retrata a fama e a potência futebolística do Paulistano no início do século XX.



# Paulistano, Sempre!

Hino oficial do Club Athletico Paulistano

Vem...

Alvirrubro cantar  
Sua história contar  
Seu passado de glória

Vem...

Paulistano sorrir  
Num abraço reunir  
A grandeza de agora

Vem...

Toma a tocha na mão  
Segue em frente, irmão  
Pro futuro escrever

Toma,

A bandeira, a história  
Prado Júnior na memória  
Vai, Paulistano, vencer!

Música de Mário Albanese

Letra de José Eduardo Barros Ferreira



# Alvirrubro cantar

**17** sob o mesmo orvalho (ode à permanência)

HelO Bello Barros

**21** Dois tempos

Angélica Royo

**25** 120

Maria Antonieta Fernandes de Souza

**30** O Salão dos Grandes Homens

Renata Julianelli

**33** Minha, de todos nós

Carla Figueiredo Vieira

**35** Certa piscina...

Ignez Matarazzo

**37** Canjão

Maria Julia Kovács

**40** Minuto

Danielle Martins Cardoso

**42** Um esporte para obstinados

Helen Mara Rodrigues Fadul

**44** Dedo de prosa

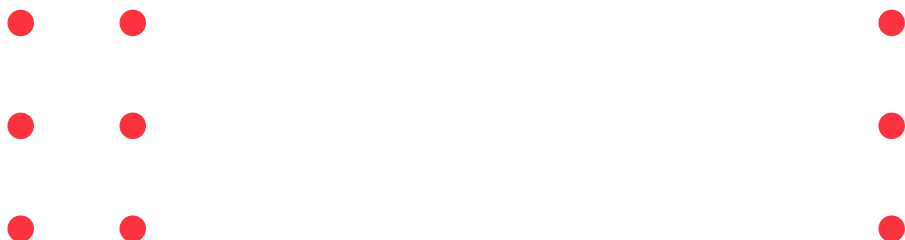
Carlos Eduardo Cornacchione





# Sua história contar

- 51** Paulistano, hoje, ontem e sempre  
Jeanette Rozsas
- 56** A Academia de Letras de um clube paulistano  
Maria Lúcia Perrone Passos
- 61** O clubão  
Guilherme Hernandez Filho
- 64** Ah, se papai me visse  
May Parreira e Ferreira
- 67** O sol nosso de cada dia  
Suzana Montoro
- 69** Palácio das Crianças  
Bia de Castro Oliveira
- 72** As velhas ruas  
Agda Del Cioppo
- 74** Club Athletico Paulistano: rua Honduras 1400,  
Jardim América  
Carlos de Faro Passos  
e Maria Lúcia Perrone Passos







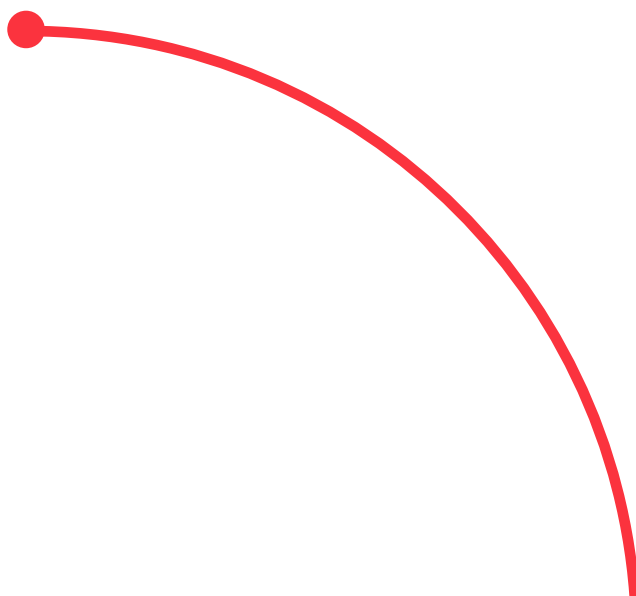
# Num abraço reunir

- 87** Vista aérea  
Ricardo Lahud
- 88** A noiva  
Rogério Matarazzo
- 91** delírica – é bem provável que eu tenha escrito isso  
lilian gattaz
- 94** E assim o tempo passa  
Betty Wey
- 101** Um mundo sem você  
Christina Tibiriçá Bahbouth
- 103** 2020 – o que significa tudo isso?  
Diva Maria Tammaro de Oliveira
- 106** Gerações invisíveis  
Dalva Maria Bannitz Baccalá
- 108** HANDICAP  
Ercílio Alberto
- 121** Concursos Literários – Uma história para contar  
Maria Helena Figueiredo Vieira
- 128** A beleza do Paulistano  
Giselda Penteado Di Guglielmo
- 130** Percurso da memória  
Heloísa de Queiroz Telles Arrobas Martins



# A bandeira, a história

- 135** Cantos  
Gilda Pasqua Barros de Almeida
- 139** Fragmentos paulistanos  
Paulo Iakowski Cirillo
- 143** Histórias da História: um quarteirão de histórias  
Maria Angela de Azevedo Antunes
- 149** A literatura no clube Paulistano  
Hans Freudenthal
- 153** Um olhar, uma viagem  
Jane Sampaio
- 158** 120 anos de futebol paulistano  
Lygia Pistelli
- 161** O baile do dia 29 de dezembro de 1965  
Maria Helena Nogueira de Almeida
- 164** O vestido chegou?  
Maria Lucia Rizzo
- 166** Os 120 tons do vermelho e branco  
Maria Luiza Galli





Criado em 1962, o Coral do Paulistano é um dos motivos de orgulho do Departamento Cultural. Registro da década de 1970.

# Alvirrubro

## cantar



Palco de espetáculos sociais, o Paulistano sempre investiu no melhor da música nacional e internacional. Em 1968, Elis Regina entrou para a história do clube e de todos os associados que tiveram a oportunidade de prestigiá-la.



A educação infantil é um dos pilares de sustentação de uma sociedade saudável. Consciente disso, o clube criou, em 1957, o Jardim de Infância. Hoje chamado de Recanto Infantil.



## sob o mesmo orvalho

(ode à permanência)

na vida e na arte  
a observação é necessária  
analisar subterrâneos e maldizeres  
destilar o sumo dos grandes feitos  
e venenos  
assim como pisar em parquê lustroso  
questionando quem limpou, quem encerou e quem poliu  
enxergar ali o fazer humano

120 anos que fazem o Paulistano ser o que é  
conosco a memória  
de todos os planos e fachadas  
todos os edifícios e arquitetos  
orçamentos, escopos, memorandos  
planilhas, contratos  
fotos, filmes, faixas, flâmulas  
troféus e condecorações  
nas mãos, como foi construída essa catedral  
tudo pode ter acontecido aqui  
sob o mesmo orvalho

tudo acontece  
no Paulistano

cada pedra conta essa história  
cada banco, cada planta, cada sala, cada vista, cada esquina  
exalam a dedicação, as mazelas e os encantos de gerações  
nós, contemporâneos, frente a esse grande trabalho  
que parece ter sido o de um fazer natural  
mas quem perguntou ao pau-ferro como é ser centenário?

tudo acontece no Paulistano  
quantos amores, quantos rompimentos  
quanto desejo impregnado na pedra mineira  
e continuamos aqui, confusos e claros  
com o perfume das amizades, invejas e fúrias  
pessoas elegantes que passeiam e mostram uma alma dentro  
pessoas elegantes que passeiam e comprovam alma nenhuma  
burgueses convincentes  
e muita gente fina  
penso no rio que corre por baixo desses movimentos  
leito da permanência  
e tudo pode acontecer na alternância entre o vermelho e o branco  
entre o esporte e a cultura

tudo acontece no Paulistano  
um mundo, partes de um mundo destinado pelo passado,  
enquanto a praça e o ginásio são o coração do presente  
coração ornado em piscina azul onde tudo é belo e vasto  
deleites, desafios, aprendizados  
mas quanto carvão foi necessário pra funcionar essa máquina  
quantas vontades empenhadas, garras, músculos, almas  
às vezes de piratas, apaixonados, místicos, adoradores e políticos  
e, de quando em vez, um poeta

você Paulistano  
tantas vezes inexplicável, tantas vezes ternura

e todas essas coisas misturadas e em conjunto  
fazem deste lugar território de se viver  
de acordar, competir, trocar, assistir e reparar histórias  
e entender do rio que passa nos subterrâneos  
da noite escura até a hora matutina

Paulistano,  
você privilégio  
você aberto ou recluso  
você a vida de muitos  
você a passagem das horas  
você recanto e crianças  
você família  
você braços  
você turbulência  
você sinfonia  
você voz e violino  
você que disse que chora  
você que nada e respira  
você de camisa de linho  
você carteado  
você de agasalho de ginástica  
você de coração de plateia  
você coral e jogral  
você de encomenda  
você de bagagem  
você de entrega  
você é sol  
você que nos acorda às 6h30  
você que nos faz arrumar a mochila para o dia seguinte  
você de quem sentimos falta  
você, nesse tempo, cheio de nossos vazios  
você ioga e balé

você uma bola que rola  
você uma bola na cesta  
você uma bola no pé  
você em luvas de boxe  
você raquete  
você madrugadas e auroras  
você em braçadas  
você caridade  
você discórdia  
você direção e passagem  
você sob nossos pés  
você acima de nossas cabeças  
você que está em cada um que passa a carteirinha pela catraca  
você teatro e cinema  
você em verso e prosa  
você bengala e andador  
você amparo e sobrevivência  
você nos prova, nos falha, nos consola, nos deleita, nos entenece  
nos acolhe

Paulistano aqui estamos nós, os contemporâneos  
frente a você  
frente a essa admirável história  
considerando, junto ao pau-ferro, sobre o que é ser centenário

## Dois tempos

### O menino que gostava de chutar bola

| Entro em campo correndo, sinto meu coração bater e um baita frio no estômago. Acho que corro com o coração, não com as pernas.

Levanto a cabeça, olho para a direita, esquerda, e lá está ela sorrindo pra mim. Ela sempre diz que sofre muito quando eu jogo futebol.

Fe, capitão do time, escolhe o campo, a bola começa a rolar, chuta pro Boia que está na esquerda, que pega a bola, faz o passe para o Tico no meio do campo, que manda pra mim. Os pais gritam, “olha o ladrão”, xii-iiii, vem alguém por trás e me dá um carrinho, “juiz, é falta”, o juiz marca com spray onde devo cobrar, chuto direto no gol, o goleiro deles defende e chuta a bola longe. “Vai pra cima dele”, Faro pega, avança, eu peço a bola, ele passa para o Fe que chuta para o gol, bate na trave e a bola vai para fora. Goleiro adversário mais uma vez chuta pra longe, Caio, a parede humana, não deixa a bola avançar, alguém grita, “tira a bola daí”, chuta para fora, o que ele faz muito bem e a bola vai parar nas estrelas. O time adversário cobra escanteio, Serginho tira a bola deles, lança pra mim que estou à sua direita, passo para o Cativa, que manda para o Guiga, entrega para o Boia que vai pra cima do adversário. A bola rola, tentamos chegar no Zé que está perto do gol, “ladrão na parada”, a bola volta pra mim, mas alguém



segura minha camisa, me derruba na grande área. Todos gritam, “PÊNALTÍ”. Nos abraçamos e comemoramos. Lucas, nosso goleiro, quer cobrar a penalidade máxima, mas eu assumo a responsabilidade, chuto por cima do goleiro, e a bola entra redondinho.

Olho para a arquibancada e ela está lá vibrando, todas as mães vibram muito. A plateia vai ao delírio com mais gols.

No segundo tempo, Waltinho faz substituições. Sou substituído pelo Mateus, o Arthur substitui o Guiga, o Enrico substitui o Cativa e o Fabinho substitui o Zé.

Nesse dia faltaram o Neves e o Danton.

O jogo termina com sete a zero para o Paulistano.

A torcida na arquibancada faz a diferença. As mães estão sempre presentes e ai do juiz ou dos bandeirinhas se marcarem falta errada. Elas vão pra cima sem piedade.

Sabe do que mais? Uma vez eu disse a ela que não precisava se incomodar em assistir ao meu jogo. Ela ficou chateada comigo. Não foi. Eu senti sua falta vibrando com as minhas jogadas.

Ela acredita que o grande ensinamento do futebol é a união, a convivência, a amizade e o companheirismo. Eu adoro jogar bola e quero mais é continuar com meu time. Um por todos, todos por um.

*Vini*

## **A mãe do menino que gostava de chutar bola**

| Lembro dele ainda pequeno, sete anos ou pouco mais, entrando em campo, dava para ver de longe seu coraçãozinho batendo acelerado. O calção do uniforme muito maior que ele, meu menino olhando para a arquibancada e sorrindo para mim. Aí começava meu sofrimento, será que ele não vai se cansar muito, será que vai dar uma cabeçada na bola, se machucar, dizem que pode até quebrar a cabeça, será que vai cair, será que vão dar um carrinho nele? Minha pressão ia a mil.

O melhor dos meus domingos era vê-lo controlar a bola no pé. Como os jogadores conseguem, né? Eu até tentei jogar futebol. Foi uma aula experimental em que o técnico dele convidou as mães para uma partida. Fui e me senti esgotada de tanto correr. Haja folego. E, pior, não fiz gol. Esperto esse técnico. Nos colocou em campo para sentirmos a dificuldade que os meninos têm em jogar durante quarenta e cinco minutos no primeiro tempo, depois mais quarenta e cinco minutos no segundo tempo.

Nunca imaginei ser mãe de menino. Quando por acaso descobri que seria um menino, tamanha foi minha surpresa e alegria que desse dia em diante ele passou a ser o grande amor da minha vida.

Nos jogos do campeonato interno do clube, a torcida na arquibancada fazia toda a diferença. Muitas vezes os pais dos times, convidados ou não, não conseguiam se controlar! Era uma rivalidade, gritavam como se fossem técnicos profissionais. Imaginem o estresse dos garotos!

– Ponha a bola aqui. Tire a bola daí. Passe a bola para fulano, olhe o adversário – e assim cantavam o jogo o tempo todo. Quase dentro do campo.

Os pequenos, assustados, tentavam obedecer aos gritos dos pais.

Enquanto isso, as mães, experts nas regras de futebol, se deliciavam em ver seus pequenos avançarem para o campo adversário, fazerem lances difíceis e finalizarem as jogadas, às vezes com gol. Se houvesse alguma falta cobrada errada, gritávamos alto até o juiz ou os bandeirinhas acertarem a jogada.

Eu torcia tanto que, em uma ocasião, ele pediu para não gritar mais seu nome, tinha vergonha. Então combinei com as outras mães que elas gritariam o nome do meu filho e eu o nome do filho delas. Deu certo!

Meu menino gostava tanto de chutar bola que, mesmo nos dias que não havia treino no clube, praticava futebol na sala de visitas de casa, como se fosse no campo. Sempre com uma bola rolando no pé.

Uma tarde perdi a cabeça, coloquei de lado a máscara de mãe condescendente e vesti a de bruxa, depois de pedir inúmeras vezes que parasse de jogar, porque ia acertar alguém ou quebrar alguma coisa. Quando quase acabou quebrando um vaso, relíquia de família, peguei a bola, rasguei e a

joguei para longe. Ele não acreditou! Trocamos olhares com faíscas azuladas. Você me pergunta: ele ficou traumatizado? Que nada, continuou a jogar bola em casa, só que daí no corredor ou em seu quarto. E tudo continuou quase igual!

Os meninos do time são como nossos filhos. O bom é que crescem juntos e, oxalá, continuem com a amizade por muitos e muitos anos.

O grande ensinamento é respeitar o adversário, perder e enxergar seus erros; humildade para ouvir e obedecer ao técnico, a cada jogada; se colocar no lugar do parceiro e ir sempre em frente, sem medo de fazer um gol ou de ganhar o jogo.

Nunca imaginei que ser mãe de menino me daria tantas alegrias na vida.

*Mãe camisa 10*

## SEGUNDOS

120 segundos é o tempo que você leva para acionar seu cartão na catraca da garagem, subir a pequena rampa e transportar-se a um emaranhado de estímulos sensoriais: seus ouvidos são despertados pela marola das braçadas agitando as águas da piscina; seu olfato é aguçado pela mistura instigante do eucalipto da sauna com o cloro impregnando o ar; seus olhos são capturados pelo remanso do espelho azul e pela alameda verde do pergolado, que se descortina atrás da prainha. Enquanto isso, você acelera o passo até a cafeteria numa parada rápida para um cappuccino, não sem antes atentar para o burburinho no entorno. Neste breve percurso terá esboçado sorrisos ou pretendido passar despercebido. Esta familiaridade de percepções proporciona: sensação de bem-estar e pertencimento a um ambiente privativo, como se extensão da sua casa fosse. Sempre ali, disponível à sua espera, independente da sua demora em chegar, da sua pressa em partir ou até da sua aparente indiferença. Com esta hospitalidade acolhedora o clube lhe dá as boas-vindas.

## MINUTOS

120 minutos é a média de tempo que você gasta para uma refeição na praça de alimentação com uma dezena de restaurantes e bares, destinados ao ritual quase sagrado do comer-beber. Seja no Expresso para um lanche

rápido ou numa confraternização ruidosa assistindo ao futebol no telão. Seja no celebrado desfile do *ver e ser visto* na disputada prainha entre um coquetel de aperol ou uma caçamba de cerveja. Para o almoço de domingo com a família você acerta se optar pelo Boulevard, onde além de ser chamado pelo próprio nome pelo maître, encontrará um cardápio contemporâneo que vai do mediterrâneo ao brasileiro. Se escolher o Solarium desfrutará de um bufê completo, com preço acessível e uma paisagem panorâmica. Já no Terraço o requinte do bufê gourmet se estende na cortesia do cafezinho no lounge e no conforto para uma eventual sesta. Entretanto, é durante a semana que o Terraço revela seu favoritismo em encontro de negócios e celebrações. Caso prefira reuniões noturnas, o espírito da sua comemoração determinará o local: para dar vivas de aniversário num grupo festivo, a melhor opção é a pizzaria; para apreciar a culinária japonesa não precisa buscar fora do clube, o sucesso está garantido na tábua de sushi-sashimi e na vista icônica curvilínea. Para um jantar mais elegante, a excelência do restaurante 1900 oferece serviço à francesa com cardápio de pratos flambados e borbulhas de champanhe.

## HORAS

120 horas é o decorrer de uma intensa semana de atividades, que assim como para a maioria, vai fazer você perder o fôlego ou se frustrar; porque dificilmente conseguirá acompanhar tudo. Considere uma grade regular de programas, que além de cursos e eventos fixos, surpreende pelo leque de exposições sazonais. Dentro dessa seleção haverá algo que vai atrair sua atenção e conquistar sua preferência. Nas segundas envolva-se numa tarde prazerosa de engajamento solidário, nas terças deixe-se arrebatado pela conexão dos temas, que sempre se renovam acompanhados de chá e pão de queijo. Nas quartas um vernissage com direito a coquetel recebe apreciadores das artes plásticas, nas quintas há grande chance de assistir a um espetáculo no auditório. Mas, se você só dispõe do final de semana, a sexta-feira inaugura o cortejo do entra e sai no bar social ao som de uma banda dançante e não raro dividindo uma taça de prosecco com o aniversariante do dia.

## DIAS

120 dias é uma temporada de oportunidades para você participar de algum dentre os inúmeros projetos. Há aqueles com propósito filantrópico, que ultrapassam seus portões, como o CAP do Bem, capitaneado pelo presidente, considerado a *joia da coroa*, que alcança trinta entidades distribuindo sopas, alimentos e agasalhos. Ainda nesse seguimento a Chave do Coração acolhe sócias com desprendimento em compartilhar habilidades manuais, boas ideias e tempo, construindo redes de solidariedade. Todavia, é na sua extensa programação, que se cumpre sua destinação precípua. São dezenas de modalidades para atender aos mais exigentes. As atividades extramuros garantem por acréscimo contato com a natureza e uma dose de aventura com o trekking, o remo ou o golfe. A grade de cursos internos é tão ampla, que dispensa desculpa para não se praticar algum deles: entre em um programa fitness, modele o corpo na academia, jogue-se nas águas da natação, golpeie o estresse no muay thai, aprenda defesa pessoal no jiu-jítsu, controle sua força no boxe, divirta-se no futebol e ganhe parceiros, coordene os pés no sapateado, rodopie com a dança de salão, mostre sua veia teatral, solte a voz no Talentos do CAP. Uma coisa é certa, os amigos sempre vão aplaudir.

## SEMANAS

120 semanas é um período da vida para desenvolver habilidades que demandam aprendizado prolongado e repetição: aprenda a dar xeque-mate com o xadrez e a desviar de um touché na esgrima, pratique a elegância do tênis, treine basquete e polo e se for dos bons junte-se ao time oficial do clube, participe do coral com um maestro renomado e do jogral com uma preciosidade de repertório, escreva prosa e poesia com autores premiados na oficina literária e faça parte do caderno anual, seja protagonista no palco do auditório, pinte aquarelas e exponha seus quadros. Longe da pretensão de trazer medalhas para seu clube ou troféus para sua estante, viva o prazer genuíno do binômio desafio-superação e dos laços de amizade criados; que juntos construirão pontes no seu caminho.

## MESES

120 meses na linha do tempo é o decurso de uma década capaz de causar mudanças definitivas na sua vida e gerar um legado de histórias: construir uma carreira e falir uma empresa, casar e descasar, gestar filhos e enterrar pais, conquistar amizades que sempre quis e ganhar inimigos que nunca desejou, escrever romances e publicar livros, correr maratona e fazer travessia, saltar de paraquedas e andar de balão. E claro, passar vexame e levar aquele fora, perder um voo e o juízo também, ficar sem emprego e amontoar dívidas, experimentar traição e contrair uma doença rara. Mas todos estes episódios marcantes, para o bem e para o mal, se você teve a oportunidade de vivenciá-los na comunidade do clube, terá tido o privilégio de celebrar as coisas boas com direito a abraços fraternos e aplausos. E aquelas ruins, que nos igualam a todos, no universo das pessoas normais e mortais, terá tido o aconchego de experimentar com mãos estendidas e a partilha da escuta, uma advertência corretiva e aquele necessário puxão de orelha. Porque a vida social se faz pelo espírito coletivo carregado de significados, que deste emana e a forma como se solidariza no seu sentido mais gregário. Como se fosse extensão da sua casa e seus membros laços da própria família. Esta missão o clube tem cumprido com singularidade em seus múltiplos aspectos.

## ANOS

120 anos, você analisa a linha do tempo, coloca seu pensamento em perspectiva e percebe que o Paulistano faz parte da história de São Paulo. O que dizer de um clube que tem seu próprio hino, museu, bibliotecas, rádio-tv, cinema e um teatro que já recebeu na coxa artistas consagrados. E da pujança em realizar sua própria Virada com três dias ininterruptos de eventos. O que dizer da força do esporte, que revela um celeiro de atletas competitivos, que luta o alambrado nas competições e possui seu próprio mascote. O que dizer de um clube, que oferece a primeira escolinha da vida de seus filhos. Nenhuma instituição faz 120 anos sem acumular um grande legado, mas poucas se orgulham pela notoriedade que alcançam. Contudo, o que o distingue, longe de ser a somatória de láureas, a comodi-



dade das instalações ou a privilegiada localização de sua sede; é, sobretudo, o patrocínio de intensa vida social num cenário festivo e fraterno. No qual diretoria, funcionários e terceirizados interagem para proporcionar um padrão de excelência aos sócios; e em alguns episódios, até com a cortesia de pequenas regalias. O Club Athletico Paulistano não se fez por si próprio, ou pelo condão de sua elite. Ele conta sua história através de quase cinco gerações de famílias, cujas pessoas nominadas ou incógnitas ajudaram a ser escrita. Estes bisnetos, netos, pais e filhos têm nome e contribuíram, sabidamente ou de forma anônima, para o aperfeiçoamento de seus costumes ao longo dos tempos. Sem perder o viés tradicionalista, o clube se supera em ser contemporâneo e se rejuvenesce somando modernidade ao seu centenário de vida.

## O Salão dos Grandes Homens

| Quem abre a porta dá de cara com todos eles. Confesso que a observação permanente impõe uma vigília tão séria, que mesmo de salto bem alto eu fico pequena em sorrisos. Salão sempre primoroso, mobiliário sofisticado e as tais presenças ilustres. Olhares soberanos, altivos, implacáveis. Homens sábios e eternos, ao longo de 120 anos de muitas conversas que definem o rumo de tudo, decisões de que eles participam sem chance de falta e que escutam, observam, cochicham suas opiniões ao apagar das luzes.

Imagino os mais velhos, pouco acostumados em dividir a palavra com mulheres, vendo o número feminino crescer, e mais cadeiras, em torno da mesa de trinta e cinco metros, serem ocupadas por elas. Ouvi, faz pouco tempo, que nas primeiras décadas, só podiam comprar joias – assim eram chamados os títulos dos clubes – os moços distintos da sociedade. Para a minha geração, uma regra que faz rir, mas nem sonho quão difícil foi mudar isso. Diversos direitos apenas para sócios homens, até a década de cinquenta para haver uma mulher com um cargo na gestão. Você deve estar pensando que vou falar de feminismo, que o texto vai para esse lado. Talvez numa outra hora. Voltemos ao salão dos grandes homens.

Para aqueles dezenove senhores, não importa a data em que a reunião da diretoria acontece, se tem convidados ou não. Eles estão sempre ali, a postos, conjecturando secretamente nos ouvidos de cada um que entra, intuindo falas a chegarem às melhores hipóteses, para que o acerto de cada

decisão seja o melhor para a coletividade. Digamos que um dia, assim sem intenção de criar qualquer desordem, Antonio Prado Junior tenha oferecido um whisky para Luiz Fernando do Amaral e eles se empolguem em diversas doses brindadas, sequer lembrando que era dia de pautas importantes para gestores debaterem.

Gelinho no copo, mais um *cheers*, gargalhadas, os dois não se dão conta da hora avançada. Nem nos bons tempos de comando os amigos riam e aproveitavam tanto. Entraram para a história em épocas áureas, com grandes conquistas, mostradas nos vários troféus que habitam espaços nobres do clube. Salão arrumado, começam a entrar diretores. Luiz esconde a garrafa. Os dois apertam a boca para o silêncio exigido naquele flagrante.

Como é de costume nas datas de convocação, todos vão se cumprimentando, tomando seus lugares, são abraços, apertos de mão, uma acomodação geral que leva de cinco a dez minutos. Quase tudo pronto para o início dos trabalhos, quando um soluço, seguido de um assobio, chama a atenção. Diretores e diretoras se entreolham: quem teria sido o atrevido? Apesar da informalidade, estranho comportamento, a tal ousadia. Fosse na escola, na época do 5ºD, o engraçadinho levaria anotação e advertência. Barulho não identificado, protocolo segue.

O fato é que os dois moços estavam mesmo muito à vontade, já alegres para perceber gafes. E resolveram, nos disfarces emoldurados, participar com pequenas interferências que os divertiriam por dias. O momento mais difícil de conter a postura foi na abertura da reunião, quando o Presidente pede um minuto de silêncio pelos falecidos. Quase fizeram um novo brinde, pela longa e eterna convivência estampada nas paredes daquele salão, na companhia de outros amigos importantes.

Contas, pifs, regras, ideias, manutenções necessárias, muitos assuntos girando à mesa. Entre uma leitura ou momento de concentração geral, dão mais alguns bons goles. E assopram a orelha de um, fazem coçar o nariz do outro, deixam as moças tremendo de frio por desregularem a temperatura do ar-condicionado. São os donos do salão, quem manda na festa ali, sem sombra de dúvida: eles. Fazem falhar os microfones, a apresentação no te-

lão e até provocam o efeito desastrado de um tapa, sem querer, num copo de água, que desliza por vários papéis sobre a mesa.

Olho para um dos quadros, para as bandeiras hasteadas, me distraio comparando os ternos, óculos e bigodes de cada um deles. Um sussurro no meu ouvido nitidamente diz “conheci muito seu avô” e investigo rápido todos os rostos, qual poderia ser? Algum dos grandes homens, mente iluminada, saberia mais coisas da minha família? E o visionário completa, convicto e otimista, “fico satisfeito que as mulheres participem mais dessas reuniões”. Avalio no entorno se outra pessoa ouviu aquilo. Bebo um golão de água para os pelos descerem do arrepio.

Perto do final da reunião, um grande bocejo de Amaral, que não aguenta mais manter a postura. Prado também está sonolento com aquele monte de gente falando, querem mesmo encerrar o expediente.

Após a conclusão habitual com o discurso de um carismático orador, inicio a despedida de todos. Sinto a energia daquelas pessoas que amam o Paulistano, que se dedicam ao clube, lembro da devoção-engajamento-compromisso de meu pai e, quando vou sair do salão, desconfiada, passo os olhos pelos quadros dos digníssimos antepassados e me assombro com um daqueles senhores lançando, certamente pra mim, uma piscadinha.

**NOTA:** a referência do espaço físico descrito nesse conto é o Salão Luís Ferraz do Amaral (antiga sala da Presidência), que fica após a segunda rampa do prédio da sede atual, na rua Honduras. Os nomes usados são uma referência poética e divertida para a ficção criada em torno dos quadros que nesse local estão.

## Minha, de todos nós

| Tem algo ali que sempre me pareceu o coração daquele amplo e acolhedor espaço, que a tantos de nós pertence ou pertenceu. Não sei se é centenária ou até mais, e seus generosos braços, penugem verde, me convidam a apreciá-la quase como se adora um amigo ou ente muito querido. Ela me sussurra histórias, pois tudo presenciou, e ali, ereta, se alonga por toda a parte, como um gigante guarda-chuva a nos dar pousada. Desde bem menina, além de olhá-la hipnotizada com admiração, tal a simetria perfeita e o modo de parecer capturar os segredos do além, amo sentar à sombra rendada de sol que insiste em dar as mãos ao verde das folhinhas etéreas. Inúmeras vezes perco eu a noção das horas, lendo meu livro e comendo um sanduíche de geleia de amoras, vivendo as aventuras mais improváveis, enquanto ela paira entre o céu e eu. Morada que possibilita à brisa fresca entrar, esboçando manhãs, tardes, a minha vontade de desenhar na memória os crepúsculos rosados, paleta que a imaginação mais viva jamais seria capaz de criar. E as noites poderosas, purpurina das luzes do campo e das estrelas. Em poente degradê, sob o esmeralda da copa, meu primeiro beijo. Menino primo distante, cabelos areia lisos e franja longa, a quem eu, trêmula, confiei a chave do meu destino favorito. Por toda a vida busquei algo de eterno que fosse. O céu talvez, inconstante em seus azuis. Gostaria do arco-íris que nunca podemos tocar e se evapora assim, à nossa frente, deixando-nos o presente fugaz do colorido na alma. As nuances do mar

ancião, que a cada passeio ou viagem pode ter fome ou sede e querer nos engolir, causando pavor e distância. A chuva amada mas nem sempre, que vai e vem em descompasso com o que desejaríamos. Porém, nada disso me soa a eternidade que desde criança tive a esperança de conhecer ao acaso, surpresa, em uma esquina dos tempos. Como meu pai, ela me garante firmeza, tal qual minha mãe, raízes que brotam do centro do mundo. Apoio para as costas e cabeça, receptora de sonhos, quando tantas vezes caí no sono, tamanha a paz. Olhar enternecido, asas a me proteger de tudo que não seja o belo. Ouvir baixinho as músicas que ela entoava com as ventanias, em língua que não compreendo mas sinto, me traz quase conforto, como se à penumbra fosse permitido ser clara. Não saberia contar quantas manhãs, ou entardeceres, noites, passei sozinha em seu colo, mais acompanhada do que nunca, o burburinho ao meu entorno soando longínquo, quase irreal. Na primavera, ela nos brinda com mimos de pétalas amarelas, lágrimas de anjos brincando. E suas sementes flutuam e são plantadas por todos os cantos do universo. Em tempos inquietos, certa peste vagando pelo ar e onde mais não se sabe bem, e ela talvez já tenha visto outra, muitos anos atrás, bem antes de mim ou você, entrelaço daqui de casa, os dedos com minha amiga, para mim eterna. Minha, de todos nós, abençoados por tê-la perto, esse tesouro, em nosso jardim paraíso.

## Certa piscina...

| Azulejos brancos luminosos.

Passeio por eles submerso entre os arcos que separam o raso do fundo. Interessante realidade paralela ao mundo exterior.

No ondular da água, mesmo distorcidas, vejo famílias elegantes, amigos reunidos conversando sob o grande portal da entrada que leva no alto a sigla CAP, sustentada por imensas colunas duplas, na parte externa do parque aquático, onde um muro baixo divide os ambientes.

Perto da piscina ficam os vestiários, masculino do lado fundo, junto aos trampolins, e feminino no raso onde me encontro, observando.

Entre uma rápida respirada e outra, desvio de um grupo de meninos, que saltam dando bombas e caldos, deixando rastros de bolinhas misturados com raios de sol, água a dentro.

Quando chove é impossível pegar as gotas que salpicam a superfície.

Curiosos também os pequenos decks ao redor, onde pessoas tomam sol tranquilamente.

Momento social, talvez de negócios, até político.

Esta foi a primeira piscina de um clube construída em São Paulo.

Aos 3 de outubro de 1926, Washington Luís, presidente da República, a inaugurou batizando com champagne, juntamente com Antônio Prado Jr., presidente do Paulistano naquele ano.

O jornal O Estado de S.Paulo relatou o seguinte: o movimento nos primeiros nove dias foi de 917 homens e 227 mulheres banhistas.



Ressaltando que o interesse despertado pela piscina resultou na contratação de uma professora de educação física, para dar aulas às senhoras e crianças.

Também nessa época, havia norma de utilização, com dias e horários diferentes para homens, mulheres e misto.

Exame médico obrigatório, só a partir de 1940!

Atualmente ela encontra-se invisível, imortalizada em todas as suas lembranças históricas e divertidas, enterradas próximas ao pau-ferro, árvore símbolo do clube.

Meu olhar subaquático, imaginário, passou...

Passou?

## Canjão

| Canja é caldo de galinha, arroz e verduras. Para muitos, uma delícia, para outros reconfortante, quando o corpo padece.

Por que a piscina coberta e aquecida do Paulistano é chamada de canjão? Será porque é quentinha e acolhedora num dia frio de inverno, revigorante para um doente enfraquecido? Ou porque as alunas da hidroginástica são confundidas com galinhas? Por serem mulheres maduras e faladoras? Por que há poucos homens na hidro? Fazem falta.

Diz o ditado: “é galinha velha que dá bom caldo”. Os homens estão chegando. Sim, há homens na hidro e ninguém os chamará de galos velhos. Serão recebidos com carinho.

Participo das aulas na hidroginástica há mais de vinte anos. Desde pequena adoro águas – mar e piscinas. Falando delas, a minha preferida é a social, com sua arquitetura de curvas. É tratada com primor pelos profissionais e a água fria está na temperatura ideal quando o sol brilha durante a primavera, verão e os primeiros dias do outono.

Preferia que as atividades da hidroginástica fossem ao ar livre, no veludo das águas não aquecidas da piscina social, mas entendo que não seja possível, porque a temperatura fria afastaria muitos participantes. Por outro lado, atrapalharia a vida dos sócios que a usam como espaço social. Ainda sonho com uma que tivesse cobertura que abrisse no calor e fechasse quando estivesse frio.

Nos últimos tempos, estava fazendo aulas todos os dias e meu corpo agradece cada minuto. Sem as dores da artrose, posso fazer atividade aeróbica, relaxar a musculatura e mobilizar as juntas. A cabeça descansa, aliás alguns dos textos da Oficina Literária foram gestados na água que embala o corpo e a mente. Muitas amizades surgiram com papos que acontecem no que chamamos de hora extra, os dez minutos entre uma aula e outra, e que continuam no café. Sou defensora da aquanástica, como é denominada pelo clube, para que deixe de ser uma atividade física de segunda linha para ser respeitada como exercício físico importante. Uma palavra de carinho aos nossos professores que se esforçam para tornar as aulas cada vez mais envolventes. Tudo isso faz parte essencial da minha saúde física e mental. Confesso ser viciada na hidro; imaginem a falta que me faz agora que não tenho esse lugar de cuidado, prazer e amizades. Sonho com águas e o chuveiro agora é lugar de magia.

Continuo falando das vantagens da água. As artroses, as hérnias de disco e as contraturas musculares melhoram com as atividades na piscina, as tensões físicas e psíquicas se diluem. Todos os músculos do corpo, relaxam e se alongam. Questões afetivas, dores da alma também recebem tratamento. Os batimentos cardíacos se aceleram, mostrando os benefícios para esse órgão tão importante para a vida. Sim, a hidro é aeróbica também, claro que cada um no seu limite, por isso inclui a todos, sem restrição a priori.

Aí pergunto, por que há tanto preconceito com a piscina aquecida coberta do clube se até jogadores de basquete mergulham nela para aliviar suas dores musculares?

Para muitos obesos a água pode ser a única opção de exercício, porque não traumatiza. A sensação de leveza é uma delícia. A sustentável leveza do ser, nesse caso.

Para as grávidas é recomendação médica. Chegam corredoras, triatletas, adeptas da academia e dos esportes radicais para descansar sua grande barriga nas águas quentinhas, não deixando de fazer o exercício tão importante para elas. Relaxam e estimulam a musculatura que usarão no

parto. É como se fosse um útero quentinho acolhendo seus bebês. Nós acompanhamos cada gravidez e comemoramos os nascimentos, vendo as jovens mães agora com os rebentos no colo ou nos carrinhos.

É essa convivência de mulheres de várias idades, homens maduros, atletas contundidos, grávidas que faz da hidroginástica um caldeirão delicioso. Assim, viva o canjão! Obrigada, Clube Paulistano, por nos oferecer esse espaço de saúde e carinho.

## Minuto

| Você amarrou o roupão e permanece embaixo da escada de metal. Olha os banquinhos redondos, sonha piqueniques, com toalha xadrez e cestinha de vime nas mesas de cimento, sob a copa verde-escuro da amiga centenária. Nem babá, nem segurança, ninguém vai se lembrar de te procurar ali e você precisa permanecer encolhido até que a aula de natação termine. Você odeia a touca – já rasgou duas –, os óculos sufocam pensamentos, o coração arrepia quando seus pés atravessam a catraca-portal e pisam naquela água nojofria. É por isso que você corre e se esconde embaixo da escada e fica de cócoras, olhando a árvore, que não esbraveja nem dedura. Está frio, venta muito, a árvore balança os galhos, velando o local. Flores pequenas e vagens despencam na grama enquanto você sorri confiança.

Seu jardim, um cabouco grande ao lado da pista de cooper e da gritaria do campo de grama sintética. Aqui a relva é de verdade, os passarinhos mais corajosos e os invasores, uns distraídos atrás de bolas perdidas ou duchas geladas. Mas você se assusta com ruídos na escada. Não é possível que Lourdes o tenha seguido, ela nunca corre por causa das pernas gordas, ela nunca vigia por causa do celular. Você se encolhe mais, apertando os olhos.

Um senhor com cabelos de nuvem e mãos trêmulas se aproxima da árvore. Magro, veste um capote azul-céu e está descalço. Ele encosta a testa no tronco. Há um silêncio, um sussurro, um assobio.

Não é seu avô, seu tio, amigo de ninguém. Você não se lembra daquele homem, mas sabe que ele sorri. Enxerga uns olhos cansados que insistem anis, os pés descalços, seus, dele, brancos em muito, a pele fina, quebrável, pintada de marrom. A grama coça, a terra colore unhas ressecadas, dedos longos e deformados.

Então, sem se virar, ele diz: ela gosta de conversar. Você se estica, tem vontade de se aproximar. A mãe, que nunca consegue buscá-lo após a aula, o pai vídeo-chamada com seu nariz gigante, os brados da professora de natação, a angustiante piscina-precipício, a desalegria da babá, a capa preta do motorista, por tudo isso você não confia. Duvida até mesmo de árvores e velinhos centenários.

Eu fugi também, o senhor diz, enquanto se afasta do tronco e retira do bolso do capote um velho e amassado chapéu safari. Os anos passam, mas ela continua encantadora, como a esperança inacabada dos dias. Não é como nós, que murchamos nas sobretardes. Ele se ampara em um galho, olha para o alto, admirando a ramagem. A vida lá fora espera tanto da gente. E de repente o tempo passa e já é quase amanhã. Escute a árvore, com atenção. Ela precisa segredar e ninguém quer ouvi-la.

O homem ajeita o chapéu na cabeça e busca a escada. Ruídos estremezem sua toca. Você espera o silêncio, cutucando pedrinhas-espinho. Só então alcança a grama. Chega perto da amiga, que o cumprimenta com folhas secas. Então encosta a testa no tronco. Os ouvidos brincam memórias. Há um silêncio, um sussurro, um assobio. E você descobre quantos anos tem um minuto.

Texto escrito a partir da poesia *Quase amanhã*, do poeta mineiro Pedro Muriel e em homenagem ao sócio Francisco Zardetto de Toledo.

. . . . . Helen Mara  
Rodrigues Fadul

## Um esporte para obstinados

| Um espanto, um saber cai inexato sobre o seu colo, enquanto ela observa as crianças na piscina, aprendendo a confiar que seus corpos ficarão suspensos pela água, como aviões no ar. Suas pernas serão as turbinas e o chão lá embaixo, as fileiras de azulejos azul claro, azul escuro, azul claro, azul escuro. Confiam que chegarão à outra borda.

Um dia quente, de vento quente, chinelos espalhados sob o sol não serão calçados sem calma.

O método é a própria vida. Foi isso que você quis dizer?

Parece que fragmento a fragmento ela cria acessos ao que a constitui, mas ainda não pode reconhecer; localiza, persegue, não raro dando voltas, até que um ponto de fuga a expulsa carregando, pelo menos, alguma parte do que vislumbrou.

Sempre se assusta quando descobre, de um modo particular, o sentido real de uma coisa. Um susto, um deslumbramento; amplificar as possibilidades é para ela um espanto, e por sua natureza, agressivo.

É assim também para você?

Ela está perto de ouvir uma expiração profunda, um movimento que exala o que, a partir de então, estará livre. Como o barulho que a água expele ao ser quebrada pelos corpos das crianças que se jogam, ou dos gritos de excitação delas; como o som do levante de uma centenas e duas dezenas de ideias ancestrais que estiveram no campo de futebol e agora o



sobrevoam, a caminho de pouso novo, em diferentes tempos. Ela se repete nesse tipo de investigação da realidade que, precisa ou randomicamente, a conduz a qualquer conhecimento.

Ao fim de um intervalo contado em sessenta unidades levíssimas, ela acredita mais que a contemplação só contribui para que o corpo que representa, aliado à linguagem de que dispõe, a levem adiante. Ou teria sido pelo tempo que uma criança levou para conseguir pisar sobre os chinelos quentes?

## Dedo de prosa

| – Athletico Paulistano não pode, não senhor – disse o oficial do cartório.

O caso aconteceu em comarca cortada pelo rio Sarapuí. Primeiro rebento, regalo e repositório dos sonhos do casal. Nasceu em casa à beira de um banhado, braço nascente do rio. Conforme o costume dos locais, pelas mãos de parteira, irmã de caridade. Concluídos os procedimentos umbilicais e as orações, acesa a vela ao pé da santa no oratório da mãe, devota de Santa Therezinha do Menino Jesus, água benta de batismo só depois de nome registrado.

– Nome?

– Athletico, com th.

– Sobrenome?

– Paulistano.

– Athletico Paulistano não pode, não senhor.

Ao abatimento e embaraço seguiram-se momentos de silêncio. O desconsolo condeu o tabelião – existem tantos nomes bonitos... Um rosário de argumentações começou a ser desfiado na demanda de mover montanha. A comadre trabalhava na Capital, manicure em salão de beleza de local homônimo. Mandou-lhes carta contando a história patrimonial longeva, cheia de deveras recomendações e elogios, o lustro das famílias e da tradição, o emblemático pau-ferro das conquistas, tudo ilustrado por fotografias. O bastante para esticarem o fio do destino ligando as esquinas da

Capital às curvas do Sarapui. Ademais, Athletico combinava com o porte do pimpolho e os brilhos da carreira; e a mãe encantou-se com o th, da santa de devoção. Paulistano soava-lhes grave, de respeito, e já recomendava bem o futuro do atleta. Cultivaram afeição pelo nome. Cresceram as esperanças de deferimento.

– Não pode, não senhor. Não é nome de gente, é nome de clube. Escolha outro.

Acostumado a enroscar o pé em cipó e levantar-se sem lhe descair o chapéu, vasculhou as fotografias e a carta da comadre na expectativa de redenção.

– Arthur, com th, pode?

– Pode. Sobrenome?

– Não sei dizer, está escrito aqui na foto, o senhor copia faz favor.

– Arthur Friedenreich não pode, não senhor. Nome de gente, mas de outra pessoa, nem acrescentando Junior – explicou o oficial.

A desilusão instalou-se qual saúva em roça nova, as fotografias embaralhavam-se nas mãos curtidas pela lida a céu aberto, os olhos quase marejavam deslumbrados pelo nome gravado no muro do campo, já personificava o perfil do herdeiro na estatueta de bronze. Murchou de ombros. Emudeceu.

– Por que o senhor não põe o seu nome?

– Não tem o th que minha mulher prometeu para a santa.

– E o seu nome de família?

– Silva?

– É o certo pela lei dos homens e o honrado pelo Verbo de Deus. O pai passa o nome para o filho. O resto é descabimento de ilusão.

– O senhor acha que um dia ele poderá jogar nesse campo?

– Ora... que abatimento é esse, homem? Os Silva são tradicionais, já fizeram mais de um presidente, até Tiradentes era da Silva.

– E o th da santa?

Assim, para remate desse dedo de prosa, no abençoado dia 30 de novembro, na pia batismal da igreja consagrada a Santa Therezinha do Menino Jesus foi banhada com água benta a alma de Teagá da Silva, em louvor à

Padroeira e regozijo da irmandade do banhado. Deu-se provimento enviar registro fotográfico do acontecido para a comadre na Capital com dedicação:

– Mostre para a gente do clube. Um dia ele será presidente!





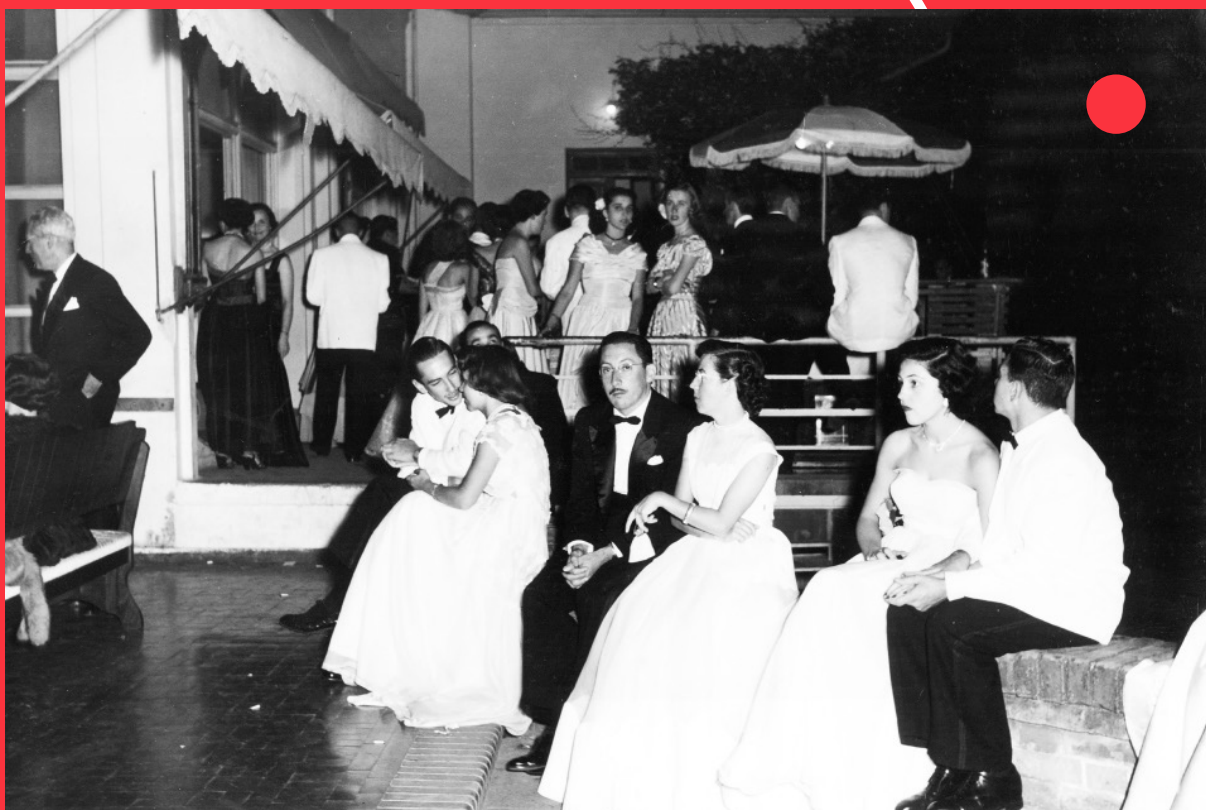
Primeira piscina do Paulistano, inaugurada em 1926. Na foto, competição de natação durante a década de 1960.

# Sua história contar



Instituída no clube em 1925 e impulsionada por Henrique de Aguiar Vallim, a Esgrima é o grande celeiro de atletas do Paulistano na atualidade.





50<sup>º</sup> aniversário do CAP. O Baile de Gala do dia 29 de dezembro, ainda no pavilhão antigo, contou com o show de George Henry.

## Paulistano, hoje, ontem e sempre

| Pensei em não participar do Caderno Literário deste ano. Afinal, sou sócia relativamente recente, se considerarmos que entrei para o CAP pelo casamento com meu marido, Miguel Rozsavolgyi, ainda que lá já se vão quase cinquenta anos. O que quero dizer é que somos primeira geração de associados

Meus filhos e netos, estes sim, são sócios desde que nasceram e sempre tiveram uma vida social e esportiva muito intensa no clube. Escola de Esportes, tênis, natação, balé, jiu-jítsu, *boatecas*, primeiros namoros, festas, shows e um grupo de amigos que se tornou, até hoje, praticamente inseparável, a maioria já casada, com filhos de idade próxima a dos nossos netos. O Recanto Infantil vai acompanhá-los na memória para sempre. E a nós, também, pais e avós.

Isso tudo, no entanto, se bem que envolto em valor sentimental, não daria material para uma crônica sobre os 120 anos do CAP.

Mas o acaso me fez mudar de ideia. Remexendo no fundo de uma gaveta, encontrei uma medalha de prata com o logotipo do clube e os dizeres: CONSELHEIRO JEANETTE BEATRIZ ROZSAVOLGYI.

E no verso:

CENTENÁRIO 1900-2000 - Club Atlético PAULISTANO.

Nesse momento o passado assomou. E foi com orgulho que lembrei de ter tido uma participação atuante na vida deste clube que quero tão bem.

Tudo começou em 1996, quando sugeri ao saudoso Luiz Eduardo Arrobas Martins, vice-presidente encarregado da área cultural, a realização de concursos literários. Ele gostou da ideia e fiquei encarregada de levar adiante o projeto. Elaborei os primeiros editais, e após ampla divulgação pelos departamentos competentes, os sócios começaram a fazer as inscrições. Chamei um júri composto por colegas da UBE, instituição da qual era diretora, que prontamente aceitaram o encargo. Uma banca formada por nomes da nossa literatura viria a dar maior peso aos concursos.

Foi um sucesso. No ano seguinte, incluímos a categoria juvenil e, depois, a infantil.

Para minha surpresa, em 1998 fui convidada para ocupar a segunda diretoria cultural. O primeiro diretor, Leon Alexander, recebeu-me com muita simpatia. No entanto, de acordo com os estatutos sociais, o segundo diretor teria a única função de substituir o primeiro em seus impedimentos. Mas eu vinha com muitas ideias e, não sem alguma resistência e muito pouca verba, consegui pôr alguns planos em ação.

As ideias se multiplicavam. O Cultural contava com uma boa infraestrutura, mas não bastava. Então veio a melhor ideia de todas: convidei amigas para participar deste grande desafio, e assim nasceu o afinado time de assessoras – a Miriam Barros ficou responsável pelo balé, a Giselda Penteadó de Guglielmo, pelos editais de concursos, além da redação de cartas e ofícios. A Maria Ignez Matarazzo se prontificou a buscar novos projetos, a Sandra Baiueux nos ofereceu os Vídeos Famosos, trazidos de sua videoteca particular. A Mirtes Maver Guimarães me auxiliava na coordenação, a Lucila Freire promovia passeios culturais. A Maria Odila Furtado desincumbiu-se com muita competência da Sala de Artes Plásticas, sugerindo e supervisionando a reforma do local para mais se adequar à sua finalidade. Trouxe exposições de grandes nomes, escolheu as bancas dos concursos de pintura e de escultura convidando artistas consagrados, enfim, proporcionou ao clube uma agitada vida artística.

Uma tarefa a que me propus foi dar destaque aos nossos corpos estáveis: teatro, balé em suas várias modalidades, jograis, coral e foi assim que nasceu LUZES DO PAULISTANO, nome inspirado pela Giselda, um

espetáculo roteirizado e dirigido pelo Roberto Gotts, que reunia todos os corpos estáveis, contando com a participação do Esportivo e do Social, numa homenagem aos cem anos do CAP. Uma pena que o vídeo tenha sido misteriosamente desviado, antes mesmo de a diretoria e a presidência poder vê-lo. Era documento importante, que deveria fazer parte do acervo do Centro Pro Memória. Não perdi as esperanças de que um dia reapareça.

Algumas ideias malucas também foram bem-vindas e contaram, como sempre, com a participação de todas as assessoras: a exibição de Boieiros, com a presença do diretor Ugo Giorgetti, filme que era sucesso de bilheteria, filas de dar volta ao quarteirão. Será que aconteceria o mesmo no CAP e teríamos de barrar a entrada quando ultrapassasse a capacidade do auditório? E os índios do Xingu? Não é que conseguimos trazer uma tribo que mostrou no nosso palco suas danças e depois vendeu plumas, penas, instrumentos musicais, esculturas em madeira?! Uma noite e tanto, e nós, preocupadas em manter os índios sob vigilância para que não tivessem ideias, como a de se atirar na piscina!!!

Chás de caridade lindíssimos, apresentados por artistas globais e desfiles de moda foram grande sucesso entre as associadas. Cursos de maquiagem, palestras nas mais diversas áreas, desde casamento, divórcio e relação estável; a vinda do charmosíssimo ginecologista baiano professor Elsimar Coutinho, a tarde romântica com a conversa e o violão do Dr. Malcolm Montgomery, para citar algumas atrações.

O ano 2000 se aproximava e notícias assustadoras se espalhavam sobre o que aconteceria aos aparelhos digitais pelo mundo afora. O assunto era momentoso e foi assim que convidamos a então cónsul norte-americana para uma palestra sobre o “bug do milênio”.

Mais feiras de livro, lançamentos de obras, palestras com estrelas da nossa literatura – Lygia Fagundes Telles e Anna Maria Martins, um papo memorável com o indianista Villas Boas e a inauguração das oficinas literárias, orientadas por nomes como o de Claudio Willer, Caio Porfirio Carneiro, João Silvério Trevisan. Esse último nos privilegiou com palestra e exibição do seu magnífico filme *Ana em Veneza*, filmado em boa parte em

Paraty, onde nasceu Julia, mãe do Nobel de literatura Thomas Mann, e que depois teve de se mudar para a Europa, acompanhada da mucama Ana.

Outras ideias que deram certo: Feira Mágica, na qual montamos tendas onde cartomantes liam a fortuna dos associados, que chegaram a formar fila para ser atendidos. Não imaginávamos que fosse agradar tanto. Uma exposição que me deixou particularmente feliz foi a do fotógrafo de animais, o hoje badaladíssimo e internacional Leonel Falcon, até então desconhecido. Segundo ele, sua carreira deslanchou por causa da mostra no CAP, que lhe deu visibilidade.

Houve duas cerejas do bolo, trazidas pela Miriam: a Suzana Andersen, professora de Pilates, modalidade pouco conhecida naquele tempo. Bastou uma breve conversa com ela para decidir contratá-la. A outra foi o Candé Brandão, que veio preencher o nicho dos jovens. Justamente o que buscávamos. Ambos foram sucessos garantidos e até hoje permanecem dando suas aulas e fazendo espetáculos que lotam o auditório.

Por falar em lotar o auditório, a Ignez nos trouxe as senhoras de Taiwan, que desfilaram cópias dos vestidos usados pela atriz principal num belíssimo filme chinês, de muito sucesso, exibido na ocasião. Filme, desfile e fundo musical maravilhosos.

Promovemos cursos de culinária, de artesanato, pintura em cerâmica e muitos outros.

Claudette e Deca trouxeram suas coleções de alta moda e fizeram vendas a preços especiais para as nossas sócias.

Foram tantas coisas, impossível guardar tudo na memória.

Tempos bons, aqueles. Cercada de amigas, todas nós motivadas com essa nossa fase de produtoras culturais. Pelo menos, foi assim que me senti. Tinha acabado de me aposentar na Procuradoria Geral do Município e pensava em me dedicar à escrita. Mas, assim como este texto, foi o acaso que decidiu não ter chegado a hora de me fechar com os livros. Ao contrário, proporcionou-me – e aqui me refiro ao Paulistano – alguns bons anos de muito trabalho e também de muito entusiasmo.

Coisas que me deixaram especialmente motivada: fazer a reforma do Recanto Infantil, ser eleita conselheira por um período de 6 anos e par-

participar da comissão que escolheu a Editora DNA e o escritor Ignácio de Loyola Brandão para o livro comemorativo dos cem anos do CAP. Além de ter feito parte da diretoria nas gestões de César Ciampollini, José Manuel Castro Santos e Mario Amato.

Olhando a medalha tirada do fundo da gaveta, vi que tinha muita coisa a contar, material suficiente para uma crônica, e é por meio dela que presto uma homenagem às minhas amigas que vieram se juntar ao time e que, até hoje, nos mantêm unidas; aos diretores e aos presidentes que nos deram apoio e prestígio, fazendo com que saíssem do papel tantas ideias, tantas alegrias, tantas realizações no clube que é o nosso mais do que centenário CAP.

· · · · · Maria Lúcia  
Perrone Passos

## A Academia de Letras de um clube paulistano

| Os fundadores das primeiras academias inspiraram-se em Sócrates, Aristóteles, e na lendária aldeia de Platão. No Renascimento as academias floresceram, voltadas ao cultivo das ciências exatas, da história, da literatura; difundiram-se pelos países americanos e europeus, e os franceses assim intitularam suas universidades, suas instituições de ensino superior.

Seguindo o modelo da Académie Française, que já existia desde o século XVII, fundou-se em 1897, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras, dedicada ao cultivo de nossa língua e nossa literatura. O primeiro e vitalício presidente, Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908), um dos fundadores, era então considerado o mais importante escritor brasileiro. Integrada por quarenta imortais de diversas escolas literárias, congrega hoje poetas, contistas, romancistas, jornalistas, críticos literários.

No final do século XX, a cidade de São Paulo assistiu à criação de variadas categorias do que hoje intitulamos *oficinas literárias*. Uma oficina, em princípio, é o lugar onde se elabora, fabrica ou conserta algo, ensinam os dicionários. E onde se cultiva o bem escrever – por que não? Contudo, aquele que se aventure a percorrer as veredas da literatura deve ter em mente as palavras de Clarice Lispector: “O que me atrapalha a vida é escrever. Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade (leia-se *perfeição*) através de muito trabalho” (*A hora da estrela*).



Na década de 90, graças aos contatos nos círculos literários da segunda diretora Jeanette Roszavolgyi e ao apoio do então diretor cultural do Clube Paulistano, Vicente Amato Filho, o Nino, contamos com palestras de escritores e o primeiro Concurso de Literatura. Estavam lançadas as sementes de nossa Oficina.

As segundas-feiras foram escolhidas, em 2004, para nossos encontros literários coordenados por May Parreira e Ferreira, que permaneceu até 2009. Posteriormente, outros colaboradores, entre os quais a segunda diretora cultural Giselda Penteado Di Guglielmo, deram maior abrangência àquelas iniciativas — nossa oficina já se tornava reconhecida pela qualidade de sua produção literária. Em 2006 e 2007, contos, crônicas e poemas dos escritores do CAP foram publicados em coletâneas, com coordenação editorial de May e diagramação e capa de Helô Bello Barros, que assumiu a coordenação em 2010, em parceria com Carlos Eduardo Cornacchione. Foi o início dos Cadernos Literários.

Com o apoio da Diretoria Cultural, bem como da gerente cultural Silvana Marani e sua equipe às nossas coletâneas, aos Cadernos Literários, aos concursos literários anuais e à Página do Escritor, na revista O Paulistano, nossa *academia de letras* mantém-se viva e participante. Alguns dos escritores são novatos no mundo da literatura; outros já têm obras publicadas, premiadas, reconhecimento de público e de crítica. Como ensina um ditado africano, “se quiser ir rápido, vá sozinho, se quiser ir longe, vá na companhia de amigos leais”.

De 2005 até hoje, conhecidos escritores orientaram a oficina : Caio Porfírio Carneiro, Sinval Medina, Claudio Willer, João Silvério Trevisan, Fernando Bonassi, Luís Avelima, Renata Palottini, Annita Costa Malufe, Donizete Galvão, Nilza Amaral, Aurea Rampazzo, Marcelino Freire, Nelson de Oliveira, Fernando Carneiro, Evandro Affonso Ferreira, Frederico Barbosa, Andréa Catrópa, Marne Lucio Guedes, Reynaldo Damásio, Antônio Xerxenesky, Carolina Zuppo Abed. Diferentes personagens, cada um com seu encanto, seu estilo, seu saber.

A Diretoria Cultural publica anualmente um novo Caderno Literário: em 2010, *O ovo é óbvio: homenagem a Clarice Lispector*, coordena-



ção de Helô Bello Barros, bem como homenagem a Luiz Vaz de Camões: *Inês é viva*, coordenação de Helô e Maria Lúcia Perrone Passos, que para tanto efetuou pesquisa bibliográfica e iconográfica em Portugal, e assumiu a curadoria de grande exposição em homenagem a Camões e Vasco da Gama. Em 2011, e daí por diante, com coordenação de Helô e Carlos Eduardo Cornacchione, homenagem a Dante Alighieri: *Agora como dantes*; *Eis a questão: 450 anos de Shakespeare*; *Entre loucos e nobres: Miguel de Cervantes*; *Chega de saudade: tributo a Vinicius de Moraes*; *Charles Chaplin*; *E o homem do conserto, não vem?*, textos da oficina escolhidos por Evandro Affonso Ferreira; *Machado de Assis*; *Ziriguidum: identidades do Brasil*, coordenação de Carlos Eduardo, Helô Bello Barros e Nelson de Oliveira; *Dez anos fantásticos: seus mundos estranhos e palavras maravilhosas*, coordenação de Helô, Carlos Eduardo e Antônio Xerxenesky, e *São Paulo: de Pauliceia a Sampa e o Caderno comemorativo dos 120 anos do CAP*, em 2020. Os dois últimos, coordenados por Nelson de Oliveira e Helô Bello Barros.

Rainer Maria Rilke, escritor que conheceu a glória ainda em vida, deixou-nos sábios conselhos:

“Envia teus versos a periódicos, inquieta-se quando suas tentativas são recusadas? (...) está olhando para fora, o que menos deveria fazer. Procure entrar em si mesmo. Morreria, se lhe fosse vedado escrever? Pergunte-se: sou mesmo forçado a escrever? Procure narrar o que vê, vive, ama e perde, fuja dos motivos gerais, eleja aqueles que a sua existência cotidiana lhe oferece: mágoas, desejos, pensamentos passageiros, a fé em qualquer beleza. Relate tudo isso com humilde sinceridade e utilize, para se exprimir, o seu meio ambiente, as imagens dos sonhos, os objetos de suas lembranças. Se a existência cotidiana lhe parecer pobre, não é bastante poeta para extrair suas riquezas. Caso se encontrasse numa prisão, não ficaria sempre sua infância (...), esse tesouro de recordações? Se após esta volta para dentro brotarem versos, não pergunte se são bons (...), aceite o destino sem se preocupar com recompensa que possa vir de fora. Caso sinta que deve renunciar a ser poeta, sua vida há de encontrar caminhos próprios. Que sejam bons, ricos e largos” (*Cartas a um jovem poeta*).

Os participantes de nossa oficina costumam ser numerosos, e uma enriquecedora diversidade nos caracteriza. Mulheres, a maioria, homens poucos, porém atuantes. Alguns não precisam de oficina para bem escrever, como Guilherme Hernandez, que toda semana sobe a Serra do Mar para vir ao nosso encontro, Ricardo Lahud, que com seu humor peculiar nos estimula desde o começo. Existem os talentosos, experientes, mas bissexto, a vida os leva para outras paragens, outras moradas; entre os quais, May Parreira e Ferreira, Guararema; Luiz Antonio de Queiroz (o Luli), o campus da USP. Ao voltar, e quase sempre voltam, são recebidos de braços abertos, pois nos encantam com sua escrita de alto nível, sua perseverança e paixão pela literatura.

Jovens com talento nos procuram; alguns apresentam certa dificuldade, mas aproveitam os conhecimentos, a boa vontade dos veteranos e dos escritores convidados e podem nos surpreender. Outros acabam por optar por diferentes ramos do conhecimento. Até que isso aconteça, têm todo o direito de permanecer no grupo, pois trazem calor humano, amizade, renovação. O que há de melhor? Entre os veteranos, há uma jovem juíza, perspicazes terapeutas; trazem valiosa contribuição, pois lidam com o sofrimento humano, matéria-prima dos grandes escritores. Se nomeasse todos os autores da oficina já premiados, estaria compondo um caderno de endereços, e dos antigos. Cito Suzana Montoro, Prêmio São Paulo 2012 de Literatura do Governo Estadual (Ofício das Palavras Editora), finalista do Prêmio Jabuti, cinco livros publicados, e esta que vos escreve, Premio Melhor Livro do Ano sobre a cidade de São Paulo, da Academia Paulista de História: *Desenhando São Paulo, mapas e literatura (1877-1954)*, Editoras Senac São Paulo/Imprensa Oficial do Estado (IMESP), 2009.

Tomando palavras de Rilke emprestadas, aqui ficam os votos de que os futuros caminhos da oficina literária do Club Paulistano sejam bons, ricos e largos. Muito sábio, o conselho do grande ator Paulo Autran: “Para atingir o êxito, o reconhecimento, necessitamos de dez por cento de vocação, dez por cento de sorte e oitenta por cento de perseverança”. E muita

modéstia; Jesus entregou seu bem sucedido projeto, a fundação do cristianismo, a Paulo, escritor cultíssimo, poliglota e carismático, mas também a Pedro, um pescador, tão falível, tão humano.

Versão atualizada de *A Academia de Letras de um clube paulistano*, de Maria Lúcia Perrone Passos, Caderno Literário em homenagem a Machado de Assis, Departamento Cultural, 2016.

## O clubão

| Hoje em dia minha maior participação no Paulistano é na Oficina Literária, à qual venho quase todas as segundas-feiras, embora morando em Santos há alguns anos. Mesmo durante a quarentena temos nos reunido virtualmente, o que tem nos proporcionado uma oportunidade de rever os amigos, ainda que de longe.

Juntei-me ao grupo em 2013, quando soube da sua existência. Nossos encontros têm sido conduzidos por excelentes professores, com muito conhecimento em literatura. Minha primeira publicação no caderno foi em 2014, homenagem ao *poetinha* Vinícius de Moraes. Desde então todos estes anos tenho escrito alguma coisa para o caderno: algumas crônicas, alguns contos, nunca poesias. Não sou poeta, não sei poetar. Nosso grupo tem excelentes poetas e poetisas, da melhor qualidade. Gosto, sim, de poesia, mas não sei produzi-la. Aprecio mais a poesia com métrica e rima. Adoro trovas, como as que tão bem produzia o amigo Jairo, que nos deixou há algum tempo. Admiro bastante também a Literatura de Cordel.

Mas o que posso dizer do nosso clube, numa data tão significativa, tal qual a deste aniversário? Para mim o CAP é tão importante que, excetuando meus familiares, é do que sinto falta na distância em que estamos vivendo.

Comecei a frequentar no início da década de oitenta, trazido por minha mãe e irmã, assim como amigos, quando me estabeleci em São Paulo.

No ano passado atingi a pré-remissão. Nossos filhos cresceram aqui, participando das atividades esportivas, sociais e culturais, do mesmo jeito que nós. Nossa neta o chama de “clubão”. Somos sócios de outro clube menor, que ela chama de *clubinho*.

Claro que sempre tivemos nossas preferências, a começar pelos excelentes restaurantes, com opções variadas em todos os locais em que funcionam. Um dos nossos locais prediletos é o piano bar, no qual já não podemos conviver na frequência em que o fazíamos. Local de boa música, ambiente agradável e a presença de amigos queridos. Piscinas em que sempre estávamos principalmente nos finais de semana e feriados. Eu nunca dispensava minha caminhada na pista e exercícios na academia após o horário do escritório.

Recordo que até a vinda do Plano Collor nós podíamos assinar as notas nos bares e restaurantes, recebendo a fatura no final do mês, para quitação com a mensalidade do clube. As crianças adoravam esta “forma de pagamento”. Mas eu fico imaginando quanto de capital de giro era investido nesta facilidade.

São tantas alternativas que temos, tanto culturais como esportivas e sociais, que me é difícil mencionar tudo que temos a oportunidade de participar neste pedaço de paraíso. Cinema, teatro, bibliotecas, dvdteca, sala de leitura com as mais importantes revistas e jornais, nacionais e internacionais. Academia de ginástica e musculação, pilates, futebol, tênis, basquetebol, tantos outros, e até o beach-tênis, esporte bastante recente, ao lado do frontão, ou pelota basca, quase tão antigo quanto o clube. A Chave do Coração e a Turma do Bem desenvolvem projetos maravilhosos de assistência social, junto à população em situação de rua. Destaque-se também que temos apoio de meios bastante atuais de comunicação, como o serviço de wi-fi disponível aos sócios, internamente, mais a Rádio Paulistano e a caçula, TV Paulistano.

Nele festejamos seu centenário e foi onde também celebramos a passagem para o século XXI.

Mas quero voltar a falar da nossa Oficina, que me ofereceu a oportunidade de crescimento na escrita literária, na qual eu jamais militara.

Através dela pude me desenvolver, participando de vários concursos onde obtive premiações que me deixaram muito contente, bem como a publicação em muitas coletâneas, divulgando minha produção escrita.

Sinto-me muito feliz em já ter desfrutado disto tudo, por trinta e cinco, dos cento e vinte anos, que agora o Paulistano comemora. Só posso desejar que as novas gerações saibam preservá-lo para sempre.

## Ah, se papai me visse

| Nunca suportei fazer ginástica em salas fechadas, não me agradam os jogos com bolas ou cartas. No ginásio, as aulas de educação física eram cabuladas, arranjei todas as desculpas possíveis, cólica, dedo torcido, sétimo dia da morte do sapo de estimação. Inimaginável pensar em algum dia gostar de correr. Papai adorava a corrida, fazia cooper nos anos 1960, e em nossa cidade, no interior, chegou a ganhar apelido insultuoso. Descobri o prazer do esporte com quase quarenta, papai já havia morrido há mais de dez anos. A corrida me pegou de um jeito, sabe, um jeito como aquele que nos pega as grandes paixões. Um dia, coloquei um par de tênis e resolvi, vou dar a volta na pista. Sim, a pista do gigante pau-ferro. Antes de chegar ao final da reta, visão embaçada, sensação de desmaio. Acho que não deve ser assim, preciso pedir ajuda. Eu queria correr, não importava como. Aos poucos, fui chegando perto de quem corria. Um amigo me disse, vá de-va-ga-ri-nho, corra como se estivesse andando, vá um pouco mais depressa. Um pouco mais, e eu fui e fui e continuo correndo até hoje.

No começo dos 1990, entrei pra uma turma de meninos que corriam. Se fosse nomeá-los, acabaria aqui meu espaço de texto. As meninas vinham e iam, *mobili come piume nel vento*. Inquieta e acostumada a viver entre os garotos, insisti; me acolheram como um deles. Está certo que muitas vezes me deixaram pelo caminho, sem fôlego. E riam muito de minha ousadia.

Encabeçados por Fernando Gil, saíamos do clube às terças e quintas, final da tarde, para os treinos no Parque Ibirapuera, no Ginásio Constâncio Vaz Guimarães. E mais, correr até o Morumbi, dar dez tiros numa subida de matar o perdigueiro, e voltar como se acabássemos de tomar um café. Aos finais de semana, o nosso longuinho de dezoito, vinte quilômetros.

Teve o tempo de correr de madrugada, na USP, no Ibirapuera; em Itapecerica da Serra, com quatro graus negativos; em calorão de trinta e muitos; embaixo de tempestade. Fizemos rally, corremos em duplas, em trios, em grupos enormes. Nos perdemos e nos achamos muitas vezes.

Minha primeira São Silvestre, a gente esquece sim, foi em 1992 ou 93. A primeira maratona, em Blumenau, em 95. E depois, o céu ou o mar foram o limite. Comecei a nadar para entrar no time do duathlon. Viajamos juntos, nos hospedamos em albergues, hotéis de estrada. Nós, só garotos. E a turma crescendo. Amizade irrestrita. O casamento não me tirou da rotina. O marido assistia, acompanhava e torcia. As filhas também começaram a correr, depois de adultas.

Tempos jurássicos. Cada um que viajava trazia uma inovação. Squeezes de carboidrato, óculos morceguinho, tênis com amortecedores de ar, revistas especializadas, refletores de luz para corridas noturnas. Crianças descobrindo o mundo.

A natação, sempre do meio-dia às duas. Alberto Macarrão, o master-técnico, nos fazia nadar com baldes amarrados à cintura, roupa pesada, cabeça fora d'água, na piscina social gelada. Tudo para que enfrentássemos as contrariedades da natureza nas travessias em mares e rios. Pegamos água a 17°C, montante, jusante, águas-vivas, esgotos flutuantes, ondas de dois metros. Sim, mas tinha o depois da água. Piqueniques luxuosos, queijos, frios, pães, churrascos, cachaças, vinhos, e o que mais se possa imaginar de uma turma criativa.

Depois dos treinos da natação, o almoço no Expresso. Conversávamos seriamente por um tempo, todos profissionais competentes, sisudos até, para depois explodirmos em gargalhadas. Ali, só um bando de moleques contando as malfeitorias diárias.

Defendemos a camisa do Cap inúmeras vezes. Fomos campeões



nuns cem títulos ou mais. Minhas medalhas dariam pra encher o tanque, hoje. Desfiz-me delas. A imaterialidade das conquistas é mais pesada, mais intensa.

Entre um tênis e um maiô, houve sempre um livro. Papai levou o atletismo para a ESALG – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz – nos anos 1930, e buscava sua energia devorando livros. Devo a ele minhas duas paixões, livros e esporte. As palavras me levaram à mudança de profissão aos cinquenta anos e ao que sou hoje. Quando comecei a escrever era só prazer pessoal. Depois virou profissão. Hoje sou editora, descubro o talento de cada novo autor. O esporte me deu disciplina, compreensão do eu e do outro, a importância do grupo.

Um dia, saindo de um treino, uma conhecida perguntou, o texto publicado na revista é seu? Sim, era meu, um primeiro lugar no concurso da Acesc – Associação de Clubes Esportivos e Socioculturais de São Paulo. Adorei, disse ela, e pensar que saiu da sua cabeça, né? Saiu, sim, da minha cabeça, levei como elogio. Às vezes somos o que aparentamos, outras vezes nos escondemos na aparência. Ganhei outros prêmios literários, alguns muito importantes, alguns internacionais. Papai não estava aqui pra ver. Mas eu estive pra lembrá-lo. Conservo sua Olivetti portátil entre meus troféus.

Confraternizar é a palavra. E não consigo pensar no clube sem pensar nas pessoas que fizeram e fazem parte de minha história. Esse grupo desfez-se por muitos motivos. Mas continuamos conectados, respiramos do mesmo ar, tomamos da mesma água. Somos irmãos.

As ligações afetivas ficam. As gerações se sucedem e, hoje, somos nós os que se sentam na esquina do bar, tomam seus drinques e veem passar a moçada tiktok. Que bons tempos esses de agora, mesmo em isolamento. Para viver, e espero que vivamos muito, e contar as nossas histórias.

## O sol nosso de cada dia

| Às primeiras horas a névoa branca recobre tudo com um véu que deixa implícitas as formas do que está por vir, se um dia, uma ideia, uma nova vida. O que será apenas se intui, como um esboço que aos poucos desenha os contornos. O conteúdo será definido pela presença de cada um. Há um som de natureza despertando a noite e ouvidos atentos podem escutar o anúncio de futuro nos ruídos diversos, um acorde que se destaca em meio ao afinar dos instrumentos. Aparecem mães e babás com carrinhos, circulando à procura dos primeiros raios de sol para os bebês.

Tudo é novo, tudo é descoberta. Os tropeços mostram novas possibilidades e à medida que a manhã vai avançando, outras cores se mesclam à luz, aumentando o alcance do olhar. O desenho do início vai tomando forma e dimensões próprias, e ainda que alguns desacertos revelem insegurança, é certo que o potencial irá se manifestar, superando as mais otimistas previsões. Crianças passam enfileiradas na alegria de alguma atividade recreativa, como se testassem seus limites sem jamais alcançá-los. Ao redor, os espaços vão se ampliando e se reinventando.

Vem o momento em que não existe sombra alguma. Tudo se vê e se escuta, o movimento das águas, o suor dos corpos, a sede, a fome, o prazer do encontro. O crescimento não é mais uma tendência, é uma necessidade que se confirma. Dentro e fora novos projetos, muita inspiração, alvoroço e energia extravasando e desaguando a represa. Adolescentes e esportistas

se misturam em sua euforia de exercício e prazer. E embora as fronteiras estejam demarcadas, a sensação é de que o mundo é horizonte que se conquista e as distâncias são mares a navegar.

O Sol vai seguindo seu caminho e a luminosidade difusa revela tonalidades intermediárias e surpreendentes, uma nova paleta de cores que se forma na claridade oblíqua da tarde. É hora de usufruir com calma e não menos prazer o que se tem diante dos olhos, o que um dia foi projeto e ganhou vida própria, a utopia do desejo realizado. Como se através de uma lente grande-angular, tudo é acolhido e apreciado, novos sabores entram no cardápio. É hora de relaxar, afrouxar a gravata e silenciar movimentos bruscos para ouvir os vestígios do dia que se encerra entre encontros e cumplicidade, alguns bocejos e o tilintar de copos e brindes.

O fim da tarde tinge os contornos da vista e quando o Sol esconde sua trajetória, luzes artificiais deixam à mostra as sombras que se alongam na penumbra. Os sons agora são de outra natureza, às vezes mais graves porém ainda belos, e a memória do passado, com suas vitórias e também derrotas, por que não, pode ser celebrada ao redor de um sentimento compartilhado por todos nós diariamente reunidos no ginásio no cinema na academia na biblioteca no auditório em volta de uma mesa junto a outras mesas em um restaurante à beira da prainha que circunda a piscina sob o céu estrelado da noite branca e vermelha do eterno clube de nossas vidas.

## Palácio das Crianças

| O elevado número de associados acelerou a intenção que a Diretoria do CAP possuía de fazer uma mudança estrutural construindo um novo prédio social, e foi neste momento que meu pai se associou. Era o ano de 1947 e o número do título 264. No início de 1957, foi criado o Departamento Infanto-Juvenil e o Jardim da Infância. Na edição da revista oficial do clube de Janeiro/Fevereiro de 1957, a manchete foi o jardim de infância, com o nome de “Palácio das Crianças”. Um trecho da publicação fala que seria uma escola nos moldes educacionais mais modernos, com professores extremamente competentes e um programa de atividades invejável, sem a rigidez disciplinar dominante em outras escolas, mas cercada de carinho e afeto. As atividades aconteceriam, na sua maior parte do tempo, ao ar livre, sob a orientação de especialistas, com crianças entre 4 e 6 anos. Os horários eram das 8h30 ao meio-dia e das 13h30 às 17 horas. Entrei em 1958, no período da tarde. Lembro-me de estar no clube todos os dias e que era bem gostoso. Todos usavam o mesmo uniforme, um macacão curto bufante vermelho com o logo do CAP, camiseta de manga curta, meias curtas e tênis branco.

Adorava ir para o jardim da infância. Tudo muito leve e agradável. Cantar na hora que precedia o horário de descanso ao som do violão no esplendoroso terraço, criado por Warchavchik, ainda está vívido na minha memória. Fazer as atividades de pintura, assistir ao teatrinho de marione-

tes, aprender a dançar no palco ao som do piano da Dona Jurema, era uma emoção. No primário fui para outra escola. Algumas atividades continuavam no clube, só que agora na companhia de meus pais.

Mais para frente voltei a frequentar o clube assiduamente. Já andava sozinha e pegava o ônibus elétrico na rua Augusta, perto da esquina da rua Luiz Coelho e ia até a Estados Unidos (na frente do clube). Fazia natação com o Igai e adorava o lanche que ganhávamos depois. Um sanduíche com suco no bar, hoje Expresso.

Depois, durante um tempo, frequentei cursos. Fiz muita ioga, com a professora Celeste, e ginástica. Casei-me, fui morar longe e perdi contato com o clube. Quando meu filho tinha 2 anos viemos morar perto do CAP, de novo, e aí comecei uma nova fase, a de mãe. Quando o André ficou maior, ele ia fazer ginástica olímpica, natação e jiu-jítsu. Deixava-o no clube com a Maria, que o acompanhava.

Esse tempo passou também, e meu filho começou a ir sozinho ao clube. Fui morar na Califórnia por 13 anos e, depois, na sequência, dois anos em Miami. Nunca me passou pela cabeça desligar-me ou pedir afastamento, e sempre que vinha a São Paulo ia comer a deliciosa feijoada e ia à piscina.

No final de 2004, voltei ao Brasil definitivamente e, em 2006, resolvi frequentar o clube. Troquei ideias com a Helô Bello Barros do que deveria fazer como atividade, e aí me deu o estalo de participar da Oficina Literária sob a batuta da May Parreira. Eram as últimas aulas daquele semestre e o grupo não estava aberto (tecnicamente) a novos alunos, mas fui bem recebida e sou grata até hoje. Aprendi muito nessas aulas.

Em 2007, comecei a namorar um colega de oficina e daí ao casamento foi o tempo natural. O desejo de devolver ao clube tudo que tinha recebido era forte e pensei que poderia fazê-lo me tornando Conselheira, um cargo mais focado e direcionado às minhas intenções e objetivos.

Ao longo do caminho, fui convidada pela Presidência para fazer parte da Diretoria assumindo a segunda diretoria do Departamento Cultural. Recebi apoio integral para fazer todas as modificações que fossem necessárias no Recanto Infantil, que passava por uma fase de falta de vagas para os

candidatos a alunos e uma fila enorme a ser encarada para quem quisesse frequentar. Trabalhamos muito mesmo, porque era como achar a meada de um novelo emaranhando ao extremo e, para tal, contei com a eficiente ajuda de toda a equipe do Cultural, sob a gerência de Silvana Marani. Só posso dizer que ao final de um trabalho hercúleo de todos os envolvidos, até sobraram vagas!

Trabalhei também na Comissão de Normas e, entre outras coisas, criamos normas de funcionamento geral e de entrada e saída no Recanto, normas que ainda não existiam. É importante ressaltar que nenhuma andorinha faz verão sozinha e contei, no período em que estive na Diretoria, com o suporte e amizade de todos da mesa diretora.

Sinto que foi um período frutífero, em que tive a oportunidade de devolver ao clube, e em especial ao Recanto Infantil, o amor, acolhimento e carinho que recebi quando criança. Interessante como o universo nos favorece para devolvermos aquilo que recebemos.

Existe muito ainda para fazer, pois o que recebemos quando estamos iniciando o nosso enraizamento permanece dentro de nós e não temos como saciar a vontade de expressar de forma concreta e eficaz nossa eterna gratidão. Afinal, entrar nas primeiras turmas do Recanto Infantil e participar de um projeto ousado, moderno e bem-sucedido do CAP me tornou uma privilegiada na vida e uma fã fervorosa deste clube onde nasci.

## As velhas ruas

| Ah, aquelas ruas de antigamente!

Como eram gentis ao permitir que pisássemos em suas calçadas, no trajeto de casa para o clube, cumprimentando-nos com os galhos de suas árvores. Galhos, que, vergados pela brisa da manhã ensolarada, quase nos tocavam. Jovens, saltitávamos tagarelando e rindo sem outros pensamentos além da perspectiva de um mergulho na piscina ou do encontro com a turminha. No trajeto, a pé, através dos oito quarteirões da Estados Unidos, brincávamos de não pisar nas riscas do caminho ou, então, só para ouvir os estalinhos, esmagávamos com a ponta das sandálias aquelas florzinhas roxas que, caídas pouco antes, forravam o chão. Depois, na piscina, estiradas ao sol, com a pele ardendo e os olhos sonolentos, sentíamos entrar pelas narinas o cheiro característico do cloro. Às vezes descerrávamos as pálpebras para ver passar aqueles chumaços de nuvens brancas que imitavam figuras exóticas e que aos poucos se dissipavam. O som de um mergulho com estrondo, o gritinho entusiasta de alguma criança e o fiu fiu de um assobio elogioso, povoavam ruidosamente o ar naqueles momentos. Tudo transpirava tranquilidade e o coração enfartado, empanturrado de satisfação, sentia a vida com natural felicidade. Hoje, passando pelas ruas de antigamente, solitária, procuro pelas árvores gentis que envelheceram. Seus galhos ressequidos não me reconhecem, apenas me ignoram. E raízes gemem espremidas entre o asfalto. Não existe como antes, nem sol,

sempre escondido sob a poluição, nem brisa, nem entusiasmo juvenil. Os passos trôpegos, sem querer, esfregam os sapatos nas riscas dos desenhos da calçada. A pele já não arde, os olhos não mais conhecem o sono e o olfato perdeu a intensidade. As brancas nuvens em chumaços diluem-se no cinza. Os momentos não são mais povoados de satisfação. O coração ressentido constrange-se em apatia. Busco raras flores pelo chão e tento não calcá-las para não ouvir os estalinhos que destruiriam as recordações que cada florzinha roxa guarda dentro de si.



. . . . . Carlos de Faro Passos  
e Maria Lúcia Perrone Passos

## Club Athletico Paulistano: rua Honduras 1400, Jardim América

| Os velhos mapas registram as marcas da passagem do tempo e as transformações inerentes ao crescimento urbano. Interessá-nos, contudo, desvendar, nos mapas que acompanham o texto, “o que permanece na mudança e compreender, na mudança, o que fica.”\*

Na cartografia da cidade de São Paulo, desenhada por topógrafos, engenheiros, arquitetos, historiadores, encontramos valiosos subsídios que evidenciam a evolução urbana daquela *aldeia* de finais do século XIX, com 26.000 habitantes, até a metrópole de nossos dias. São Paulo, centro de convergência e irradiação de caminhos, é elevada em 1711 à categoria de cidade, e seus caminhos e vias fluviais quinhentistas, seiscentistas e setecentistas perdem importância, com o passar do tempo, para os novos arruamentos. Em 1753, Manuel Cardoso de Almeida é nomeado “oficial arruador”.

Em 1836, de acordo com o primeiro censo oficial, São Paulo tem 21.933 habitantes, 4.068 casas, dez freguesias. A localização geográfica, os lucros da produção do café, o início da imigração e o movimento das gentes, de produtos e de capitais irão levá-la a assumir, cada vez mais, o papel de entroncamento de caminhos. A estrada de ferro proposta pelo Barão de Mauá, a *San Paulo Railway*, implantada pelos ingleses, primeiro corredor de exportação do país, ligou a produção cafeeira do planalto central ao porto de Santos. Eurípedes Simões de Paula, historiador, chega a afirmar que a data de inauguração da “Santos-Jundiaí”, 1867, é a “segunda fundação de São Paulo”.





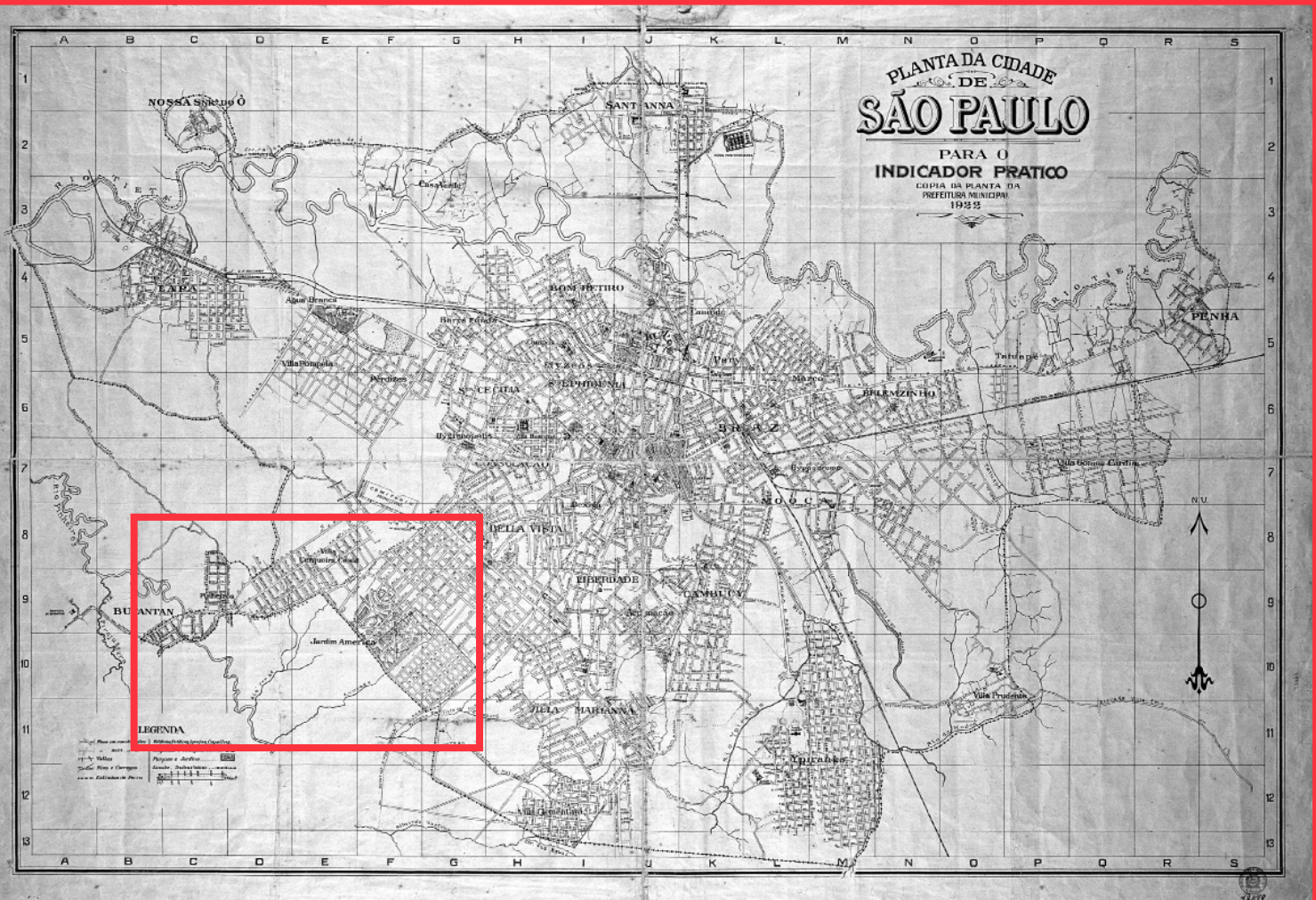
Planta da cidade de  
São Paulo  
(1913)



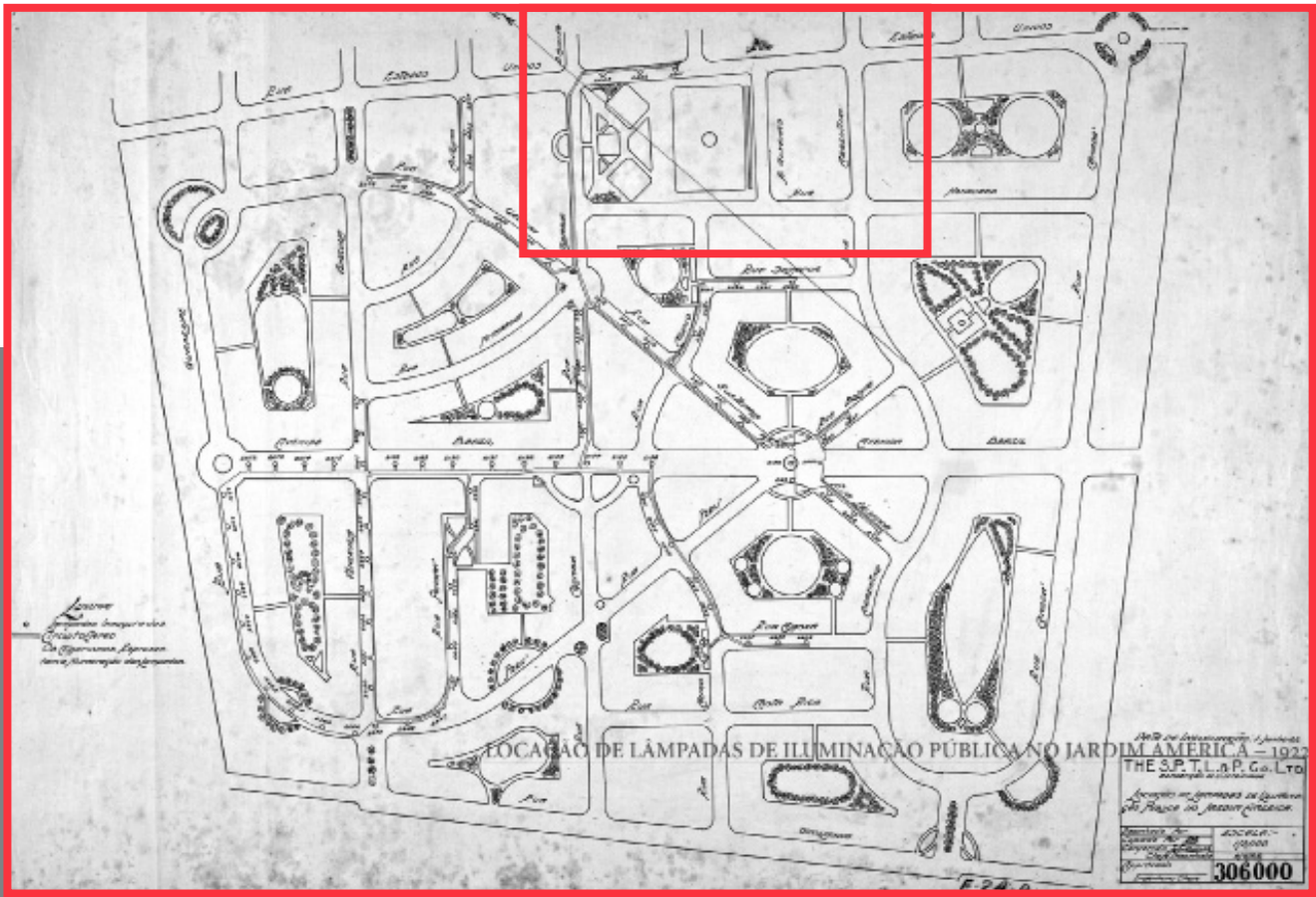
Em 1907, a Lei do Povoamento do Solo permitiu a entrada no país, em apenas oito anos, de quase um milhão de italianos, alemães, eslavos, saxões. A pujança da economia cafeeira, cujo excedente foi aplicado nas fábricas alimentícias, químicas e de tecelagem, e o surto de modernidade ocorrido durante a Primeira Guerra Mundial transformaram São Paulo num centro industrial. As principais associações esportivas da capital paulista congregavam principalmente elementos das colônias estrangeiras, como o São Paulo Athletic Club, criado pelos ingleses, e o Sport Club Germania, por alemães. Em 30 de novembro de 1900, na Rua São Bento, 61, um grupo de jovens decide, então, fundar um clube composto por elementos predominantemente brasileiros: o Club Athletico Paulistano. Em 1901, a primeira sede instala-se no Velódromo Paulista, na Rua da Consolação.

No final do século XIX e na primeira década do XX, a urbanização da cidade adota a ocupação tentacular das chamadas *patas de aranha*, representadas pelas linhas de bonde da São Paulo Tramway Light & Power. Numa associação de interesses entre a municipalidade, a Light e a City, que adquire quase 13 milhões de metros quadrados de terrenos, correspondentes a 37% do perímetro urbano, garante-se eletricidade para os lotes e moderno sistema de transportes coletivos. Entre 1901 e 1912, são implantados 188 km de linhas, o que acelera a ocupação de Santana, Ipiranga, Pinheiros, Lapa e Penha. Com a instalação de linhas de bonde servindo os novos bairros, os espaços vazios serão preenchidos por loteamentos no Jardim América, no Pacaembu e na Lapa.

O Jardim América – Tendo por meta mudar a cara da metrópole em formação, a City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited, a “City”, adquire 1.096.375 metros quadrados de terras; pertencentes, anteriormente, aos coronéis Joaquim e Martinho Ferreira da Rosa, tinham fama, no passado, de esconderijo de bandidos. O reconhecido urbanista Barry Parker, responsável por um bairro-jardim num subúrbio de Londres, é contratado; toda a área, já então denominada Jardim América, é drenada e urbanizada com rede de água e esgotos, energia elétrica, gás e iluminação pública. Os terrenos são grandes e caros, e os jornais da época



Planta da cidade de São Paulo mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados (1922)



Locação de lâmpadas de iluminação pública no Jardim América (1922)



garantem uma vida no campo no centro da cidade: “Vida tranquila e sadia em plena capital e com o conforto das grandes metrópoles — só no Jardim América”.

Em 1891 fora aberta a Avenida Paulista no espigão central, e em 1921 surgem o Jardim América e o Alto da Lapa; em 25, o Pacaembu e o Alto de Pinheiros, em 35, o Butantã. Entre 1910 e 1920, o desenho das ruas destes bairros despreza o traçado regular, em tabuleiro de xadrez, adaptando-se às curvas de nível nos terrenos mais irregulares, como no Pacaembu, por exemplo. Em 1915, com recursos angariados por seus 30 associados, é comprada grande extensão de terreno da City – 23.000 metros quadrados – na Villa America, o lamaçal que viria a ser um dos mais belos bairros da cidade – o futuro Jardim América. Posteriormente, foram adquiridos cerca de 4.000 m<sup>2</sup>, alcançando área total de 27.000 m<sup>2</sup>. Ali são construídos a nova sede, campos de futebol e de jogos olímpicos. Na inauguração, em 29 de dezembro de 1917, o poeta Olavo Bilac “profere uma oração e alça o pavilhão comemorativo da efeméride”. \*\*\*

Em 1918 a gripe espanhola assola São Paulo, fazendo parar a cidade. O Club Athletico Paulistano é transformado em hospital, com ambulância própria e entrada pela Rua Colômbia. Reabre apenas em dezembro daquele ano. Perante a necessidade de construção de um campo de atletismo, o prefeito Firmiano Pinto promulga lei especial. Em troca de terreno adquirido pelo clube, separado da parte original pela Rua das Guianas, a municipalidade cede uma praça pública para a City. No ano de 1926 inaugura-se a piscina, com a presença do recém-eleito presidente da República, Washington Luís.

Na década de 1920, os novos bairros são servidos por ônibus e crescente número de automóveis. O Plano de Avenidas de Prestes Maia (1930) resultará na reestruturação da cidade, e o Edifício Martinelli (1934) torna-se o símbolo da ascensão do imigrante e do início da verticalização de São Paulo. Canalizam-se córregos e riachos, sobre os quais implantam-se avenidas de fundo de vale, e a impermeabilização do solo agrava o problema das enchentes, que afetam pontos urbanizados. Intensifica-se o processo de loteamentos clandestinos e a concentração de renda com exclusão ter-



Planta da cidade de São Paulo: mostrando todos os arrabaldes e terrenos arruados (1924)

ritorial dos mais pobres, como tão bem aponta o *Atlas Ambiental do Município de São Paulo*.\*\*

Reconhecida instituição de origem francesa, criada e dirigida pelo Padre Lebret, aponta as preocupantes consequências sobre os aspectos econômicos, sociais e urbanísticos do fenômeno resumido no famoso slogan: “São Paulo não pode parar”. Com mais de 1.500 km<sup>2</sup>, é hoje uma das maiores cidades do mundo.

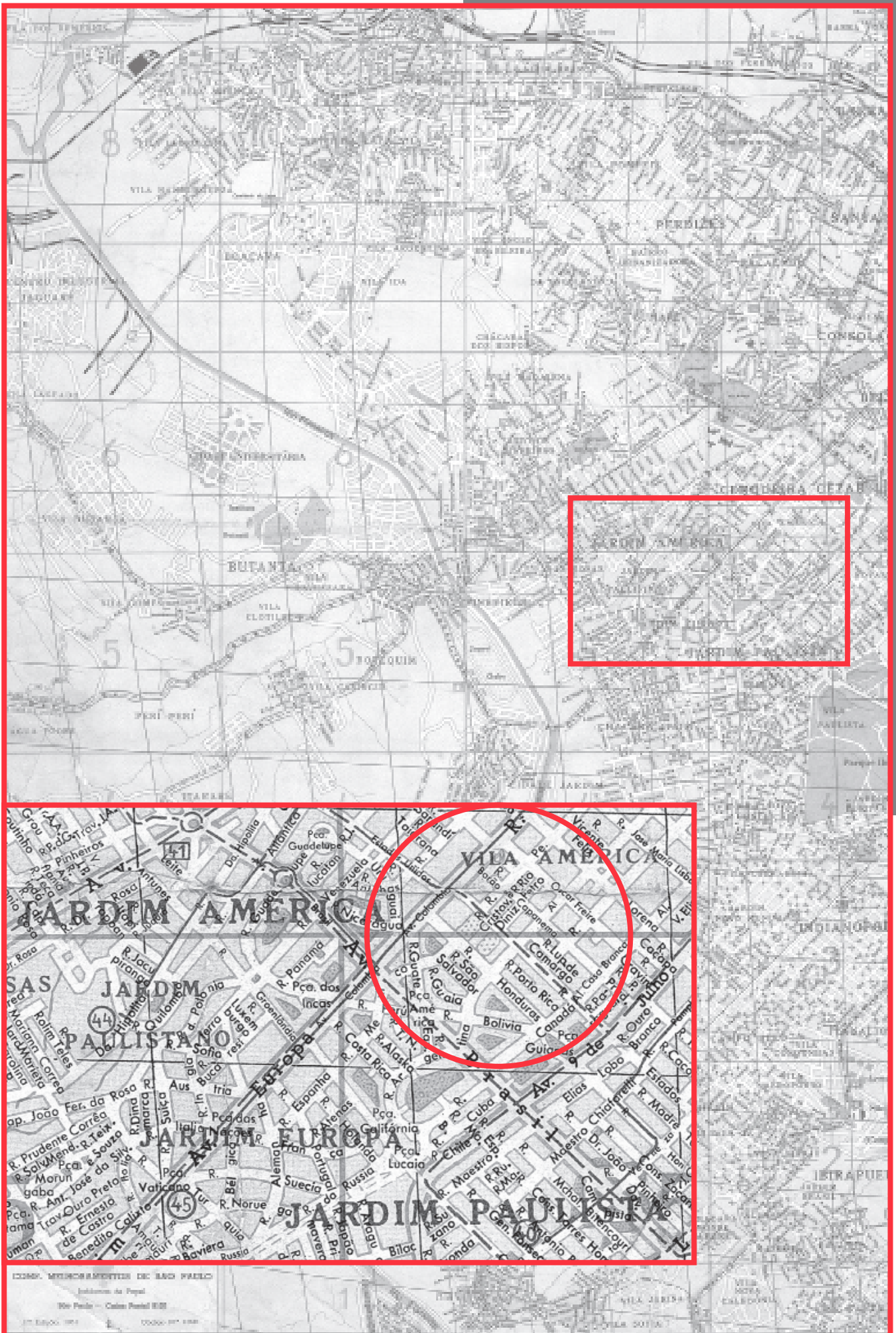
Em maio de 1930, o jornal *O Estado de S.Paulo* anuncia ainda “Luxuoso palacete no Jardim América, Rua Honduras (...). Uma quadra do Paulistano, rua asfaltada, ultra moderno, fino e recém acabado. O mais belo do Jardim América, 6 dormitórios, grandes salões, magnífico hall e quartos de banho, garagem para dois autos”\*\*\*

Em 1935, o antropólogo Claude Lévi-Strauss, em seu livro *Tristes Trópicos*, escreve: “A cidade desenvolve-se com tal rapidez que é impossível encontrar-lhe um mapa: cada semana exigiria uma nova edição”\*\*\*\* Ainda encontramos no *Diário Popular*, porém, anúncios como este, de 1938: “Desapareceu cachorro Fox-Terrier. Perdeu-se ontem nas imediações do Club Athletico Paulistano. Gratifica-se a quem entregar à rua Venezuela”\*\*\*

Na década de 40 um grande número de construções invade o Jardim América, e a preocupação em preservar seu caráter residencial chega ao ponto de proibir-se a existência de colégios no bairro. A Avenida Nove de Julho estende-se e ultrapassa os Jardins América e Jardim Europa. Em 1954, como parte das comemorações do quarto centenário de São Paulo, o Parque do Ibirapuera, projeto de Oscar Niemeyer, é entregue à cidade, que já conta com dois milhões de habitantes. Em meio a tal imensidão, porém, o Jardim América, agora um bairro bastante central, preserva ainda seu caráter residencial, apesar de percorrido por filas de trânsito ou corredores comerciais, como a Avenida Brasil, a Rua Estados Unidos e a Avenida Nove de Julho.

A história do Club Paulistano registra, por certo, as marcas da passagem do tempo: “A construção de cidades é uma das grandes conquistas humanas; determinada, pelo povo que a habita, ela é, porém, um impiedoso indicador do estado dessa civilização.” (Edmund Bacon, *Design of Cities*).





São Paulo: projeção hiperboloide com rede quilométrica (1951)



Esta narrativa sobre a história do Paulistano é uma história de amor. É para lembrar que além dos tijolos e concreto, ele foi construído por pessoas que conhecemos, e seus antepassados. E este *Caderno Literário*, um álbum de família com variados textos que registram as mudanças pelas quais passou, desde sua inauguração até hoje.

É preciso procurar entender, na mudança, o que fica\*, o que tem valor, o que deve ser preservado.



São Paulo: Jardim América (Google Earth, 2020)

### Obras consultadas e/ou citadas:

\* Ulpiano T. Bezerra de Meneses, *Prefácio de Desenhando São Paulo, Mapas e Literatura*, de Maria Lúcia Perrone Passos e Teresa Emidio, São Paulo, Editoras Senac São Paulo e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (IMESP), 2009.

\*\* *Atlas Ambiental do Município de São Paulo: o Verde, o Território, o Ser Humano*, da Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, 2004.

\*\*\* Ebe Reale, *Brás, Pinheiros, Jardins, três bairros, três mundos*. São Paulo: Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo, 1982.

\*\*\*\* Claude Levi-Strauss, *Tristes Trópicos*, São Paulo, Editora Anhembi, 1957, e o belo texto de Ignacio de Loyola Brandão: *Club Athletico Paulistano: Corpo e alma de um clube centenário (1900-2000)*, São Paulo: DBA Artes Gráficas, 2000.



Treinamento dos remadores alvirrubros na Raia Olímpica da USP. Década de 1970.



# Num abraço reunir



Baile de Inauguração do Prédio social realizado em seu belíssimo Salão de Festas, 18 de outubro de 1957.



- Afluência marcou a
- história da piscina
- antiga do Paulistano.
- Registro da década
- de 1950.

· · · · · Ricardo Lahud

# Vista aérea

Trampolim alto  
olhares de pássaros  
até a queda

## A noiva

| Todos que entram no Paulistano passam pelo Expresso, onde os caminhos se cruzam. A maioria dos sócios para, neste agradável ponto de encontro. Excelente lugar para colocar as notícias em dia, e as recentes fofocas.

Uma combinação de bar, lanchonete, cafeteria, restaurante e boteco, que recebe gente de todas as faixas etárias durante seu extenso horário de funcionamento, que vai diariamente das 7h às 23h30.

À parte a intensa agitação dos sábados e domingos, durante a semana a rotina começa com os que vêm ao Clube para praticar algum esporte no início do dia e ali fazem o seu café da manhã. Logo são substituídos por grupos de senhores e senhoras que ocupam várias mesas perto da piscina, onde passam boa parte da manhã em alegre convívio.

A aparente calma logo dá lugar ao burburinho que anuncia a chegada do meio-dia, quando há ocupação completa por pessoas que chegam para um almoço rápido. Rapazes de terno e moças elegantes, sempre acompanhados de seus indefectíveis laptops.

No período da tarde o que mais se vê são as crianças que ali aparecem, para um sorvete ou um lanche com as mães ou avós, muitas com suas atentas babás. Outro grupo animado é o dos adolescentes barulhentos, mais independentes, que se reúnem em mesas enormes, a maioria com uniforme de algum tipo de esporte.

Logo a seguir vem o happy hour daqueles que deixaram o trabalho



para um drinque com os amigos, muitos mantendo-se fiéis a uma determinada mesa, no local de sempre, com o mesmo grupo de pessoas. Alguns permanecem para jantar enquanto chegam os atletas, principalmente do futebol, para uma festiva confraternização, independente do resultado. E assim a vida segue até o garçom aparecer, compungido, para informar que já é hora de fechar.

Foi certa vez, nesse horário, que pedi um último chope e aproveitei para esclarecer com o simpático maître uma grande e antiga curiosidade.

– Amigo, vi que o cardápio daqui tem mais de 700 itens entre alimentos e bebidas: verduras, frutas, carnes, peixes, sobremesas, vinhos, cervejas. Mas o que me intriga são os pães, consumidos o dia todo em sua extensa variedade que inclui pão francês, ciabatta, integral, de forma, de hambúrguer e até sem glúten. É tudo feito aí na cozinha? Ou os pães se multiplicam conforme as necessidades de consumo? Pois jamais vi alguém chegar com carrinhos para reposição do estoque. Olhe que às vezes passo muito tempo aqui trabalhando com o meu laptop. Aliás não vejo reposição de nada.

– É invisível. Você tem razão.

– Como assim?

– Existe um túnel.

– Interessante a logística, nunca imaginei.

– Pois é, todas as cozinhas do Clube são abastecidas através de um longo corredor subterrâneo, bem abaixo de seus pés. Ele sai da área de almoxarifado e depósito, que fica no subsolo do Prédio Novo, e percorre 95 metros de comprimento até a cozinha do restaurante Boulevard. Antes passa pelas cozinhas do Expresso e restaurantes do primeiro e segundo andar, que são atendidas por elevadores monta-cargas. Tudo por ali. Mercadorias, garçons e funcionários das cozinhas. A movimentação é enorme e nos finais de semana o tráfego é intenso para que ninguém deixe de ser atendido.

– Então os pães vêm direto da padaria através do túnel.

– Sim, pães fresquinhos da nossa padaria aqui dentro do Clube.

– Bom saber. Posso pedir um favor?



– Claro.

– Fiquei curioso, você me levaria para conhecer o túnel, depois que estiver tudo fechado?

– Me desculpe, mas neste horário eu não boto os pés lá nem que me paguem.

– Puxa! Qual o motivo?

– Coisas estranhas que acontecem quando lá está vazio.

– Sério, você sabe de alguma história?

– De várias, mas vou lhe contar uma que aconteceu há cerca de dez anos.

– Diga.

– Certa noite um sócio dormiu em algum canto e, quando acordou, estava tudo escuro pois o Clube já havia fechado. Saiu tateando à procura de alguém e quando passava pelo térreo notou um certo ruído na cozinha do Boulevard. Foi até lá, e em meio à penumbra viu uma luminosidade que vinha de um depósito ao lado. Entrou e notou uma luz vindo de uma estreita escada em U que leva ao andar inferior. Desceu apoiando-se no frio azulejo da parede e percebeu uma crescente luminosidade proveniente da entrada do túnel. Deu alguns passos e deparou-se com um vulto iridescente, a imagem de uma linda moça, vestida de noiva, que chorava caminhando em sua direção. Congelou. Tomado de terror a ponto de não conseguir mexer um músculo sequer. Impossibilitado de andar, prestes a desfalecer, sentiu o forte golpe de um fiscal da segurança que o puxou pelo colarinho, e o arrastou escada acima. Atravessaram a cozinha aos trambolhões, derubando tachos e panelas até chegarem ao restaurante.

– E ele desmaiou?

– Não. Saiu correndo sem olhar para trás, em direção ao muro da rua Estados Unidos. Nunca mais foi visto aqui no Clube.

## delírica

é bem provável que eu  
tenha escrito isso

I  
amanhece.  
parece que todos os sorrisos foram para o outro lado do muro.  
da preguiça que já não, abre a veneziana indo perder olhares na paisagem  
úmida. a paisagem, ou úmidos seus olhos, ainda não sabia bem. bocejo  
que se resolve em tosse. pigarro. ensaio da palavra prima. bom dia,  
arrisca, desafina. desatino... bom dia, meu bem, como assim

II  
amanhece como se não.  
abre a janela à beira da não orla.  
duvida se abertos seus olhos. paisagem nublada. imagem de catarata. olha  
desconfiada para um certo céu que não encontra. pensa nuvens vertendo  
véus beges sobre a terra, e nesse segundo capítulo, o pensamento voa ao  
encontro da memória

III  
amanhece como se todos os sorrisos tivessem ido para o outro lado  
daquele muro divisor de mágoas. as de dentro. as de outrora. lembrar,  
não. aquecer, talvez. a planilha da pilha, a pressa das pernas, esteira, peso,  
pedal no suor previsto... mas na pista, o risco no chão proíbe o intento.

corde. corte seco. a gota suada que na testa faltava, naqueles olhos não faltava mais

#### IV

amanhece lento, como se sonhos ruins incorporassem pelúcias ao seu vestuário. respira devagar à espera de um rumo, e num sorriso raso conclui que nesse capítulo todas as figuras mergulharam num fundo azulejado. corre seus olhos para além das águas plácidas, e nada! pela pérgula vazia, pensa em quem será que já não vive lá. de olhos apertados, começa a se esquecer de um por um dos desassociados, conectados a um espaço que não mais lhes corresponde. por quem será que, agora, a Esquina dobra. e como se brinda hoje às happy hours, com a Prainha blindada. e para o café com biscoitos, esperar por quem. e por quem esperam os livros em quarentena. e o que faz ferver a pista do Desmanche restaurado. e qual foi a caçapa que aboliu a bola da vez. e que lugar é esse onde anoitece como se personagens em pelúcia incorporassem feras desenjauladas em seus vestiários

#### V

amanhece sozinha.  
mas em qual capítulo que não foi assim.  
um solzinho envergonhado ilumina vidraças, e esses cabelos ainda de cloro, quem desembaraçá-los há de. mexe aquelas mechas castanhas de um lado para outro, como quem busca um tostão de vento. nas ventas, madeixas alheias entranhadas às suas. treme ao se ver fundida àquelas imagens de ausência. ducha. vapor. enlaçamento do desejo na própria imagem embaçada. na miragem de si evaporada. transparente. sumida. apartada do próprio contorno

#### VI

Isso! a toalha! na toalha isolaria o corpo retirado.  
seu corpo febril talhado nas fibras do algodão.  
agora sim. agora assim, ela, nenhuma nem outra nem alguma.

a toalha se estende ao sol.

na toalha branca seu corpo se bronzeia distendido no varal, e ela não se encontra no propósito da ausência. desencorpada.

ausente no depósito de si mesma, sonha um espelho feito à mão, a mãos apertadas, a olhos nos olhos, a bocas caladas em distintas faces... e com o beijo não dado, que no suposto evento, aqui se dá.

fecha os cílios da veneziana para escapar da solidão.

fecha-se em cada fio do linho confidente e sonha agora só para alimentar intervalos. sonha para entreter a noite, mas a noite, distraída, adormece em meio a um sonho do outro lado do muro

## VII

amanhece como se a lua viesse servida entre pães para o desjejum chuvoso. sua dúvida é servir-se, ou eternizar a noite na louça branca do café da manhã

## VIII

dizem que depois do sétimo capítulo, nunca mais amanheceu.

## E assim o tempo passa

| Eu vivia na casa de Elisa e tudo ia muito bem.

Mas um dia percebi movimentos estranhos na casa. Caixotes jogados na calçada à espera dos lixeiros. Carroças cheias de bugigangas e eu assustada. O corre-corre das pessoas com malas e pacotes, um sobe e desce maluco, sem falar nos móveis que saíam pelas portas carregados por gente que nunca vi por aqui. Eu atordoada com a bagunça. O que seria?

Elisa me diz baixinho:

– Kaká, não fique triste, você não pode ir comigo, nós vamos embora daqui. Mas eu vou te deixar num lugar lindo e prometo que vou te ver todos os dias, tá bom?

| Sem tempo para despedidas, ela me leva pra outro jardim. Escondida no escuro por vários dias fico pensando, onde estou? Arrisco colocar a cabeça para fora e vejo um jardim.

– Um canteiro de rosas. Algumas vermelhas e outras de todas as cores. Que bonito!

Consigo ver tudo daqui debaixo e também sentir o perfume, igual ao de lá de casa, bom demais. Como é gostoso andar por essa terra coberta de pétalas. Mesmo com receio ando mais um pouco e logo vejo uma piscina azul. Sigo devagar rente à grade e fujo de pessoas barulhentas.

– Ai... levei um chute.

Me escondo para escapar de outro mais forte. De repente, uma voz familiar. É ela, minha amiga Elisa, que me pega no colo:

– Kaká, não falei que vinha te ver? Aqui é o meu clube, o Paulistano, onde venho todas as tardes desde pequena. Nessa piscina faço minhas aulas de natação. Todos os dias nado dez vezes pra lá, dez pra cá. A água é gelada, mas a gente acostuma e o calor logo vem. Você tome cuidado para não cair lá dentro, tá? É muito fundo.

Ela me oferece uma banana e continua a falar:

– Vamos dar uma voltinha... Ali ao lado fica a sede, onde a gente almoça todos os domingos. Nesses dias, coloco meus vestidos novos, os mais bonitos do guarda-roupa. Em frente, tá vendo aquele prédio redondo? Foi construído para jogos de vôlei e basquete, sabe? Aqueles jogos com bola de que você tem medo. É um grande ginásio de esportes com muitos lugares pra gente assistir todos os campeonatos. E minha mãe me contou que, às vezes, vem assistir a shows de artistas famosos ali.

Ela fala, fala e fala. Conta coisas incríveis e me leva até outro lugar.

Escuto crianças cantando. As batidas do tambor saem pela janela e eu estico a cabeça para ouvir melhor: “Marcha, soldado, cabeça de papel...” Até me dá vontade de marchar. Elisa percebe a curiosidade e me conta que ali é a escolinha do clube e parece que mudará de nome pra Recanto Infantil.

– Sabe o Cássio, meu irmão mais novo? Ele está na classe da tia Jurema e adora as aulas de iniciação musical, sabe?

Fico pensando no garoto levado, que vivia cantando pelo jardim da outra casa.

– Vamos ficar aqui nesse banco esperando a dona Malu, que toca o sino. Ela, quando me vê, chama: “Estrela!”

Que barulhão! Encolho minha cabeça de tanto susto. Ela me abraça e fala com carinho:

– Kaká, é o sino. Vou pegar o Cássio naquela porta e já volto. Você fica bem quietinha para a dona Malu não te ver.

Em minutos Elisa retorna com o irmãozinho que logo me vê:



– Kaká, olha a Kaká.

Ele me pega bem apertado. Sinto seu calor cheio de amor e mato a saudade. Logo outras crianças o rodeiam querendo me ver. Ele me coloca no chão e pede para eu andar. Começo a dar uns passos, bem devagar.

– Tá vendo como ela é inteligente? Entende tudo que a gente fala. Para aí, Kaká.

Eu obedeço, paro, viro a cabeça para ele e espero a próxima ordem sorrindo. Afinal, quem manda no mundo são as crianças.

– Volta aqui, Kaká.

Dou meia volta e, quando chego, recebo de presente um pedacinho de banana.

Todos querem me pegar, mas o Cássio não deixa.

– Olha ali a tia Jurema, agora não dá. Ela não pode ver a Kaká. Vocês prometem que não vão contar, não é? – pede Elisa.

– Elisa, esconde! – avisa Cássio.

Ela me envolve no lenço vermelho e sai de perto da algazarra.

– Meninos, o que foi? – pergunta Jurema.

– Nada não, tia.

– O que acham de brincar de amarelinha?

– Sim! – as crianças confirmam.

Ufa, ainda bem que nenhum adulto me viu. Estou feliz, pensando na minha nova casa, um clube que até escola tem!

| Outro dia Elisa me apresenta às suas amigas. Sou rodeada por meninas excitadas que falam dos meninos, por isso sou logo esquecida.

– Cuidado com a Kaká, que é muito esperta, quando a gente fala ela entende. Psiu. Não falem dos meninos perto dela – Elisa avisa.

Às gargalhadas, saio bem devagar para não atrapalhar a conversa. Rodeio os pares de tênis, meu lenço vermelho e sacolas coloridas jogados na sombra de uma árvore gigante e vou dar uma voltinha.

Escurece. Olho em volta e não acho mais ninguém. Raízes cheias de musgos me acolhem e percebo reflexos entre os galhos da árvore, lá em cima. A luz prateada da lua ilumina e eu fico lembrando de como sou feliz nessa minha vida. É frio e úmido, me recolho e desmaio de tão cansada, protegida pela copa da imensa árvore.

Fico tempos quietinha nesse lugar refrescante, com musgo à vontade. Um forte barulho de batidas, vindas lá do lado da piscina, me acorda. Saio da carapaça bem devagar. A curiosidade é maior que o medo. Começo a andança pelos canteiros de marias-sem-vergonha procurando pelos ruídos. Chego ao roseiral e, anestesiada pelo perfume, esqueço do barulho e volto a dormir. Elisa me acorda.

– Kaká, você sumiu, daqui a dois dias será o grande dia. Venha ver como a festa será linda. Meu baile, vou dançar três valsas, Kaká.

Ela está muito alegre e me leva no colo pro lugar onde estava a piscina.

– Você viu que a piscina sumiu? Ela está sendo coberta. Veja os degraus da escada que saem da sede e parecem entrar no tablado. Espero que dê tudo certo.

Percebo muita gente trabalhando e, bem no meio daquele piso, homens fazem força para levantar um mastro enorme. Será mais alto que a árvore gigante? Muitas pessoas olham os trabalhadores e os comentários são muitos. Dizem que será difícil levantar a lona para sustentar a cobertura branca lá em cima.

– Eles estão fazendo a pista de dança onde vou dançar. Preciso ensaiar a entrada da festa com a Christine. Você quer assistir, Kaká?

Ela me coloca no cantinho, mas o barulho, pessoas apressadas correndo e uma confusão danada não me deixam curtir o ensaio. Só vejo pés, chutes e mais nada. Mas a paciência é minha virtude, espero aqui mesmo para ela me achar.

– Kaká, acorda! – diz Elisa. – É hoje. A festa. Já te falei, a minha grande festa!

Sinto seu perfume. O vestido branco brilha pelas luzes azuladas da piscina coberta. Ela me rodeia, pula e pula na minha frente. Tanto, que me atordoa. Não faz mal, eu aguento.

– Veja os babadinhos de tule da saia do meu vestido. São muitos. Mãe os cortou, um a um. Ficou lindo, não acha?

Se eu falasse, lhe diria:

– Você está linda! É a mais linda das meninas e logo será uma grande mulher.

Ela me pega com cuidado para não sujar o vestido branco. Enrolada no lenço vermelho, sigo em seu colo.

– Daqui desse lugar você vai poder ver tudo. Fique bem quietinha.

Escondida atrás de um dos muitos vasos de plantas fico olhando o cenário, sem acreditar naquela beleza. Toalhas e flores rosas contrastam com o teto branco iluminado pela luz que pisca. A atmosfera é delicada com toques de violino em músicas suaves. Uma luz forte ilumina um homem, que parece bem importante. Ele fala ao microfone:

– Hoje, 16 de setembro de 1965, o clube apresenta sócias de quinze anos na tradicional Festa das Debutantes do Clube Atlético Paulistano. Bem-vindas. Tenho o prazer de convidar o colunista social da cidade de São Paulo, Tavares de Miranda, e a modelo Christine Yufon, para ficarem conosco aqui na frente do palco. Ela preparou e treinou nossas meninas com carinho. Obrigado pela dedicação.

O tal Tavares de Miranda pega o microfone:

– Obrigado, senhor presidente Luiz Ferraz do Amaral, pela confiança em nosso trabalho. Christine, com as aulas de etiqueta, ensinou postura e classe para essas garotas e você aí, Dudu, que trouxe a nova luz psicodélica, pela primeira vez no clube, obrigado. Vocês engrandecem a festa.

Christine é recebida com muitas palmas. O vestido violeta realça a silhueta longilínea e o cabelo negro brilha. É linda. O apresentador continua:

– É um prazer conviver com essas meninas, botões de rosas, que hoje nessa festa grandiosa desabrocham em lindas flores. Esse cenário deslumbrante foi criado pela primeira vez em um clube no Brasil. Um salão de festas sobre a piscina, que exigiu o esforço de muitos setores do clube para ser concretizado. Tudo isso para possibilitar a alegria dessas jovens e de seus pais. Parabéns, presidente Luiz Ferraz do Amaral, parabéns, Paulista-

no, por essa iniciativa arrojada. Essa nossa festa ficará na história. Vamos começar, minhas meninas.

A música cresce e ele começa a chamá-las.

A primeira delas desce lentamente, degrau a degrau, acompanhada pelo som dos violinos. O pai a recebe no final da escada e a leva até o salão florido, que mais parece um conto de fadas. Os presentes, deslumbrados, a aplaudem. Assim, o Tavares de Miranda apresenta uma a uma. E eu ali, ansiosa.

– Elisa Maria Marcondes da Silva...

É ela! Que linda. Desce bem devagar, compenetrada e convencida de seu poder. O vestido cintila nas luzes. O rosto é a máscara perfeita da felicidade. Elisa criança, que vi crescer, brilha como estrela em noite de luar. Cinderela em sua noite encantada. O papai Mário a recebe com um beijo na testa e a leva em frente. Emociona. A música é linda. Os casais formam uma roda na pista.

Começa o baile.

A valsa balança o palco e os vestidos brancos, tão brancos, ficam azuis com as novas luzes, em contraste aos trajes negros de seus pares. E rodam, rodam, e rodam como prova final de tantos treinos de danças de salão. Esse momento foi um dos mais belos de minha vida. E olha que já vivi 47 anos e sei que estarei passeando pelo clube Paulistano, meu novo lar, pelo menos mais 70, aproveitando outras festas.

| Fiquei vários dias escondida atrás de um vaso. Quando acordei, voltei devagarinho para o roseiral perfumado.

– Kaká, não acredito, como você conseguiu chegar aqui sozinha, depois da festa. É longe. Olha que banana deliciosa eu te trouxe.

Elisa me acaricia e faz um convite:

– Você quer me ver pular do trampolim?

Elisa sobe as escadas até lá, bem alto, que perigo!

O vento balança o lenço vermelho lá em cima, ouço ela me chamar:

– Kaká! Olha meu salto!

E lá vem ela... de cabeça para baixo, como uma flecha, caindo, caindo. Ai, meu Deus, vai bater a cabeça na piscina. Tibum, a água se abre para recebê-la e Elisa desaparece num redemoinho. E não é que aparece logo depois, feliz da vida? Depois de muitos pulos, saltos e mais saltos ela vem me buscar.

– Kaká, você gostou? É uma delícia. Agora vou treinar muito para participar das competições do clube. Vou te deixar aqui nas roseiras.

E aqui eu fico até o dia em que as roseiras desaparecem. O perfume e as cores também somem. Para onde foram as rosas? O que faço? Elisa, onde você está?

| Até hoje, passados muitos anos, você, meu amigo, sócio do clube, não se assuste se encontrar uma velha tartaruga andando devagar, lá pelos lados do pergolado. É a Kaká, em sua busca incansável pelas roseiras, por sua amiga Elisa e seu lenço vermelho. Tartaruga que ainda, em 2020, vive entre canteiros e festas do Paulistano.

## Um mundo sem você

| Por 120 anos, você existiu. Nem sempre à rua Honduras, número 1000, no bairro que, à época de sua construção, nada mais era do que um charco lamacento. Não sei como vai ser o cotidiano, a normalidade, depois do fim dessa existência insensata a que estamos submetidos, mas, definitivamente, não quero viver em um mundo sem você.

Não somente pela convivência, pelas conversas, pelos encontros. Acredite, eu nem sou uma pessoa sociável e, muitas vezes, passei o dia vagando pelas suas alamedas, sentada à beira da piscina, lendo na biblioteca sem falar com ninguém. Mas não posso negar que você é a celebração da vida, do encontro. É a idéia máxima do convívio e da aproximação com o Outro (mesmo quando esse Outro é desconhecido e estranho).

Você é a sala do psicanalista onde encontramos alguém para nos escutar. O espaço livre para correr e extravasar as tensões da vida da grande cidade. A água azul e cristalina que desliza e acaricia nosso corpo. O sol morno de uma tarde de outono que aquece o frio, enquanto apreciamos as orquídeas penduradas em suas árvores. Você é a mesa de madeira maciça onde sentamos tantas noites para ler e escutar os textos que escrevemos, enquanto sentimos o cheiro adocicado dos livros poeirentos adormecidos nas prateleiras. Você é o alívio de encostar os cotovelos no balcão do bar para saborear uma cervejinha gelada depois de um dia de trabalho. É o escurinho do cinema, longe de qualquer problema, perto de um final feliz, como dizia Rita Lee.



Você é bola no pé, chute na trave, arquibancada cheia, cortada na rede, marcação cerrada, bloqueio, manchete, taco, bandeja, rebote e enterada. Break-point, ace, bate-pronto, dupla falta e paredão. En garde, estacada e florete. Você é o pódio dos campeões, o consolo dos que perderam, o abrigo daqueles que não querem competir.

Não sou uma pessoa exigente. Posso viver sem muitas coisas que exijam aglomerações e causem, no futuro, novas ondas de uma doença sem remédio, símbolo do flagelo de uma sociedade que esqueceu sua história e se perdeu. Dentre elas estádio de futebol, festa rave, pancadão de rap, show de música sertaneja, carreata em favor de algum presidente.

Mas um mundo sem você é um mundo pior. É um mundo sem os gritos das crianças brincando no playground, negligentemente vigiadas por centenas de moças, todas vestidas de branco, vidradas na tela do celular. Sem o olhar angustiado da mãe que entrega o filho no primeiro dia de aula do Recanto.

Um mundo sem você é um mundo sem lembranças. Dos bailes infantis no ginásio, fantasiada de cigana, correndo pelo salão, enrolando os pés em quilômetros de serpentinas jogados no chão, suada, engasgada com a batalha de confete. Do mergulho desafiador para atravessar por uma fresta duas piscinas que já não existem mais. Da dança de corpo colado no mingau. Do namorado adolescente conquistado em uma sexta-feira à noite na *boatinha*. Da primeira festa de réveillon, o traje a rigor, o pilequinho de champagne sob o olhar condescendente do pai.

Um mundo sem você é um mundo sem as melhores pessoas. Todas aquelas, muitas vezes invisíveis e anônimas, que cozinham, lavam, varrem, consertam, plantam para transformar você em um lugar tão bonito e especial, no qual temos vontade de estar todos os dias. Dona Matilde e seu Pascoal no vestiário. Aquele garçon do Boulevard que sabe qual é meu prato preferido, cujo nome nunca consigo lembrar.

Eu não quero viver em um mundo sem você. Sem você o que nos resta é a pandemia, o isolamento, a pura solidão.

## 2020 – o que significa tudo isso?

*Você reparou que 2020 é a junção de 20 e 20?  
E se subtrairmos 20 de 20, o resultado será zero?  
Sabe o que isso significa? NADA!  
(Redes sociais: dez / 2019)*

| Na verdade, dois mil e vinte foi um ano muito esperado na minha família: minha mãe completa cem anos! E, de quebra, comemoramos também os 120 anos do querido Paulistano. Ambas, datas marcantes que merecem ser festejadas.

Isolada em casa devido à quarentena pela pandemia, estou desconfiada de que, realmente, faria sentido haver algum significado místico oculto na matemática intrincada dos Algarismos de 2020.

Que início de ano! Haja reversão de expectativas.

Acalentamos cuidadosamente planos para o centenário da matriarca da família, que paradoxalmente todos conhecem por Dona Nenê, apelido de infância, por ser a caçula de três irmãs.

Ao mesmo tempo, acompanhei entusiasmada as discussões sobre os festejos dos 120 anos do Paulistano. Foram feitos muitos planos que adorei, estava animada com a perspectiva.

Para o aniversário da minha mãe, pensamos em um almoço gostoso, em que estariam presentes amigos e familiares; sim, almoço seria o mais adequado, pois poderíamos ficar à vontade, sem pressa de ir embora. Também, o programa ficaria mais leve e menos cansativo para ela.

Ainda estávamos por decidir onde iríamos celebrar. Quem sabe no Clube, no restaurante do primeiro andar, onde comemoramos tantos Dias das Mães e outras datas, em seu ambiente lindo e pratos especiais.

Mamãe, a única a restar de sua geração, sempre lúcida, inteligente e crítica, aceitou, com sua habitual resiliência, que as justas homenagens fossem postergadas, sabe Deus para quando...

Mas para nós o aniversário, no final de abril, foi frustrante. Cada um em sua casa, tivemos que nos contentar em falar com ela de longe, por chamadas de vídeo. Foi uma baita decepção.

Ato contínuo, começamos a idealizar a festa que faremos assim que pudermos nos reunir, onde será e quem convidaremos para celebrar conosco o aniversário. Confesso que estamos cautelosos quanto a datas e prazos, mas não nos rendemos.

Ao mesmo tempo, penso o que será das tão esperadas festas pela passagem dos 120 anos do Paulistano.

Teremos as comemorações ainda em 2020? Como estaremos, quando enfim pudermos festejar?

Fico sonhando com um super baile social, quem sabe até à moda dos de debutante dos anos 50.

Ou uma noitada divertida, que se estenderia até de madrugada e que, como os inúmeros réveillons que ali passamos, terminaria com um café da manhã farto e delicioso.

Talvez um show de artistas famosos na área das piscinas, como o de Ivete Sangalo, espetacular.

Várias apresentações dos nossos grupos de teatro, jogral, coral, balé...

Melhor ainda, seria tudo isso e mais um pouco.

Logo lembro que não tenho ideia de como será o final desse pandemônio todo. Aliás, ninguém tem. A prudência e a insegurança estão fazendo

com que mantenhamos os planos em suspenso, que nem nos atrevamos a criar expectativas.

Prefiro acreditar que a parada forçada pelo isolamento pode representar uma oportunidade de aprender, repensar valores e nos reposicionar como seres humanos, focando no que realmente importa.

A exaltação da vida, das datas e dos grandes acontecimentos tem forte simbologia e ajuda a enxergar uma luz mais adiante.

Assim como a trajetória da dona Nenê rumo aos cem anos foi pontuada por conquistas e vitórias, merecendo ser muito comemorada, os 120 anos do Paulistano reuniram incontáveis emoções, passagens e eventos significativos que marcaram nossas vidas, pedindo belas e inesquecíveis festividades.

Celebremos, pois!

. . . . . Dalva Maria  
Bannitz Baccalá

## Gerações invisíveis

Talvez um dia como outro qualquer,  
talvez uma hora, aquela que não veio,  
talvez seja eu que não exista.  
Feito um simples alguém,  
aquele que não defino.  
E o clube assim, tão vazio.  
Tempos sem sorrisos, sem presenças,  
flores desabrocham em tons amenos,  
pássaros em seus inesquecíveis pios  
e o sol fulgura cobrindo o azul.  
Onde estou, para onde vou?  
O clube assim, vazio.  
Se vivo estou e por sonhar distante,  
por não estar presente, vejo-me aqui.  
São gerações que passam invisíveis,  
gerações que fluem a cada instante,  
gerações que chegam e desaparecem.  
E mesmo assim...  
Eu as vejo no cotidiano,  
percorrem o mesmo chão, as pérgolas.  
Estão nas vibrações de todas as torcidas,

neste amor que se expressa em dísticos.  
Palmas no auditório! Vermelho, branco.  
O clube está vazio.  
Onde estão os sabores,  
o charme e a conquista?  
Onde está meu velho sax,  
a minha alma e o meu perdão?  
Suave é o coral e o beijo é infinito.  
Assim, assim tão vazio.  
E agora, são apenas os contornos,  
respingos de momentos e o silêncio.  
São tantos os enclausurados,  
que é oca a paisagem sem poesia.  
Procuro o ar e não encontro.  
Vazio, vazio.  
Uno-me a cada luz e à sombra,  
vejo a beleza, não por inteira,  
no boulevard, no glamour, no piano.  
Na piscina, o voo rasante de um pardal.  
A vida passa e o outono se esvai.  
E o clube começa a voltar.  
Portas se abrem e a geração que escreve  
restringe o sublime e põe na pena,  
uma explosão de abraços, um caderno.  
Na volta feliz de um clube que sente,  
os cento e vinte anos de um poema.

. . . . . Ercílio Alberto

## HANDICAP

*Estou sem verso e sinto frio na nuca.  
A inspiração vai e eu fico em sinuca.*

| – CUDELEIRO! Cudeleiro de MERDA! – Bem alterado, gritava um dos jogadores já em direção à saída do salão. Com raiva no olhar, arremessou o seu taco e o seu giz azul no centro do campo de futebol. Em seguida, entrou no salão com cara de arrependido do que fez.

– O jogo continua, gente! – O mesmo jogador tinha a intenção de dar o troco.

– O jogo é jogado, o lambari é pescado e a mulher é amada. – Um outro jogador de mais idade tentou amenizar o clima do jogo com este jargão.

– Corre as bolas! – O boleiro do jogo anterior deu as ordens.

– Vamos aumentar o preço. – O que gostava de inflacionar ficou eufórico.

– Votação! – O jogador *cagão* não queria perder muito.

– Agora, sim, vamos jogar o verdadeiro bolo-de-vida. – O que só jogava bolo-de-vida queria que o circo pegasse fogo.

– Eu sou o boleiro. Quem não casar não joga. – O que gritou “Cudeleiro” tomou a iniciativa do jogo.



– Muita conversa, e pouco jogo. – O arrogante sempre aproveitava a ocasião para se manifestar.

| Ninguém considerou a fala do arrogante. JACK registrou a fala para futuras circunstâncias de jogo. Se alguém perguntasse sobre o bolo-de-vida ao JACK, responderia com propriedade que aquilo que eles estavam jogando era uma anti-sinuca.

O jogador de bolo-de-vida se ilude em pensar que adquire uma aprendizagem de jogo só usando de malandragem, malícia. Mal ele sabe que, quando ele cai no pano verde para jogar sinuca, o jogo muda totalmente a forma de pensar e de jogar. Enfatizo que o bolo-de-vida é um jogo anti-sinuca. Nele, o jogador regride o pouco de que sabe e se incapacita de aprender o muito de que não sabe da arte da sinuca.

Se no bolo-de-vida houver doze jogadores, JACK dependerá de onze deles. No jogo de sinuca JACK só dependerá dele.

O perfil comportamental do jogador é denunciado constantemente durante os jogos, sejam em bolo-de-vida ou em partidas de campeonato. A atitude do jogador no pano verde será a mesma no pano empoeirado das ruas da vida. Na sinuca não tem blefe, mas no bolo-de-vida tem muitas jogadas não confiáveis. O interesse de cada jogador muda conforme as jogadas e de acordo com as circunstâncias do jogo. A verdade e a amizade desaparecem no bolo-de-vida, assim que se inicia o jogo.

Nos textos da sinuca, quando a arte dela aparece em destaque, constantemente no pano verde, nem sempre é enaltecida como deveria, naturalmente, ser. É o mesmo na literatura, quando as jogadas magníficas com as palavras perfeitas são muito bem executadas, elas não são tão aplaudidas como também deveriam ser. A escolha pelo seu jogador e pelo seu autor entra em julgamento à medida que não se consegue desenvolver e acompanhar as belas tacadas e os maravilhosos textos. Assim surgem também as inimizades e a inveja em ambas as artes que deveriam ser apreciadas e não depreciarem o jogador e o escritor. Não deveria ser pessoal, mas é pessoal. Espirrar o taco na hora da jogada em cima do pano verde é como

falhar a caneta sobre a folha de papel em branco. Não sai arte, só descarte. A transparência da tacada e da escrita não tem vizinhanças amigáveis com o pseudoatleta da sinuca e com o literato entrelaçados com a arrogância. Não se importa com a distopia da tacada ou com o ritmo da ficção. A verdadeira disciplina do esporte da Sinuca e da Escrita ensina somente os seus atletas a se superarem, e não competirem com a desvantagem da desonestidade e do menosprezo. Os *winner*s no *podium* da vida serão fotografados se forem humildes e talentosos. Um pouco parafraseando Rubem Alves, um jogo ou um texto que dá prazer é degustado vagarosamente. São esses os jogos e os textos que se transformam em carne e sangue, como acontece na eucaristia. Sartre dizia não importa o que fizeram com você. O que importa é o que você faz com aquilo que fizeram com você.

Facilmente JACK pode perceber que o rótulo de jogador de sinuca de boteco estava instaurado na cultura do salão de jogos do CAP. Implantar a Arte de Sinuca seria mexer no vespeiro com taco curto.

JACK começou a conhecer o salão de sinuca e os seus jogadores, não de uma maneira esportiva e amigável. Já previa que no jogo de bolo-de-vida dificilmente teria amigos.

A filosofia do jogo de sinuca é amar a sua arte e praticá-la com inteligência. Não é suficiente gostar de escrever no pano verde. É importante ter a consciência de seu dom.

Côncio de um contendor mais forte, JACK ficava observando os jogadores do salão.

Não era prematuro JACK eleger o melhor dos jogadores. A cada tacada que um jogador executava, já dava para fazer o diagnóstico dos sinuqueiros, que seriam seus possíveis adversários.

As tacadas para a história da sinuca já podiam ser registradas com laudas de emoções bem alteradas e engraçadas dos artistas do pano verde.

– Tem xarope no salão? – Um jogador de sinuca perguntava com tom provocativo.

– O que mais tem aqui é xarope. – Respondia um outro com tom jocoso.

| Todos riam pra valer.

– O relevante é que tem as categorias de xarope. – Complementava o mesmo jocoso.

| Aí, o riso era total e mais forte pelos jogadores, que enchiam o salão de alegria.

Havia personagens com falas próprias que se tornaram características pessoais: um dizia “QUE BELZA DE BOLA”; outro, “Sinuca é sempre uma sinuca”; um outro ainda, gritava “PANGAS!”.

Um dos mais engraçados era a fala “*I’m the best in the club*”. Esse personagem tinha uma história muito suspeita e engraçada. Ele dizia que o *record* do salão de bilhar era o dele. Só que não havia testemunha. Diziam que ele subornou um funcionário para confirmar a sua maior tacada. Sabe-se lá se virou mito ou lenda. Esse tal recordista não ficava nada contente quando era chamado pelo apelido.

Tinha um senhor que gostava de colocar apelido em todos os jogadores. Ele era muito engraçado. Ele também tinha um. Só que ele não gostava muito, não, que o chamassem pelo apelido. Além desse apelido ser muito sugestivo à pornografia. Quando alguém o chamava por esse apelido, ele respondia, com classe, que “é a senhora sua mãe”. Todos riam muito, menos ele.

Um duvidoso jogador da modalidade, que também tinha um apelido engraçado, que não era muito do ramo da sinuca, gostava de jogar posicionando o taco por baixo da mão, sendo que o de costume era colocar o taco sobre os dedos polegar e indicador. Ninguém dos jogadores “normais” conseguia realizar essa façanha.

Facilmente, sem fazer seletiva, daria para registrar, no mínimo, 120 histórias suspeitas e engraçadas sobre as tacadas e os seus respectivos jogadores. Caberiam, em uma tacada só, 120 laudas para que a justiça fosse feita. E, olhe só, essas histórias mereceriam ser registradas e enaltecidas. Mas, como a sinuca é vista do mesmo modo de um esporte de ma-

landros viciados dos bares da vida, ninguém apoiou uma escrita e descrita como já foi dita. Acredita? Que tacada maldita! Paciência, seja bendita.

Uma passagem marcante da sinuca sobre o JACK deixava ainda mais os jogadores com receio de enfrentá-lo nos campeonatos. Um adversário de bom nível competitivo fez uma jogada bem executada em uma determinada partida sinucando o JACK. O sapo jocoso comentou em voz alta “se o JACK sair dessa sinuca eu beijo o taco dele”. Depois de analisar as possibilidades de sucesso na tacada, JACK a executou com maestria. Saiu da sinuca. O aplauso foi geral, menos o sapo, que não elogiou a tacada e se afastou da mesa cuspidando de raiva. E, ainda, mussitou ao colega “como joga esse baixinho fdp!”.

Um jogador baixinho, que tinha sacadas geniais, no *time* certo, de nível médio, para os padrões do CAP, quando jogava uma bola numerada bem devagarinho em direção à caçapa e errava a pontaria, de imediato, ele, como justificativa de sinuqueiro ruim, dizia que “mulher virgem é igual mesa de sinuca nivelada, nunca encontrei”. Até ele ria de suas próprias besteiras do linguajar de sinuqueiro de bares.

Quando JACK começou a frequentar e a jogar com alguns dos “veteranos” do salão, era óbvio que ele levava uma enorme vantagem sobre os seus adversários, pois, na época, ele acabara de disputar o brasileiro regra inglesa com seis vermelhas, ficando entre os doze melhores jogadores do Brasil. Esse torneio foi realizado em Alphaville – 1990 – com traje smoking – gravata borboleta, colete, calça e sapatos pretos e camisa com manga comprida branca. O traje ideal para a Arte da Sinuca. *English style!*

O salão de *snooker* do Hotel de Alphaville estava lotado de jogadores e curiosos da sinuca. Durante os jogos, o silêncio era absoluto. O respeito e o *fair-play* pelos atletas da sinuca eram cumpridos à risca. *Conditio sine qua non.*

JACK sentiu uma estranheza quando participou do primeiro campeonato semestral de Sinuca do CAP. Já havia sentido a mesma coisa quando viu doze atletas jogando ao mesmo tempo o famoso, tradicional e divertidíssimo bolo-de-vida. Não havia silêncio, respeito e *fair-play*. Era outro mundo do esporte de pano verde. O CAP sempre foi o único *club* que

tinha como ponto de encontro social o salão de sinuca, ou seja, a conversa “rolava” solta por todos os cantos da mesa. Era impossível dar uma tacada sequer com o mínimo de silêncio. A regra era conversar e palpitar as tacadas, principalmente se estava tendo jogos nas mesas.

Às terças-feiras, era fácil perceber que haveria reunião do Conselho. As dezenas de engravatados lotavam o salão. Ali, todos faziam o tira-gosto administrativo, social e financeiro do CAP. Todos estavam fazendo uma jogada política. Óbvio, se a tacada fosse inteligente, ganhariam pontos pela execução, quer dizer, votos. Era impossível jogar uma partida em silêncio. Por outro lado, os jogadores de sinuca ficavam sabendo, em poucos minutos, de todas as notícias dos bastidores dos conselheiros sempre dispostos a reconstruir o CAP em benefício dos associados.

– Trabalhadores, Boa Noite! – Um dos conselheiros usou sua ironia de costume em alto tom.

– E você pensa que eu tô fazendo o quê? Tô atendendo os meus fregueses. – Esse jogador tinha umas tiradas muito engraçadas. Respondeu no mesmo tom irônico do dito conselheiro.

| A gargalhada foi geral.

Não foi fácil se adaptar às condições e às regras do salão. Aos poucos, JACK, acatou o comportamento anti-sinuca. Mudar a cultura não seria com uma tacada ao léu. Comprometeu-se consigo mesmo de implantar a Arte da Sinuca, desmitificando o estereótipo de que o atleta de sinuca não passava de um malandro dos bares de periferia das cidades. Essa ideia o deixou ledo de esperança.

Poderia até concluir que os fracos têm lá até as suas vantagens e os fortes têm lá as suas desvantagens. Preferiu não entrar na mesa de julgamento, por hora. Não deixava de pensar em que teria que dar uma tacada por vez para vencer uma partida.

O jogo continuava...

JACK adoraria construir 120 tacadas geniais e fascinantes da Arte da Sinuca e de vida sinuqueira; se orgulharia em narrar 120 histórias poéticas

dos atletas que vivenciaram sobre a mesa do pano verde; se sentiria honrado em escrever a significativa história dos 120 anos de Sinuca do CAP. O coração dele até que permitiria, mas o tempo, ah o tempo! Ele não contaria as tacadas desperdiçadas, mas gostaria muito, muito mesmo de narrar as aproveitadas como aprendizagem de vida de um atleta competidor. Pode até parecer que JACK está desviando da temática dos magníficos 120 anos do CAP, que se tornou, por mérito, referência brasileira de modelo prazeroso de *club*, não de salão de sinuca, não, ele não ousaria cometer tal blasfêmia esportiva, é que, humanamente, é impossível nesse pequeno e enriquecedor espaço manter o mesmo compasso nas tacadas que faz. JACK escreveria ainda mais, com o *standart* do CAP quebrando o vento da bola da vez.

| Por mais talentoso e inspirado que fosse, era impossível, em uma só tacada, o JACK contar a história de 120 anos. Com só 120 personagens cometeria injustiça; com só 120 jogadas seria pouco; com 120 laudas, aí sim.

Cada tacada é um ponto na partida para uma nova vitória. Não importa o que se perdeu ontem, o importante é o que se pode conquistar hoje. Esse jargão é bastante batido, mas não ingerido com espírito atlético. JACK sempre dizia aos jogadores “joga o arroz com feijão. É barato e também alimenta. As jogadas simples também trazem ótimos resultados”. JACK queria dizer que a aprendizagem, o aperfeiçoamento, a dedicação e o reconstruir-se eram as ferramentas fundamentais para se conquistar novos campeonatos de vida. A tacada certa no momento certo. Sem riscos desnecessários. Esse amadurecimento de atleta sinuqueiro os jogadores do salão não aprendiam com facilidade. Faltava humildade.

Ao longo de quase quatro décadas, JACK se tornou protagonista da sinuca. Fez inimizades, que eram insignificantes, mas construiu fortíssimas amizades, motivos pelos quais ele as tomou como princípio de vida honrada e transformadora. Conquistou dezenas de campeonatos, torneios e desafios. JACK foi o único na história do salão que conquistou os títulos no bilhar e na sinuca na mesma edição. A fama o tornou um personagem

seguido por muitos fãs. Um desses fãs assistia a todos os jogos de campeonatos em que JACK competia. Por motivo de doença, esse fã deixou de ver seu ídolo da sinuca jogar uma final de campeonato. Posteriormente, ele, indignado, encontrou JACK na pracinha do CAP. Decepcionado, depois de ter lido a revista CAP, indagou-o em alto tom “como você foi perder uma final para um tal de Ercílio Alberto que eu nem sequer ouvi falar”?

As inimizades ignoradas, JACK enaltecia, a cada dia, os amigos conquistados na sinuca. Longe de cometer injustiças, JACK não poderia deixar de registrar a mais forte amizade conquistada. Construiu uma estrofe para homenageá-lo, pois em vida não o fizera: “Do profundo mar à traiçoeira encosta/Não ousaria com Ele sequer uma aposta./Sabe-se de antemão a única resposta/De caráter e de honra fica esta proposta:/Na mesa de pano verde foi o Carlos Lemos da Costa”. O único incentivador à prática do esporte Sinuca. Só para aferir o quão apaixonado era pela sinuca, ele ia à Inglaterra somente para assistir ao campeonato mundial de *snooker* regra inglesa. Sentiu?! Só não viu. JACK não se cansava de proclamar que o senhor Carlos sempre foi a Bola Da Vez. Até início de março, com quase 90 anos, ainda jogou que nem “GENTE GRANDE”. JACK ficou em *handicap* com a sua amizade. Infelizmente, contra à sua vontade, seu Carlos parou de jogar aqui na terra. Está lá no Céu batendo uma bola com Jesus. Faço-o por merecer!

Com o incentivo apaixonante aceso na veia do jogador do seu Carlos, JACK iniciou uma etapa inovadora na Sinuca do CAP. Começou a receber atletas de outros clubes de São Paulo, até chegar nos ilustres jogadores de sinuca Toquinho e Paulinho da Viola. Desafio bairrista. Carioca contra Paulista. Sucesso total. Toquinho e Paulinho só cantavam as caçapas em que as bolas iam cair. Aprendizado seja dito: a humildade reinava em todas as tacadas da melodia da sinuca. Ambos os atletas da sinuca perguntaram ao JACK: quanto é que temos que pagar para jogar? JACK sorriu.

O merecimento dos atletas serem homenageados em vida, JACK implantou em diversos torneios. Cada ramificação da sinuca – par ou ímpar, em duplas e simples – o torneio levava o nome do atleta enaltecido. Sucesso total. A filosofia era não chorar em cima do caixão do defunto. Di-



zer que gostava e o admirava depois de morto não fazia sentido ao JACK. Tudo tinha que ser em VIDA.

Os decanos em atividade na sinuca do CAP estão em plena forma física, girando em volta da mesa de pano verde. Há dois senhores que se encontram todos os domingos à tarde para baterem uma bolinha. É de tirar o chapéu e aplaudir de pé a vitalidade e a paixão que eles têm pela sinuca. Jogam bem? Não interessa. Erram na contagem? Não importa. Quem ganha? Somente os dois. E quem perde? Os associados que não os prestigiam. A limitação das tacadas é o jogador que as constrói. Os decanos aprenderam com os jogos de sabedoria.

Tacar com o coração inspira o físico a ficar de pé.

JACK construía uma estratégia de jogo para cada adversário. Analisava-os cuidadosamente. Traçava o perfil de cada atleta sinuqueiro. O estado psicológico no momento do jogo definiria o vencedor, partindo da premissa de que todos os atletas estavam em condição de competir no mesmo nível técnico.

Os desafios, as provocações, as brincadeiras fora dos campeonatos “rolavam” constantemente durante o ano todo. Isso era ótimo para manter vivo o espírito de jogo. No campeonato, os jogos mexiam com a vaidade, a honra do atleta. Perdeu, não tem volta. Nos jogos do dia-a-dia o orgulho do atleta era o que estava em jogo. JACK sabia diferenciar esses momentos. Uma das geniais tacadas do JACK era fazer com que o seu adversário entrasse no jogo emocionalmente descontrolado.

- Quantos pontos você quer? – JACK espetou o orgulho do adversário.
- Num sô alejado. – Triste ilusão. O adversário já estava diminuído.
- O jogo vai ser de igual pra igual? – Dessa vez, JACK provocou a vaidade.
- Quero é jogo. Dixa de lero-lero. – O adversário acabara de lavar sua derrota.

| JACK adorava quando seu ego era lustrado com giz azul inglês pelos atletas que ocupavam todas as mesas.

– Quem ganhou, ganhou, quem não ganhou, não ganha mais. – Um jogador de nível médio alertava aos demais atletas a entrada do JACK no salão.

– Você tem medo dele? – Um outro orgulho não cedia à inferioridade de jogo.

– Não, ele não é lobisomem.

– Então, por quê esse espanto?

– Respeito! O JACK me disse que respeito é bom, conserva os dentes e mantém o bolso cheio.

– Ah, bom! – Estranhamente o orgulhoso cedeu.

| A sinuca, tradicionalmente, é um jogo esportivo praticado por homens. A participação feminina nessa modalidade foi curta, porém intensa no CAP. Uma dessas mulheres teve presença e participação marcante na sinuca. Ela participava de todos os torneios abertos internos e participava da equipe do CAP nos interclubes. Sua passagem nesses torneios foi marcada pelas suas vitórias contra os marmanjos da sinuca que a menosprezavam por ser mulher. Ela se impunha no pano verde de igual aos veteranos, que se achavam os sabichões da sinuca. As equipes adversárias nos interclubes torciam fervorosamente para que um dos seus atletas perdesse para essa competidora incansável, só para fazerem gozações por ele ter perdido para uma mulher do Paulistano. No salão do CAP também os marmanjos da sinuca adoravam quando um dos jogadores perdia para essa atleta. A tiração de sarro era ainda maior. Os jogadores do salão enchiam a boca para dizer “*o que você quer, você perdeu pra uma mulher!*”. Os palavrões constantes do linguajar dos sinuqueiros não apareciam quando essa jogadora estava presente e jogando. Respeito total. Um ponto positivo para os homens. O preconceito, por mais que eles gostassem dessa atleta, sempre existiu na sinuca. Todavia, os machões artistas do pano verde se babavam quando uma mulher jogava sinuca com o salão cheio de barbados feito crianças, principalmente quando essa atleta jogava de vestido curto. Hoje, não mais, ela parou de jogar. Para a equipe do CAP era um orgulho tê-la como atleta apaixonada pela Arte da Sinuca.

Pode-se até comparar a vida com um jogo de sinuca. Uma vez se acerta na bola que bate em outra e não entra, mas às vezes só com um toque certo, a bola vai à caçapa. Simplesmente, não se pode executar as tacadas ao deus-dará. Na sinuca também se faz projetos para se tornar um vencedor. Você não joga sinuca, você pratica a Arte dela.

– Que cagada que você fez, cara. – Irritado, esse jogador odiava perder para o JACK.

– Atirei num elefante, e acertei num tiziu. – JACK não se alterava no jogo.

– O teu talento te prevalece, mas além disso, você tem muita sorte, cara. – O jogador não admitia não ter sorte.

– Faz parte do jogo, sim? – JACK cumpria as regras do jogo.

| – NÃO! Você estava numa sinuca de bico, quase sem saída e faz essa merda, justo em cima de mim. Vá te catá, cara! – O emocional derrotou o jogador.

– Você é uma bananeira. – JACK alimentava o descontrole do adversário.

– Comé qui é?

– Matador de uma bola só.

| Ficou por isso.

O acaso não era ferramenta de vitória do JACK. Tampouco a sorte andava na maleta de conquistas. Mas ambos sempre apareciam quando o JACK se encontrava espetado no meio de uma partida da final de campeonato.

O jogo de sinuca é como a vida, na qual a bola nunca sabe em qual buraco/caçapa ela vai cair, até você direcioná-la.

A vida da sinuca depende de cada tacada. Se cair, não levanta mais; se não cair, ainda poderá morrer.

Com o tempo, a maioria dos atletas do salão já não mais queriam jo-

gar com o JACK, principalmente apostado, pois ele tinha um nível muito mais elevado de jogo – talento, técnica e dedicação – que os demais entendidos de sinuca do salão. Nos últimos anos, alguns atletas – grupos de quatro ou cinco – jogavam entre si. Eles determinaram que o JACK não mais poderia jogar com eles. A alegação substancial era que seria jogo roubado.

Aos poucos, JACK foi se afastando da Sinuca do CAP. Triste por não encontrar parceiros, como tinha aos montes no início da década de oitenta, e triste por sentir que a sinuca estava com sintomas degenerativos.

JACK encontrou enorme *handicap* por ser campeão absoluto do Paulistano, mas obteve ainda a vantagem de poder ter transformado a Sinuca do CAP, embora somente por mais de três décadas, em um ambiente em que se poderia executar belas tacadas de boas amizades.

Havia uma enorme diferença entre o que gostava de jogar sinuca e o viciado. JACK observava esses detalhes atentamente. As diferenças não apenas nos dividem ou ameaçam. Elas também nos informam, enriquecem e inspiram. Amar o jogo é diferente de ser viciado por ele.

O bar da poesia não abre nem fecha, e o coração do poeta não seca, não se afoga.

Nos bares da vida, é viva a velha sinuca, e artisticamente poética. Já no CAP há um bom tempo que o salão de sinuca vem apresentando sintomas de uma doença degenerativa. Nos últimos anos, esses sintomas se transformaram em sinais de metástase de um tumor maligno. Antes desse diagnóstico social foi recomendado uma consulta para avaliar o interesse em manter vivo o salão de sinuca. Os atletas sinuqueiros estavam desaparecendo mais rápido que o próprio salão. O interesse já era outro. As circunstâncias sociais do Plano Diretor também estavam propiciando o funeral da Sinuca no CAP. Bem camuflado, o caixão estava em fase terminal, já com o funeral marcado. Foi triste, muito triste em saber que os apaixonados pela sinuca iriam guardar luto de um espaço exageradamente privilegiado socialmente. Ainda não sei se foi com o mesmo olhar de Rembrandt.

Sequer um atleta de sinuca queria admitir a enorme perda.

Mal sabiam os associados que o CAP estava de luto.

– A sinuca morreu.

– *Never more.* – O Corvo também repetiria com o seu olhar sinistro.

| O JACK está vivíssimo.

· · · · · Maria Helena  
Figueiredo Vieira

## Concursos Literários

Uma história para contar

| Na noite insone, vasculho antigas lembranças de família. Não há como fazer a seleção, se algumas chegam limpas, felizes, outras, que eu pensava esquecidas, aparecem em tristes tons de cinza. Eu, que nada escrevi na vida além de cartões, gostaria de escrever o que vou pensando. Exatamente como as coisas aconteceram. Ou romanceadas, posso decidir.

Se a princípio as palavras vão se aproximando tímidas, envergonhadas, logo vêm surgindo alegres, alvissareiras, em bandos. As frases se arrumam como peças de antigos quebra-cabeças. Nem penso em lápis ou papel. Sem sono, vou assistindo e escrevendo um capítulo do filme da minha vida. Na madrugada azul tenho meu primeiro conto mentalmente pronto.

Manhã seguinte, é fácil conseguir minha versão no papel. Guardo sigilosa, emocionada, com o orgulho de quem ousou. Contrariando o propósito de não mostrar a pessoa alguma, quero saber a opinião decisiva de minha mãe, que sempre escreveu de modo irretocável. Da pasta de florzinhas tiro as páginas que mostro a ela, entre temerosa e aflita.

– Acho que você sabe escrever, vá em frente, filha!

E vi que também ela estava emocionada.

Guardei meu conto na pasta, li e reli, e poucos dias depois vi a Revista do Clube anunciando um Concurso Literário. Não seria o primeiro, mas o primeiro que chamou minha atenção, agora que eu era a autora de um conto.

Arrumei um pseudônimo, imprimi as várias cópias, meticulosamente preenchi os dados na ficha de inscrição e levei ao Cultural.

No dia marcado, fui despreziosamente ao Clube, sozinha, sem nada falar de Concurso.

Se soubesse que seria chamada para receber um troféu, teria me esmerado na arrumação e convidado minha família.

A alegria do prêmio com o meu primeiro conto foi decisiva para que eu continuasse a ter as ideias que até hoje ponho no papel.

Mais confiante, ouço o conselho de minha mãe, que há anos partiu. Escritora privilegiada, personalidade importante na nossa cidade, devo a ela meu encantamento com os livros que providenciou para nós, desde que aprendemos a ler. Sigo em frente, pensando madrugada a dentro, formulando antes de adormecer e escrevendo de manhã, quando, depois de várias noites, tudo me parecer pronto. Minha maneira de trabalhar.

Enfrento as armadilhas habituais de quem escreve. Muitas vezes, tentando fazer do meu escrito um cromo, bordo com a linha dourada uma lembrança cintilante do passado, e quando tento continuar, o fio que se impõe é opaco, puído, como se de um sonho malogrado, e a escrita não mais é conduzida por mim. Rebelde, voluntariosa, ela continua por força própria. Passeio na noite pela infância encantada, pela família quase sempre perfeita na minha imaginação e vou organizando ora um conto, ora uma crônica. Mais raramente, um poema. Quando as ideias andam escassas, volto à minha Macondo dos tempos de menina, e ao avistar as montanhas azuis do fim da cidade, meu coração se acalma e as cenas chegam para mim inteiras. Trabalhando até o dia clarear, posso dormir sossegada enquanto os galos, nalgum lugar, tecem a manhã.

Colho os prêmios que me cabem e tento um olhar diferente para que fatos às vezes simples me inspirem. Capricho sempre no meu bordado, pois a concorrência que vou enfrentar nos Concursos é a mais talentosa. No nosso grupo de Escritores festejamos quem vai vencendo e escrevendo coisas especiais.

Depois, bem depois, comecei a frequentar as oficinas, maravilhosas, com mestres de excelência.



Como um Clube pode proporcionar uma coisa tão incrível como a Oficina e os Concursos Literários?

Para vocês, meu primeiro conto de vinte anos atrás.

## De volta

| Sua mãe e sua irmã vêm trazê-la até a Rodoviária. O ônibus das 23 horas já está lá, só faltam dez minutos. Despedem-se, foi tão bom que ela tenha vindo para o Dia das Mães, tenta não chorar, abraça as duas, a mãe é só otimismo, venha quando quiser, a suíte cinco estrelas a espera.

Entra no ônibus poderoso e hermético que a levará de volta a São Paulo, seus faróis varrendo a noite, todo segurança e silêncio, dois motoristas (um guia e o outro vigia), poltronas que reclinam, cobertores, de manhãzinha estará em casa.

Cruzou com Lúcia Dias, antiga colega de mocidade, não a via há tempo, teve certeza de que viajariam juntas. Iam conversar até o sono chegar, lembrar as coisas da juventude e falar da vida como ela é agora.

E a vida agora é muito boa.

Seus filhos são adultos especiais, lindos e honestos, cada um tem seu trabalho, sua casa, sua vida, seu carinho por ela e pelo pai. O marido é o sonho da mocidade, cada vez mais querido e encantador aos trinta e cinco anos de casamento. Pensa e providencia o melhor para ela, mas não conseguiu convencê-la a vir de avião. Ela gosta mesmo desses ônibus noturnos, a empresa se orgulha de sua segurança.

Acomoda a bolsa, tira antes a agenda modernosa para anotar as coisas que terá que fazer quando chegar. O hábito de fazer listas é uma rotina, quem se organiza tem mais tempo.

Sua nova exposição individual já tem data para o vernissage, é preciso listar as telas, os convidados, resolver o catálogo, confirmar o bufê.

Há compromissos sociais, presentes de casamento para comprar, organizar um jantar pequeno para comemorar o aniversário do marido, compromissos prazerosos.

Parece que o ônibus vai sair e a amiga não entrou. Ela se lembra que há um ônibus que sai um pouquinho antes, a amiga deve ter vindo nele, é o executivo, – o dela é o leito.

O lugar a seu lado está vago e ela coloca ali o casaco e a agenda.

Tem vontade de olhar a cidade enquanto o ônibus sai, mas as cortinas estão fechadas e a noite estrelada da cidade do interior fica fora, as luzes se apagam e seu ônibus vai, seguro como ela própria.

Com a luzinha de leitura, ataca de listas. Com letra decidida vai planejando a próxima semana, tantas providências.

O sono vem chegando. Pensa no marido, nos filhos e em como é feliz, vai vê-los amanhã, uma semana fora e a saudade é grande. Abaixa-se para procurar na bolsa as meias de dormir e sente uma repentina tontura, tem a impressão de que o ônibus descreve um zigue-zague na estrada.

Pega no sono e o sonho vem nítido.

Ela está no quintal da casa de sua avó.

Tudo é tão novo, a casa tão nova parece que vive seus melhores dias, na verdade ela nunca conheceu a casa nova assim, o quintal com suas lajotinhas de tijolo tão novas, ali ela escrevia com giz de cor e fazia desenhos e continhas nas manhãs intermináveis pela ausência da mãe, que vinha chegando ao apito do meio-dia, trazendo carinho, paciência e mais giz de cor.

Aquela casa era conhecida e querida, quando o trabalho do seu pai não dava certo em uma ou outra cidade era para ali que voltavam, mudança às costas, para recomeçar tudo. E ela amava aquela família que a fascinava desde sempre. O convívio dos avós, dos tios e tias era um sonho. Era a neta mais velha, querida, festejada, num reduto mágico daquela gente além de tudo louca por criança.

De dentro do seu sonho ela sabe que deve olhar tudo e aproveitar, a casa na verdade já não existe, os avós, os tios já se foram, hoje tudo é apenas um ponto comercial.

Caminha para o fundo do quintal, quer ver as quatro jabuticabeiras que o avô mesmo se gabava de ter plantado. Iriam sobreviver impávidas ao exército de primos, fazendo suas ginásticas e estrepolias pela vida afora.

Elas estavam lá, carregadinhas.

Do sol para a sombra, interessada nas frutas, não o vê na hora. De camisa branca, lindo e novo como um artista, lá está seu pai.

Ele a vê e caminha para ela com os braços abertos. É mais alto, mais magro e muito, muito mais moço do que quando morreu. Meu Deus, como ele é lindo!

Abraçam-se demoradamente, e ela não sente nem acanhamento, nem medo, só a saudade imensa.

Depois do abraço, procura seus olhos azuis, novos, abertos, sem as linhas de sofrimento. Olhos verdadeiros e queridos, que não se esquivam nem se enfurecem.

Ele ainda não havia enfrentado as dificuldades da vida, era moço e conhecia a filha desde sempre, era tudo compreensão. Nada precisava ser dito.

E havia tanto para dizer!

Queria resumir as notícias, ser rápida para que ele soubesse como a família havia sobrevivido à sua morte, queria contar primeiro da mãe, eles eram apaixonados e ela combateu sua falta trabalhando como louca, lecionando na escola e em casa, não havia tempo para pensar.

Hoje, escritora conhecida, ainda tem as gavetas cheias de recortes, o caos literário mistura-se às contas, aos documentos, ele sabe, brigou tanto por isso, nesse aspecto a mãe não tomou jeito. A literatura reina soberana por toda a parte.

Quer dar notícias das irmãs, do irmão que só tinha cinco anos quando o pai se foi.

Os quatro são muito, muito unidos, amigos entre si, superaram e até se esqueceram da braveza, da tirania, das brigas todas. Não precisam ouvir dissimuladamente para saber se é briga ou conversa, não têm traumas, não acordam com berros à noite.

É urgente que o pai saiba que desde que se foi, não há um só dia em que não tenha pensado nele.

Quer contar, lembrar coisas tão boas, tão maravilhosas como o dia em que ele chegou vitorioso trazendo o piano para elas aprenderem música.

Lembrar as viagens adoráveis, seus raros momentos de bom humor, todo segurança ao volante, sua mãe e ele conversando animados; tudo pa-

recia perfeito, mas à menor briga das crianças no banco de trás ele esbravejava e ameaçava jogar o carro numa valeta. Então tudo se aquietava.

Superaram todos o trauma do meio-dia, quando a mãe saía da escola ao meio-dia, chegava em casa esbaforida, tirava o almoço, tudo ao meio-dia, pois era preciso que ao meio-dia em ponto estivessem todos sentados, começando a almoçar. E ai de quem se atrasasse!

Tudo isso passa rápido pela sua cabeça, ela quer dizer tanto, mas percebe que não precisa dizer nada, ele sabe tudo desde sempre, seus olhos azuis são só saudade e amor.

Passeia pelo quintal de lajotinhas, no sol quase a pino, de braços dados com aquele pai surpreendentemente mais novo que ela, respirando um ar limpo, muito novo e muito antigo.

Como se estivesse com uma dessas câmeras modernas que ora destacam, ora embaçam forma e fundo, ela sabe que estão todos lá: os avós, os tios, as tias, as empregadas, todos nos conhecidos movimentos da rotina daquela casa tão querida.

Vai poder vê-los mais tarde, a viagem é longa e tem todo o tempo, a câmera agora só focaliza seu pai. O sol bate no seu bigode alourado e ela se dá conta mais uma vez da saudade que tem dele, todo o tempo.

No meio-dia fatal apita a fábrica de manteiga (era a hora que a mãe vinha chegando).

As lembranças estão todas tão completas, mas o apito da fábrica é insistente, parece mais o grito de uma ambulância.

O sonho caro se estilhaça e ela pode ver, na estrada, todo o estrago de um acidente feio: corpos desarrumados, malas destripadas, poltronas soltas. As ambulâncias chegando, o trânsito interrompido, pensa com tristeza na amiga que veio no executivo.

No caos instalado, soltas no espaço, folhas coloridas mostram listas imemoriais, numa letra firme de quem não duvida de nada.

Pensa com ironia e estranheza em quem poderia se preocupar com tanta bobagem.

Ainda está sonolenta e, antes de dormir de vez, vê a mãe sentada à sua cabeceira, no seu quarto de menina.

Muito moça, cabelos escuros e crespos, linda, paciência infinita, ela conta pela enésima vez a estória de João Pestana, que vem à noite e salpica grãozinhos de ouro nas pálpebras da criança.

Os olhinhos vão se fechando, as pálpebras vão ficando mais e mais pesadas de sono...

Durma com Deus, minha filha.

. . . . . Giselda Penteado  
Di Guglielmo

## A beleza do Paulistano

A beleza do Paulistano  
Não se encerra em seu nome,  
Mas no prazer que oferece  
A todos que o frequentam.

A beleza deste clube  
Meu querido Paulistano,  
Está em todos seus sócios  
Que passamos a amar.

A beleza deste clube  
Está nos belos jardins  
Que alegam nossos olhos  
Com suas lindas orquídeas.

A beleza deste clube  
Está nos saborosos pratos,  
Criados nas suas cozinhas  
E que adoramos provar.

A beleza deste clube

Está em seus lindos salões  
Onde nós todos bailamos,  
Ao som de belas canções.

A beleza deste clube  
Está em seus associados  
Que nos miram todo o dia  
Com simpatia e amor.

A beleza deste clube  
Está em seus escritores  
Que a ele oferecem  
Versos e histórias de amor.

A beleza deste clube  
Não se encerra só no nome,  
Mas no bem que representa  
Para aqueles que o frequentam.

A beleza deste clube  
Está em seus queridos sócios,  
Que dele sempre recebem  
Um recado de amor.



· · · · · Heloísa de Queiroz Telles  
Arrobas Martins

## Percurso da memória

| Passo a catraca da rua Honduras com olhos ávidos, piso na rampa, circundo a curva ascendente de ritmo de valsa, prossigo por aquele chão que guarda os passos dos fundadores do Club Athletico Paulistano, cujo ideal “não obedeceu a intuits de mera diversão, mas aos da mais elevada compreensão da educação integral”.

Colunas robustas têm raízes que ancoram os valores do clube. Vidros generosos proporcionam ligação entre o dentro e o fora, numa solução de continuidade entre arquitetura e natureza. Formas puras promovem um diálogo da geometria, conduzem o olhar por vãos, arestas, intersecções e planos, evocam a Beleza.

Sou irresistivelmente chamada pela música, do hall meus ouvidos já se emocionam e, ao entrar, sou tomada pela exuberância sonora, visual e dramática de mais uma ópera. Placido Domingo, no auge de seus 40 anos me arrebatava e estou ali, como se dentro da ação. Um espetáculo de bel canto e requinte cênico que ao término me despenca na realidade banal.

Ato contínuo, saio como que impelida pela badalada imperiosa de um relógio. Na porta oposta, ao final de aclave gentil uma fileira de jovens desliza, ordenada, saguão adentro, qual sílfides num balé, preenche os degraus da escada para a foto oficial do Baile de Debutantes, que as capta, sorridentes, esperançosas, para o futuro que não tem garantias.

O declive me conduz e chego ofegante ao bar da piscina. Há um barulho diversificado e alegre no almoço para alguns, lanche da tarde para outros. O sol ainda forte me convida a desfrutar do jardim, e de tal maneira convincente, que me demoro a cada passo, para mais poder aproveitá-lo. Contorno sinuosa a piscina, sinto o alternar de sombra e luz em meu corpo, um buquê de perfumes acalenta, sorrio.

Chego ao parquinho e a algazarra colorida das crianças preenche o ar com sons festivos, descompromissados, livres ainda de responsabilidade. Soam leves, rodopiam em pentagramas de risco infantil, encantam mães, pais, avós. São instantes em que a cena parece suspensa acima das preocupações do dia a dia, numa ânsia de que possa ser eterna.

De repente lá estão meus filhos, ela na ginástica olímpica, ele na Escola de Esportes, os dois no tênis e na natação, os almoços, nós quatro juntos nos finais de semana, em tempos de sorrisos duradouros e realizações com muitos frutos.

Desperto com um grito de gooooool que me faz perceber que já passei pela arquibancada, ao fundo nossa árvore-símbolo firme, pau-ferro majestoso e tranquilo a estender sua copa protetora, seu fascínio e aconchego.

Passo rente ao acesso da garage que abriga nossas chegadas e partidas. Sou atraída escada acima até o auditório. Sento e ouço atenta o professor Renato Brolezzi a compartilhar, generosamente, seu conhecimento e sua sabedoria. Com ele está a família Medici, Van Gogh, Modigliani, Gauguin, Vermeer; o Panteão, o Louvre e Vila Farnesina – e lotam o palco. De suas palestras saímos enriquecidos pela maneira como nos ensinava a mergulhar no íntimo de outras civilizações e a refletir sobre nossas escolhas, fugas e ilusões.

Andares acima um grupo de meninos fortalece corpo e mente em uniformes com faixas azuis, cinza, brancas, amarelas. Meninas no sapateado olham nos olhos dos passantes, esperando um elogio. O Museu guarda troféus, recordes, depoimentos, o recheio da vida de inúmeros atletas.

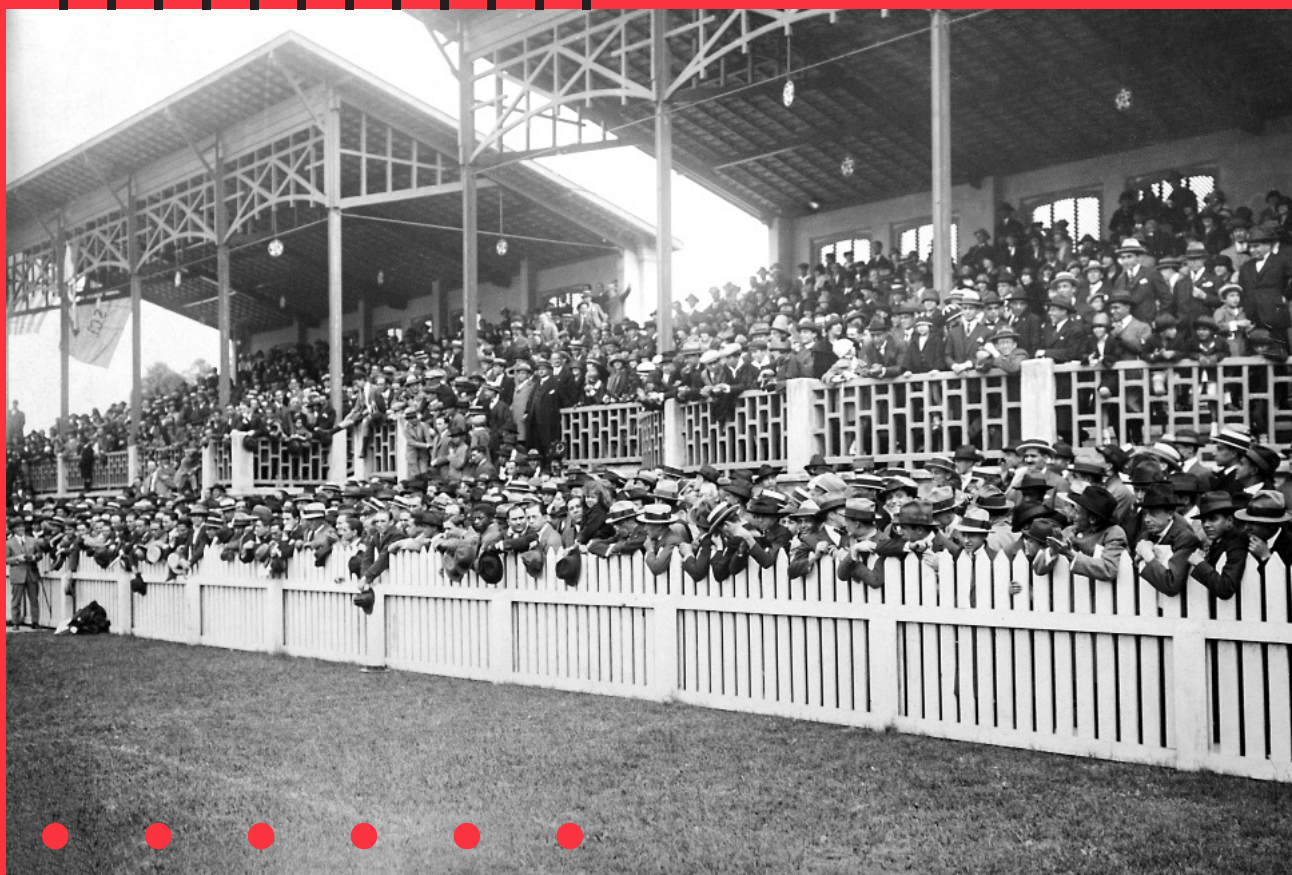
Passo pela Sala Jovem, caminho tranquila, o olhar pulando de árvore em árvore puxado por fios invisíveis de orquídeas, passo pela esquina do pecado, lotada como sempre – o pecado é doce – atravesso o bar, estou

em frente ao ginásio. Um banco me convida e, sentada, o pensamento vagueia entre bolas diversas: bola na rede, bola na caçapa, bola na cesta, bola na grama.

A tocha do hino me vem à cabeça, resgatando o passado de glória, a grandeza do agora, o alavancar para o futuro. Um realizar construído a muitas mãos, mulheres e homens que doaram o bem mais valioso que temos, o tempo, em prol do Club Athletico Paulistano. Tudo forma uma aliança, várias gerações de mãos dadas, para construir um grande círculo, forjado em amizade e ideais.

A tarde esmaece e preciso me despedir. Vou até o último andar. De um lado descortino nossa cidade, muito verde logo abaixo, uma floresta de concreto a perder de vista. Do outro lado uma cidade chamada CAP. Percorro-a com os olhos, numa imensidão de lembranças, afetos, luzes, sorrisos, e sombras que deixei em segundo plano. Vislumbro com a paisagem o tempo futuro, abraço passado e presente e guardo na memória.

# A bandeira, a história



As belíssimas arquibancadas do campo de futebol do Paulistano ficavam lotadas em dia de jogo, 1918.



Biblioteca Social em 1970.

## Cantos

| Há trajetos que às vezes se confundem, misturam-se às datas, aos momentos de dor, prazer ou conquista. Alguns adormecem com o tempo; outros, despertos, percorrem fases da vida como brotos de flor ao vento para arejar minha memória.

Um deles, bem longo, vai pelos corredores da cidade, atravessa praças, ruas à direita, à esquerda e se estende até tomar corpo na avenida mais paulista da cidade. O traçado percorre bairros, não permite espaço em branco; a paisagem não se altera e eu a aprecio como se fosse a vez primeira. Olhar atento, sem nada escapar, deslizo pela montanha e chego ao vale. Mesmo sendo rota conhecida, ao me deparar com ele a alegria me invade: lá está o *monumento de quatro cantos*, todos eles integrados à minha vida.

| Estou diante do *monumento*, assim eu o nomeio, mesmo ciente de que não corresponda ao uso comum do termo, pois não é de pedra, tampouco de bronze, nem mesmo o formato elogia um herói nacional. É uma construção na qual, por entre a natureza, ergueram-se planos, colunas, pisos, paredes e janelas. Mas para mim é diferente de todos, é *monumento vivo*.

O ritual de entrada na engrenagem rotatória me leva a caminhos nesse quadrilátero gigante, onde me apossei de alguns cantos em meio às estruturas de concreto armado.



Olho para um lado e vejo a Praça do Esportista com a escultura do belo atleta a estimular movimentos e a convidar quem passe para um descanso nos bancos do seu jardim. Sem parada, só de passagem, dispense subir a rampa; alguns passos à frente e lá estão mesas repletas de amigos, assistindo ao automobilismo pela televisão, aperitivando delícias de pastéis, bolinhos, num ambiente amistoso, largo e acolhedor.

Adiante, eis o campo verde aberto às disputas pelo amor ao futebol. Ao girar a cabeça, apuro os ouvidos e escuto raquetes levantando bolas de tênis, enquanto à minha frente, a frondosa árvore centenária, abrigando sob sua sombra crianças entretidas nas histórias que suas mães leem. Enfim, por todo lado, atividades sociais, esportivas e culturais se multiplicam pelo território por onde cruzam crianças, jovens e idosos

Não tenho certeza se hoje é dia de jogo ou treino de basquete. Quero ver as cestas dos meus futuros campeões. Direto ao Ginásio, no terceiro degrau marquei meu canto. Suo muito, talvez mais que eles, até ouvir o apito do juiz. Palmas voam da arquibancada e abraços da moçada molham a quadra.

Eles, para o chuveiro; eu, para casa. Deixo-os na comemoração, como presente pela vitória; se pudesse ficaria, mas os meninos sabem da pilha de pacotes sobre a escrivaninha e do escasso prazo de entrega das provas. Há ritual de entrada e eu fiz o meu de saída: debruço-me no gradil por cinco minutos com os olhos fechados, tento repor energias consumidas na semana, diante da piscina azul. Ora essa, céu e água combinaram os tons desta manhã de domingo para alegrar a criançada e aqueles que esburacam a água para emergirem noutra ponta, fazendo graça. Saio feliz.

| O tempo voou e outra fase dá início à nova vida. Chega a hora de conhecer de perto a Página do Escritor, que leio na Revista. Com ela ganho mais um canto: Oficina Literária. Ora, para quem vive das letras, conviver com escritores, ter possibilidade de destinar um dia na semana para escrever, ler e receber comentários, é ganhar um presente dos céus; e mais, as noi-



tes das segundas-feiras abrem outro rico caminho: Biblioteca Circulante, à disposição.

Renovada, me sentia com esse extraordinário contato, sócios conhecidos pelos corredores estreitam amizade em nome da arte literária. Quantas vezes desfrutamos, a perder de vista, horas em conversas sobre novos autores, quer no Expresso ou no Café. Sem falar das muitas noites festivas, em lançamentos de livros, tanto de autores nossos como do exterior, tendo por cenário a Biblioteca Social. Espaço nobre, canto onde os concursos literários iluminam premiações - recompensas dos semestres de estudo e dedicação.

Fins de semana deixam a praia e o campo menos visitados, pois o cinema atrai pelos títulos. Estes momentos a dois, vividos de mãos dadas, diante da grande tela nas poltronas preferidas: a de número 1 para Sílvio e a vizinha para mim, nosso canto, nas últimas fileiras da plateia. Troca de opiniões sobre o filme nos esperam chegar ao Boulevard e, bem acomodados na mesa do canto direito, meu amado cinéfilo desfia as suas. O local nos propicia acompanhar o vaivém de pessoas – quantas vezes ele interrompeu a refeição para cumprimentar amigos, com papos breves, recheados de prognósticos para os próximos dias.

As atividades pró-saúde encaminham os dois: eu para a academia – meu principal canto – além da ginástica, e ele, piscina pós-ginástica. O dia era curto para tudo que podíamos aproveitar, mesmo assim organizávamos nossa agenda em função dos compromissos no *monumento* do Jardim América.

Tenho bilhete de viagens para lazer e cultura pelo mundo, às quartas-feiras; subo a rampa, e chegando ao Espaço Cultural, às dez em ponto, encontro mais um canto. Faz parte entre amigas um boca a boca, a fim de contagiar outras em atividades prazerosas, eis que História da Arte é uma delas, pela proficiência dos professores e primor da programação. Volta e meia revemos obras e museus que, embora conhecidos, nos proporcionam imensa satisfação, mas outros nos deslumbram ao serem visitados pela primeira vez. Diga-se que, em ambas as situações, para a visita ao museu daquele dia é imprescindível vasculhar vida e obra de pintores, o

que os mestres apresentam com propriedade em suas aulas com apoio do telão. A manhã se completa ao descermos ao meio-dia e a mesa estar nos aguardando para o almoço, com direito de levantar taças e brindar à *saúde*. A alegria encerra a reunião.

Outros ambientes mais altos, circundados por vidros, eu pouco frequentava, mas certo dia, recebo o convite de uma amiga para participar da palestra que seu marido faria, na boate, às cinco da tarde, terça-feira; ora pois, nossos maridos amigos eram há anos. Fomos, e assim adquiri assento na Conexão Cultural, canto certo, permitia-me ficar mais próxima da apresentadora, uma vez que nos afinávamos por consanguinidade.

Encontros faziam parte da rotina com filhos, netos, sobrinhos, mas aquele me captou de modo particular, porque terminada a palestra, os maridos desceram para um drink e nós duas nos sentamos ali mesmo. Pusemos muita conversa fora, até atualizarmos as vidas. Ao discorrer sobre o presente, ela me revela que seu sonho era praticar filantropia, seguindo exemplo de nossas mães. Pediu-me apoio. Sensibilizada com o projeto, aceitei. Era 2013. Propus que, assim que me desligasse de outras tarefas, com grande satisfação participaria das atividades planejadas. E assim mais um canto ganhei; nele pus meu corpo e alma. Porém, este é bem diverso dos outros, pois tem nome, chama-se Chave do Coração.

Com minha presença na Chave do Coração, digo que recebi mais uma herança para honrar no Clube Athletico Paulistano, até que a Terra me tire todos os cantos.

. . . . . Paulo Iakowski Cirillo

## Fragmentos paulistanos

1. Anos Quarenta (30/09/1945), meu pai, Carlos Nicodemo Sangiuliano Cyrillo, se torna sócio com o título de número 0854, que hoje pertence ao meu primogênito Paulinho Jr., quando da remissão de meu pai. Meu tio Vivaldo Castanho Iakowsky e amigos da rua Bela Cintra, Oscar Freire, Taiarana (atual Vitorio Fasano) e Sarandi (incluindo o saudoso Helio Poiani) se tornam sócios militantes no atletismo; sim, havia uma completa área destinada a isso.
2. Janeiro de 1953, meu pai me inscreve como seu dependente no CAP com o nome de Paulo Sangiuliano Cyrillo, mas dias depois, no cartório, me registra como Paulo Iakowski Cyrillo. No clube fico com o sobrenome Sangiuliano até os dezoito anos, quando adquiro meu título de número 8009, regularizo meu nome e hoje está com meu filho caçula, Carlinhos, por ocasião de minha remissão.
3. Meu primeiro corte de cabelo ainda se dá em 1953, pelas tesouras do Rodrigues, responsável pela barbearia ainda na sede velha, hoje Ginásio Antonio Prado Jr., barbearia que ainda frequento, agora, pelas tesouras do Franco, seu substituto.
4. Anos 50, bailes carnavalescos infantis, um pequeno córrego, onde hoje

é a piscina social; festas de Natal no antigo ginásio, onde atualmente fica o beach tênis. Meu primeiro mergulho na recém-inaugurada piscina social, linda e icônica até hoje. As lindas Poltronas Paulistano em couro negro ou marrom, criação do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, o mesmo do premiado internacionalmente ginásio Antonio Prado Jr., que se espalhavam ao redor do laguinho com carpas coloridas ao pé de uma estratégica e elegante escadaria, que se elevava do atual restaurante Boulevard até o inesquecível restaurante, com sua agradável varanda e seus simpáticos toldos com listras brancas e vermelhas. Não posso deixar de comentar sobre o simbólico afresco do renomado artista Danilo De Prete, que servia para demarcar o lavabo esquerdo, para uso masculino, e o da direita, para uso feminino, mas que, por ocasião da última reforma, arquitetos desatentos inverteram os lavabos e, não tendo como corrigir a falha, decidiram fixar o afresco no restaurante. A única obra de arte que conheço que fica pendurada numa janela. Tudo com muito requinte e glamour, foi o resultado de um projeto assinado por Gregori Warchavchik, a sede social do Club Athletico Paulistano, que ainda contava entre outros espaços com a esplendorosa boate com seu não mais existente jardim suspenso, com um bucólico lago repleto de nishikigoi, projeto assinado pelo paisagista Burle Marx. Só quem viveu tudo isto pode avaliar o que foi essa época do Paulistano.

5. Anos 60, amizades, muitas mantidas até hoje, outras diluídas pelo destino, mas não pela memória, natação todos os dias às sete horas com o Igai, na piscina antiga, onde hoje fica a “Quadrinha”, assim chamada e, aos domingos, como lazer, passando sob os túneis entre a semiolímpica e a infantil. Judô com o medalha de prata no Pan americano de 1956, sensei Kurashi. Primeiras paixões. Elegantíssimos bailes de debutantes conduzidas pelo memorável Tavares de Miranda, com direito a foto nas escadarias que levava ao salão de festas (postada na concorrida coluna social da “Folha de São Paulo”). E os Mingaus, todos os domingos das 20 às 22 horas, ao som de bandas como Mustang, Colt 45, Louphas, Memphis, Kompha, Folhas, o Sunday que até hoje anima mensalmente o bar social, Watt 69, do sócio

Mario Cerveira Filho. Som de fita com iluminação psicodélica da Audio, de propriedade do Dudu (Eduardo Machado Pereira Lima) e depois a subida a pé até o grandioso Conjunto Nacional, pela badalada rua Augusta, com seu footing domingueiro ao som do ronco de fuscas rebaixados e envenenados. O cinema infanto-juvenil todos os sábados às dez horas no salão de festas, que farra. Pingue-pongue e uma magnífica pista de autorama sobre o premiado “ginásio novo”.

Ver as meninas do vôlei treinarem nas quadras externas, onde hoje se encontra o *prédio novo* e as acirradas disputas no *ginásio novo*, sempre contando com a presença elegante e exótica do sr. Artigas. E o danado do crepe (jogo de dados) na esquina da Honduras com a México, que deixava os srs. Helio Poiani e Rossi loucos por ordem do diretor Francisco Cuoco, pai da Giorgia, linda. Esquina em que se vendiam cigarros contrabandeados, tudo escondido no porta-malas de um soturno sedã negro. As brigas com a turma do Pinheiros, Harmonia, Círculo Militar, Alto de Pinheiros... Festas Juninas, com direito a queima de fogos, o elegante Baile Vermelho e Branco que ocorria na comemoração do aniversário do clube, na época, 29 de dezembro. Tradicionais bailes carnavalescos com desfile de fantasias, incluindo as premiadas no baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Tudo sempre com uma decoração esmerada pelo mestre Giuseppe Venosa. E falando em mestre, não se pode esquecer do maître Pereira, sempre elegante e observador, capitaneando o restaurante. Ah, não poderia me esquecer dos shows como Jovem Guarda, com Roberto Carlos e outros com humoristas da extinta Record.

6. Anos 70, novas amizades, amizades partindo por não aquisição de títulos ou pelos desígnios do destino, como o triste episódio Rota 66 etc.

Boate jovem como continuidade do Mingau. Karatê, polo aquático. O magnífico Baile da Ilha Fiscal. Ao futebol, cabe uma atenção especial.

Anos 60, desde às seis, nas manhãs de domingo no *ginásio velho*, onde hoje se encontra o beach tênis, futebol de salão. Anos 70, futebol de salão aos sábados à tarde na quadra do *prédio novo* e rachão no campo. Anos 80, salão aos sábados pela manhã na quadra do *prédio novo* e campo aos do-

mingos bem cedo. Anos 90, *areião* religiosamente aos sábados pela manhã e durante alguns anos também às quintas do meio-dia às 13 horas.

Anos 2000, Galão aos sábados pela manhã. E quando da inauguração do complexo sobre a garagem, além de salões eventuais no ginásio Antonio Prado Jr., o sucesso da Quadrinha aos sábados pela manhã e, tempos depois, aos jovens com mais de cinquenta anos às segundas à noite.

| Esses são alguns fragmentos marcantes de uma vida no Club Athletico Paulistano 120.

. . . . . Maria Angela  
de Azevedo Antunes

## Histórias da História: um quarteirão de histórias

| Mal o carro entrava no portão da rua Estados Unidos, já se ouvia:

– Paulinhooo!

– Féérrnanda!

– Caluriina! – Nem sempre acertava o nome da caçula Carolina.

Seu João conhecia todos os carros, pais, avós e cada criança em especial. Sempre solícito e sorridente, perguntava como estávamos e já chamava os alunos pelo microfone, sem que precisássemos informar seus nomes. Dentro do Recanto Infantil, as *tias* iam liberando um a um. A porta aberta do carro recebia meus três filhos, que voltavam para casa rindo, brincando, às vezes até com uma briga. Sem cinto de segurança, cadeirinhas e air bags. Isso durou todo o tempo em que permaneceram lá na pré-escola, como era nomeada essa fase de educação infantil.

Mini maternal, Maternal, Jardim I, Jardim II e Pré-Primário, quando iam para a escola dos alunos grandes. Alguns já saiam no término do Jardim II, para garantir vaga nas concorridas escolas de São Paulo. No Recanto, para os íntimos, aluno só tinha a matrícula aceita com dois anos completos e desde que não usasse mais fraldas. Todos os pais se conheciam. Era pequeno. Nossos filhos estudavam de manhã. Trânsito? Não havia!

O carro de trás na maior educação e paciência, aguardava sua vez para pegar seu filho.



As festas de aniversário eram feitas no parquinho ao lado do Recanto. Brigadeiro não podia faltar, geralmente um palhaço, para fazer um show ou gincana. O ponto forte eram os brinquedos: gangorra, gira-gira e outros mais. O importante era ter crianças. O resto, só folia.

Fizemos muitos amigos, que conservamos até hoje. Era como uma grande família, os alunos aproximavam seus pais para o convívio que extrapolava a escola. Finais de semana nas piscinas eram esperados. Muitas vezes deixamos de ir à fazenda para que pudessem encontrar os coleguinhas no Club.

Foram sete anos de Recanto, entre o primeiro filho entrar e a caçula sair. Durante dois anos, tivemos os três juntos. Quando o mais velho foi para a *escola dos grandes*, tivemos a sensação de que estávamos ficando muito velhos. Imaginem só: beirando os trinta anos; e quando a caçula saiu, a sensação de vazio foi enorme. Nossos filhos não eram mais bebês.

Nessas horas que percebemos as fases da vida e como o tempo passa depressa demais.

Cultivamos os amigos queridos até hoje, com muito carinho. As crianças também. Agora, já são pais, e nos deram a oportunidade maravilhosa de sermos avós.

Quando as experiências são boas, a tendência é repeti-las. Nossos netos estudam no querido Recanto Infantil.

O filme volta e aqueles pequenos que brincavam, faziam balé, escola de esportes e judô, agora se encontram na porta da escolinha, trazendo seus filhos e repetindo a aventura de estudar e se divertir.

E a natação? Tia Bia, grande professora, dava aula para nossos filhos; agora treina nossos netos.

– Olha o tubarão! Agora o Golfinho!

E, no meio da brincadeira, ensina os peixinhos humanos a nadar. Naquele tempo longínquo, quando nos cumprimentava, dizia:

– Bom dia, mamãe!

Agora, quando nos encontramos, ela diz:

– Bom dia, vovó!

No vestiário da piscina, o ícone era dona Laura. Baixinha, sorridente, um pouco rechonchuda, educada, porém enérgica, punha a criançada pra correr quando via bagunça. Ficou lá por quase quarenta anos, quando o clube a aposentou. Lembro-me que ela ficou muito triste, pois dizia que aquela era a sua segunda casa. Sentimos muito sua falta.

Há pessoas que fazem parte do clube, como se fossem um pedaço do cenário vivo. Um deles é o eletricitista. Era jovem e sempre requisitado nas festas de final do ano do Recanto ou nas apresentações de dança. Até recentemente o encontrava. Ele deve ter bastante idade, porque os seus cabelos branquearam por inteiro. Um sorriso simpático e a solicitude e educação de quarenta anos atrás. Um exemplo de vida dessas pessoas que trabalham com tanta alegria e prazer.

O heterogêneo grupo do cooper durou anos, uma hora quatro vezes por semana, acompanhando as fases da frondosa árvore, durante as estações do ano. Ora com vagens, ora florida, mas sempre um verdadeiro espetáculo da natureza. Sempre tinha gente nova. Enquanto os filhos ficavam na escola, as mães se encontravam. Parte desse grupo se reunia uma vez por semana ao lado da pérgola, no antigo chafariz, para diversas atividades: meditação, leitura de livros, troca de receitas e outras coisinhas mais. Não tínhamos essa infinidade de aulas e atividades que temos hoje em dia.

Há grupos distintos no Paulistano.

Um dos mais gostosos é o Grupo das Mães do Recanto, que começou a se encontrar há trinta e quatro anos. No início, com quase uma classe inteira de mães. A maioria foi desistindo por escolhas, momento de vida ou outros interesses e, nos últimos vinte anos, somos apenas seis. Nossos encontros acontecem dentro e fora do Club, mas formalmente, duas a três vezes por ano. Jantar regado a vinho, que embala as conversas, com muitas lembranças e boas risadas. No atual Boulevard, Eliana Tognini Frizzo, Maria Alice Capez, Renata Danicek, Flávia Amaral, Flávia Mendes Gonçalves, Bernadete Ramos e eu, mantemos a amizade sem cobranças, atualizando os *causos* e trocando confidências. Somos tão diferentes, mas tão leais e cúmplices! Uma delícia esses encontros.

Quando meus filhos ficaram jovens, afastaram-se do Club. A esco-

*la dos grandes* absorvia quase que o dia todo com aulas e estudos. Muito puxada, eu dizia que tinham agenda de executivo. Valeu a pena, como resultado: USP, FGV e PUC. Também tinham o social da escola, de outros grupos de amigos, os primos da capital e do interior, as férias nas fazendas dos avós, a fase das praias e dos passeios de barco.

Escrever sobre o tema do Club Paulistano nos traz muitos vieses, e fica difícil concatenar o turbilhão de fatos e emoções que borbulham incansavelmente, teimando em atropelar os pensamentos.

Passado um tempo, aconteceu o terceiro convite para que o ocupado marido, que pouco ficava em São Paulo, assumisse uma diretoria no Club. Desta vez, acabou aceitando. Com isso, voltamos a frequentar com mais intensidade o quarteirão do CAP: academia, cinema, restaurantes, eventos, grupos de ginástica, Coral, Oficina Literária.

Numa conversa informal em minha casa, minha amiga Teresinha Policastro e eu, combinamos de montar um grupo de conversas sobre temas atuais, concretizando o desejo que nós duas tínhamos de trazer cultura e arte para as pessoas. Percebia-se também que muitas delas passavam solitárias tardes no clube.

Combinamos que iríamos juntar nossos talentos e expertises, para criar um entretenimento interessante. Não sabíamos como seria, mas decidimos começar informalmente.

O primeiro encontro, dia 30 de Outubro de 2007, numa terça-feira, contou com sete pessoas. Os sofás em frente à Biblioteca Social, no primeiro andar do prédio principal, foi o local escolhido. Nesse dia, conversamos sobre filmes e personalidades importantes. Houve três minipalestras proferidas por Zélia Savelli, que falou sobre os filmes da semana, Giselda Guglielmo Penteadó, que discorreu sobre uma mulher em evidência naquele momento – Cristina Kirchner – e eu, que discorri sobre o tema *Alteridade*, tão inédito naquela época.

Assim surgiu a Conexão Cultural.

Apresentamos a nossa ideia dos encontros e as cinco amigas presentes prontamente aderiram a ela. Pedimos que convidassem pessoas para o segundo encontro, que seria na terça-feira seguinte, que já contou com

quatorze pessoas. No terceiro encontro éramos mais de vinte; se continuasse assim, não caberíamos nos sofás, precisaríamos de um espaço maior.

Solicitei ao meu marido, que era da Diretoria, que nos apresentasse ao então Diretor Cultural, nosso querido Nino Amato, que cordialmente nos atendeu. Queríamos um espaço para fazer as reuniões. Na época não tinha o atual nome, eram apenas Encontros Culturais.

Nino disse que não acreditava na ideia, mas que ia *pagar para ver*. Sendo assim, poderia nos ajudar. Sugerimos o Mezanino, que ficava ocioso na maior parte do tempo. As reuniões continuaram a crescer e aos poucos o formato foi se aprimorando, agora com um palestrante por vez. Nino, tão culto, foi um dos apresentadores no ano seguinte, falando sobre Maria Callas. Foi um sucesso! Fez uma apresentação com vídeo, power point, música. Sua palestra deu início a uma fase mais profissional do nosso trabalho. Mais tarde, Nino tornou-se nosso grande amigo e colaborador. Sempre com o apoio irrestrito de Silvana Marani e sua equipe.

No aniversário de um ano do grupo, numa apresentação especial, ele falou em público que queria se redimir, pois em nosso primeiro encontro havia afirmado que não acreditava que o trabalho fosse vingar. Em sua fala, irônica e ácida, afirmou naquela ocasião, que a experiência não duraria mais que dois ou três meses. Nesse primeiro aniversário, reconheceu nosso empenho, seriedade e os frutos do nosso trabalho.

A cada semana, convidávamos uma pessoa diferente para palestrar, procurando inovar e trazer temas que contribuíssem com a cultura, a vida e o bem-estar das pessoas. Com o tempo, a Sra. Teresinha Pereira de Souza, uma das assíduas frequentadoras, apresentou-nos o trabalho de um Grupo dos Pianistas, que se reunia há quase quarenta anos e nosso Projeto ingressou na fase das apresentações musicais. Piano individual, a duas mãos, a quatro mãos, violinos. Concertos lindíssimos, que intercalávamos com palestras nas áreas médica, educacional, psicológica, artística, nutrição, cuidados com o corpo e a mente, turismo, gastronomia, paisagismo e toda sorte de assunto. Em uma das edições, fizemos um passeio pelo Club para reconhecer os diferentes tipos de árvore existentes. Permaneci nessa parceria durante nove anos.

Poderia escrever um livro com as memórias das coisas que vivi. Imagino as outras experiências das quase três mil pessoas que passam pelo Club diariamente.

Nessa fase de pandemia, numa situação inédita, o Paulistano permanece fechado por meses seguidos pela primeira vez em sua história. Até então, nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano, somente às quartas-feira de cinza o Club não abria suas portas aos associados.

E eu fico aqui pensando:

– Acho que o Club também está sentindo falta de nós!

Falta das nossas risadas, choros, conversas, vida, de nossas histórias.

Minhas histórias,

Histórias dos amigos, dos não tão amigos,

Histórias das mentiras, das traições,

Histórias de amor,

Histórias do passado, do presente,

Histórias da História.

## A literatura no clube Paulistano

*Feliz quem achou a sabedoria  
E alcançou o entendimento!  
Pois adquiri-la vale mais que ter prata  
E seu rendimento supera o ouro fino.  
(PROVÉRBIOS 3, 13-14)*

| Se você, sócio do Paulistano, quiser aprofundar seus conhecimentos literários, parabéns, pois está no lugar certo. O CAP oferece numerosas oportunidades nessa área, sob a direção do seu Departamento Cultural.

O primeiro mandamento na literatura é sempre este: ler. Ler muito. E no clube há duas excelentes bibliotecas para satisfazer esta demanda. Conforme o seu site, “as bibliotecas do Clube Paulistano têm como objetivo preservar e disponibilizar o acervo (composto por livros, dicionários, enciclopédias etc.), periódicos (jornais, revistas e anuários), mapas, DVDs e Blu-rays. A Biblioteca Ubirajara Martins de Souza, conhecida como Circulante, atingiu a meta de dezessete mil livros e quatro mil DVDs, com acervo disponível para consulta local e empréstimo domiciliar.” Você pode passar uma vida nesse local e nunca ficar sem obras-primas e interessantes para ler, tanto no local como emprestadas.

Prossegue o site: “A Biblioteca João Baptista Amarante Filho, chamada de Social, mantém livros, jornais e revistas apenas para consulta local”. Acrescento que esse recinto, aliás muito aconchegante, fica aberto nos fins de semana.

Nessas duas salas estão as fontes do saber para os associados e o núcleo da criação de literatos; há quinze anos elas têm a competente direção de Laís Helena Giancoli.

No Clube do Livro, uma publicação de autor notável é selecionada e emprestada para estudo mensalmente. Após os trinta dias você pode participar da reunião dos interessados para analisar o livro. Alternadamente há um texto brasileiro em pauta, e, às vezes, o próprio autor aparece para falar de suas ideias. Assim, por exemplo, a brilhante palestra de Luiz Ruffato sobre seu livro *O verão tardio*, em 2019, teve um sucesso absoluto. O Clube do Livro é dirigido com eficiência pelo talentoso Carlos Eduardo Cornacchione. Aqui o estímulo à leitura é inegável, um bom começo para os que sonham criar algo próprio.

A oficina literária do Paulistano é conhecida pelo alto nível de seus participantes. Ativa há ininterruptos vinte anos, se dedica a aperfeiçoar as obras de seus escritores, com um novo orientador a cada semestre. Ali nasceram centenas de textos e muitos livros, alguns até no exterior, como Portugal, Alemanha e Itália, e redações vencedoras de concursos. A fama destes oficinas se espalhou pelo país inteiro. Mestres notáveis ministraram estes encontros, desde o saudoso Caio Porfírio Carneiro até o atual, Nelson de Oliveira – este, aliás, já tinha vindo em anos anteriores –, passando por João Silvério Trevisan, Marcelino Freire, Cláudio Willer, e escritoras como Renata Pallotini, Andréa Catrópa e tantos outros. Recentemente, ministradores jovens, como Antônio Xerxenesky e Carolina Zuppo Abed dirigiram o grupo com muito sucesso. Eles aumentaram o cabedal de conhecimento dos presentes e deixaram sua marca. Assim, Marcelino Freire mostrou o perigo do uso de clichês, Marne Guedes e Cláudio Willer abordaram a literatura erótica, Fernando Oria Carneiro preferiu examinar poucos textos por sessão para estudá-los com mais profundidade, Evandro Affonso Ferreira conseguiu mostrar a cada participante qual autor famoso



combinava com seu estilo, Andréa Catrópa fez uma revisão de todas maneiras de escritas como romance, novela, conto, crônica, poesia, e Nelson de Oliveira ensinou também a maneira correta da apresentação gráfica dos textos. Qualquer sócio do CAP pode participar destas reuniões, que são totalmente gratuitas, mas é recomendável que a pessoa já tenha redigido algum trabalho – afinal, trata-se de uma oficina. Foi ali que nasceram várias obras premiadas e muitos livros. A oficina é dirigida com eficiência pela brilhante Helô Bello Barros.

O concurso literário do clube é cada vez mais concorrido. Aberto a todos os sócios, divide-se entre obras infanto-juvenis e adultas, nas categorias de poesia, crônica, contos e sustentabilidade. No fim do ano o clube premia os textos vencedores durante uma bela festa com coquetel, fotos, confraternização e presença de amigos e familiares.

A revista O Paulistano publica mensalmente uma página literária, com obras premiadas nos mais variados estilos. Assim os leitores poderão apreciar os melhores trabalhos dos associados. Muitos também concorrem aos certames da ACESC e do SindiClube, onde o Paulistano se distingue como o maior vencedor.

Uma boa ideia para você avaliar o trabalho dos escritores do CAP é ler seu livro do ano, o Caderno Literário, este mesmo que está em suas mãos agora. São quarenta colaboradores, todos com narrativas de muita responsabilidade sobre um tema comum – neste ano o assunto é o próprio Club Paulistano e seus 120 anos de existência. No passado, a proposta desafiadora era escrever sobre celebridades como Clarice, Machado, Vinicius, Dante, Shakespeare, Cervantes, Camões, Chaplin. O clube não poupa despesas para estas edições notáveis, suas redações, ilustrações, impressão, paginação, capa, qualidade do papel – tudo. É um trabalho primoroso, de ano inteiro. Trata-se de uma valiosa obra de arte. Na concorrida festa de seu lançamento, os autores participantes recebem alguns exemplares e há numerosas encomendas, divulgando o livro no país e no exterior.

Sim, literatura é cultura, é arte. E durante dez anos o CAP brindou seus associados com as palestras mensais sobre a História da Arte proferidas pelo professor Renato Brolezzi. Historiador, antropólogo, sociólogo, e

com frequentes referências literárias, ele proporcionou horas inesquecíveis aos presentes. Na ponta da cadeira, o auditório ouvia o palestrante abordar com cultura, humor e profundidade os grandes artistas do passado. O falecimento precoce deste mestre ímpar chocou todo o universo cultural.

Em março de 2020, quando a pandemia de coronavírus obrigou o Paulistano a fechar temporariamente as suas portas, nem a oficina literária nem a troca de informações sobre o livro do ano pararam. Recorrendo à prática da videoconferência, prosseguiram, sem interrupção, com seus encontros semanais

A cultura do Club Athletico Paulistano continua viva. E convida você a participar.

*Agradeço à amiga Maria Lúcia Perrone Passos por pesquisar e nos fornecer a lista completa dos oficinairos que já passaram pelo nosso clube, em seu artigo *A Academia de Letras de um clube paulistano*.*

. . . . . Jane Sampaio

## Um olhar, uma viagem

Arte em exposição nos espaços do clube Paulistano

*Não há melhor maneira de nos unirmos ao mundo, nem  
de nos afastarmos do mundo, do que através da arte.*

GOETHE

| Entre as cores, as formas e a luz, surgem linhas, pontos e curvas.

Agora, respire e sinta as cores. Olhe para cima, para baixo, para todos os lados, deixe o espaço crescer. Esquece, tem que sentir o ritmo. É preciso ter força, é quase como flutuar.

Agora, as cores aparecem e se mostram. Livres se envolvem e cada vez mais fortes e mais densas te aquecem. Feche os olhos para se proteger. Elas ficam à espreita e como uma Sinfonia Plástica se unem para te atingir. Um impasse, mais azul, mais preto, mais branco – unidos não permitem que o vermelho se espalhe, mas o amarelo goteja e ganha o seu destaque.

Agora, a linha precisa respirar, dê uma volta, olhe de longe. Junte dedos e unhas ao pincel, quem sabe consegue ter força. Mas a linha, quando você menos espera, de mansinho se move e caminha livremente. Não, não está cansada, mas feliz, ali presente se envolvendo e se mostrando.

Seus olhos e o seu corpo se misturam às tintas e aos pinceis. A Obra

está pronta? Mas um ponto negro teima em criar uma certa desavença. Não, não, deixe, saia. Ele tem vida própria, que fale por si só.

| – Toni, nunca esqueço minha saída do Brasil para estudar em New York, pois devo isso a você. Foi o seu conselho que girou a chave do meu destino, hoje só trabalho com arte. Pinto murais, painéis, escrevo, faço palestras e ainda dirijo documentários sobre arte. Lembro tão bem desse dia. Você foi até minha casa, a pedido de meu pai, olhou o que eu estava fazendo, esculturas com ossos de boi da fazenda, alguns desenhos, e profetizou: “Menino, você precisa ir embora, para Berlim ou New York.” Meu pai, assustado, respondeu, Toni, o Eduardo acabou de terminar a faculdade, vai começar uma profissão. Você sabe, viver de arte é sacrificado, praticamente uma aventura, e ficou em silêncio.

– Duda, eu disse exatamente o que sentia, estávamos na final da década de 90, próximos da virada do milênio. Nos Estados Unidos e na Europa o contexto das discussões e do fazer artístico já era em torno do pós-pós-moderno. Portanto, os melhores locais para evoluir.

– Seu conselho foi o melhor que poderia ter acontecido. Mas me fale um pouco das suas esculturas que estão aqui no Paulistano, Toni. Antes quero que você prometa ir à inauguração de minha exposição, *Raízes e Fragmentos*, lá no Ibirapuera.

– Claro, Duda, não perderia essa exposição por nada desse mundo.



Arthur Friedenreich  
Antonio Millionica Tursi Gomes

| Diversas pessoas, de uma forma ou de outra, foram os protagonistas desta história. O campo de futebol do Paulistano foi batizado com o nome do grande artilheiro Arthur Friedenreich. Durante a reforma para a construção da garagem, o pequeno muro que exibia o nome Arthur foi demolido. A situação incomodou diversos conselheiros que, levaram a



O Atleta  
Antonio Millionica Tursi Gomes

questão à diretoria. Uma nova proposta surgiu, duas esculturas, uma delas em homenagem ao Arthur Friedenreich e a outra aos desportistas do clube, *O Atleta*.

| – Toni, vamos dar uma volta para encontrar os artistas que fazem parte do acervo do Paulistano e que têm seus trabalhos expostos no clube. Eles aqui vieram hoje a convite da Diretoria Cultural para realizarmos um documentário. Esse trabalho é um dos projetos da Diretoria Cultural para a comemoração dos 120 anos do Paulistano. Vamos, os artistas estão esperando.

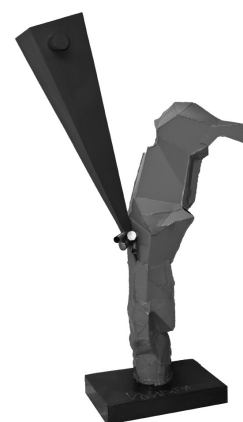
Caminhamos até o salão Júlio Mesquita, lá encontramos o Caciporé.

– Caros amigos, estamos no Salão Júlio Mesquita com o artista, escultor, desenhista e professor Caciporé de Sá Coutinho Lambare Torres, ao lado de sua obra *O Pássaro Azul*. Caciporé, poderia falar um pouco da sua trajetória na arte?

– Boa tarde a todos. O que posso dizer é que estudei História da Arte na Universidade de Sorbonne, Paris. Aos dezessete anos, recebi um prêmio na Bienal de São Paulo. Mais tarde, fui premiado no II Salão de Arte de Brasília e em mais três edições da Bienal de São Paulo. Eleito duas vezes o Melhor Escultor pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Tenho trabalhos nos principais museus brasileiros, e mais de setenta obras, espalhadas por lugares públicos de diversas cidades do país.

– Obrigado, não esqueça da nossa celebração.

– Certo.



*Pássaro Azul*  
Caciporé Torres

| – Que bom, Toni, conseguimos entrevistar os escultores Roberto Lerner, Bruno Giorgi, Nino Ferraz, Sandra Simões e Helou Motta. Agora vamos para a segunda parte: as telas e os painéis.

– Estamos no Salão Luís Ferraz do Amaral. Salão Nobre da Antiga Presidência, diante dos dois painéis, *A Colheita do Café* e *Jesuítas e Prisioneiros*, obras do artista, desenhista, ilustrador e muralista Clovis Graciano. Vamos ouvir agora algumas palavras de Clovis.



Colheita do Café | Clovis Graciano

– Obrigado pelo convite, Duda, boa tarde a todos. Fiz parte do grupo Santa Helena e do Pós-Semana da Arte. A partir de 1950, me dediquei exclusivamente à pintura mural e executei cerca de cento e vinte painéis inspirados em episódios da história paulista. Sempre afirmei que o mural/painel é a forma mais democrática da pintura.



Padre Jesuíta e Prisioneiros | Clovis Graciano

- Obrigado, Clovis, venha à comemoração dos 120 anos do Paulistano.
- Contem comigo.

| – Incrível, conseguimos ainda ouvir, os pintores Danilo Di Prete, Benedito Calixto, Pedro Alexandrino, Fang, Darcy Penteado e ainda o retratista Edmundo Migliaccio, o autor de mais de dez obras dos presidentes do clube. Terminamos.

| – Duda, chegou o seu grande dia.

– Toni, essa minha exposição, *Raízes e Fragmentos*, está sendo realizada a convite do Diretor Vitalício do Museu Afro Brasil, Emmanuel Araújo, e faz parte das novas amostras que celebram os onze anos da instituição. Teremos hoje diversas autoridades e representantes do mundo da arte. E como não poderia deixar de ser, estarão também o curador da exposição, Dr. George N. Preston, PHD da New York City University, NY, e o Dr. Carlos Hernandez, Reitor da New Jersey University, NJ.

– Sensacional! Duda

– E amanhã vamos levar o Emanuel, o George e o Carlos para a celebração dos 120 anos do Paulistano?

– Sim, com certeza, aqui estão os convites.

Referências | Duda: Eduardo Henrique Pontes de Oliveira Penteado. Toni: Antonio Milliônica Tursi Gomes | Memória pessoal do artista plástico Duda Penteado: [www.dudapenteado.com](http://www.dudapenteado.com) | Centro Pró Memória-Artigo de Murilo Pessoa e foto de Fabio Figueiredo | Centro Pró-Memória do CAP, telas e esculturas.



## 120 anos de futebol paulistano

| No dia 30 de novembro de 1900 um grupo de jovens se reuniu na Rotisserie Sportsman, no edifício que existia na esquina da rua Libero Badaró com a Rua Direita, com a intenção de criar um clube poliesportivo.

Era comum que os clubes de São Paulo, fundados entre os séculos XIX e XX, fossem poliesportivos.

O Paulistano não seria diferente. Mesclavam a prática do ciclismo, pelota basca, natação e ginástica.

Assim, uma vez aprovados os estatutos, foi fundado oficialmente o Clube Athletico Paulistano, em 29 de novembro de 1900, tendo sua primeira sede na rua da Consolação, no Velódromo de São Paulo.

A primeira modalidade que ganhou interesse na formação do CAP foi a implantação do jogo de futebol. Graças a um encontro dos dirigentes do recém-criado clube com o amigo Ibanez Salles, meia direita do time da Associação Athletica Mackenzie, que sugeriu a introdução do futebol no Clube Athletico Paulistano.

A ideia foi levada aos diretores do CAP, mas não foi aceita pela falta de interesse dos sócios. Meses mais tarde, Ibanez Salles encontra-se novamente com os mesmos amigos, no campo do São Paulo Athletic Club, e insiste na proposta, que, desta vez, surte efeitos e os treinos se iniciam no Velódromo da rua da Consolação.

E não tardou para o futebol amador começar a fazer sucesso.

Inicialmente os jogos eram disputados entre os sócios das mesmas agremiações. Com o passar do tempo, outros clubes começaram a aderir à modalidade e a se enfrentarem entre si e, dessa forma, em 13 de dezembro de 1901, foi fundada a Liga Paulista de Futebol Amador, idealizada por Antonio Casemiro Costa.

Em 1902, São Paulo Athletic Club, Associação Athletic Mackenzie College, Sport Club Internacional, Sport Club Germânia e Club Atlético Paulistano deram início ao primeiro campeonato organizado no Brasil.

Nos três primeiros anos pela Liga Paulista de Futebol, o Paulistano enfrentou derrotas, sempre nas decisões dos jogos com o São Paulo Athletic Club de Charles Miller, mas a partir da primeira conquista iniciou uma série de incríveis proezas, que culminou com o tetracampeonato do Paulistano entre 1916 e 1919, feito até hoje inigualado.

O Paulistano foi o clube mais vezes campeão paulista de futebol amador. Levantou onze taças e sagrou-se tetracampeão entre os anos 1902 e 1929.

Em 1925, excursionou à Europa, disputando dez jogos na França, Suíça e Portugal. Venceu nove jogos, e perdeu apenas um. A volta ao Brasil foi triunfal, sendo recebidos pelo presidente do Brasil, Arthur Bernardes, num banquete na sede do Fluminense, no Rio de Janeiro, e aclamados nas ruas de São Paulo.

Fora de campo, as coisas não andavam muito bem. Em 1930, os clubes da Liga Paulista de Futebol Amador se reúnem para discutir a sua dissolução.

Para o Paulistano não havia o que discutir, pois ele se opunha à profissionalização do futebol amador. Os diretores insistem em manter sua tradição amadorística e o profissionalismo caminhava a passos largos.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBD) não reconhece a existência legal da Liga Paulista de Futebol Amador, o que impede que seus times disputem jogos com times de outros Estados ou outros países. O Paulistano anuncia a sua decisão: futebol no Clube Atlético Paulistano está encerrado. Termina o futebol profissional no Clube Atlético Paulistano.

No entanto, continua vivo no clube o futebol amador, por meio dos campeonatos internos e interclubes envolvendo diversas categorias, desde fraldinha até veteranos, e sempre honrando e homenageando a lembrança e a história de seus fundadores e jogadores famosos: Arthur Fridenrich, Filó, Mario e Rubens Salles.

· · · · · Maria Helena  
Nogueira de Almeida

## O baile do dia 29 de dezembro de 1965

| Enviado pela modista, o vestido chega em enorme caixa, envolta em papel de seda branco. Minha mãe coloca-a na cama e aos poucos vamos desembulhando até surgir um traje verde malva, de faille, o corpo todo bordado com lantejoulas prateadas. Um deslumbramento.

Ouvindo nossas exclamações, meu avô, que havia chegado para um cafezinho, vem participar de nosso entusiasmo.

– Você vai ficar linda, Odete. A cor do vestido combina com seus olhos. Dezoito anos, seu primeiro baile. Onde vai ser esta festa?

– No Paulistano, aniversário do clube e inauguração da piscina social, baile de gala.

– Você fez bem ao entrar para esse clube, fundado por paulistas. Você conhece as famílias de seus amigos?

– De nossa turminha, algumas eu conheço.

– É muito importante conhecer a família, seu berço. No meu tempo as famílias viviam em largos sítios, eram conhecidas pelos nomes de suas fazendas. Eu encontrei sua avó, tão linda e graciosa, numa festa que durou quatro dias na fazenda de meu tio. Depois, ela e eu descobrimos sermos parentes.

– Já vem o senhor, papai, com essa mania de tradição. Conte para Odete aquele episódio quando o senhor morava em Campinas.

– Melhor conversarmos sobre o baile.

– Então eu conto.

– Muito bem. Estávamos em Campinas, no melhor barbeiro da cidade, salão do Camilo Marrone. Todos jovens e nos julgávamos muito importantes, paulistas de quatrocentos anos, e na prosa foram surgindo nomes de barões e baronesas. O Camilo ia escutando, a certa altura falou: “Minha família é napolitana há mil e duzentos anos.”

– Ah! E o que o senhor fez, vovô?

– Eu peguei o jornal e fiz que não era comigo.

– E seus amigos? Ficaram com cara de quem comeu doce de cidra bem amargo. Mudando de assunto, seu clube, aquele bangalô da rua Colômbia, como é por dentro?

– A gente entra, o porteiro, seu Manoel, conhece todos pelo nome, nós, sócios, nem precisamos mostrar a identidade. Do lado esquerdo é o salão de festas e no direito fica o guarda-casacos feminino. Quem toma conta é a Lourdes, que eu adoro, é uma morena bonita, qualquer rasgo no vestido ou uma alça rompida, ela vem em sua bondade, ajudar com linha e agulha. Também gosta de ouvir nossas confidências e aconselhar.

– Muito bem, e o que mais?

– A piscina velha fica lá no fundo do clube no lado da Alameda Rocha de Azevedo. Temos que deitar no chão, em cima de toalhas para tomar sol.

– Estragar a pele e ainda deitar no cimento; aparteia minha mãe.

Nem conto para meu avô sobre aquele terraço ao lado do salão de baile, onde vamos namorar e beber Cuba Libre.

– Fale-me das moças bonitas.

– As bonitas dançam a noite inteira, as feinhas tomam *chá de cadeira*. As que não perdem um baile são chamadas de *arroz de festa*. Quando não queremos dançar com um rapaz damos *tábua*.

– Os homens vão de casaca?

– Apenas conheço um, vovô. É alto e elegante, seu nome é Victor. Os outros vão de smoking ou summer-jacket, paletó branco e calça de smoking.

Mamãe logo dá seu palpite:

– E as moças usam vestidos longos de tafetá, tule, faille, renda ou cetim.

A prosa vai se prolongando e eu prefiro me retirar para meu quarto, preciso descansar para uma noite movimentada. Estou nervosa, não sei como resolver meu problema. Meu pai é um santo, me leva, compra mesa, dá carona para minhas duas amigas e fica até o fim do baile. Mamãe vai ficar dormindo. Devo apresentar certa pessoa na portaria e comprar convite, ele não é sócio. Como vou dizer aos meus pais que o rapaz que estou namorando é desquitado e *de cor*?

Estou feliz, Adalberto Batista, meu pretendente, e papai deram-se muito bem, descobriram ter a mesma profissão, advogados de grandes bancos. Adalberto foi muito bem recebido na portaria onde foi apresentado. Ao entrar no salão logo fez sucesso por ser alegre e falante, conquistou minha turminha. Até as duas irmãs empertigadas, nossas amigas, vieram me perguntar:

– Onde você conheceu esse pão?

Shakespeare já dizia: “All’s well that ends well.”

Na verdade nem tudo está bem, ainda terei de explicar aos meus pais sobre meu namorado: ele é dez anos mais velho que eu, desquitado e com um filho para criar.

Que fazer se meu coração é travesso?

## O vestido chegou?

| A comissão de recepção era organizada pelos jovens. Rapazes com terno de linho branco e moças em vestidos esvoaçantes ensaiavam as danças. Logo chegaria a grande festa, que marcava a apresentação, à sociedade, de moças que completavam quinze anos. Debutar envolvia o trabalho de mães, filhas, irmãs, primas e pais curiosos com os preparativos. Por mais de um mês, as conversas giravam em torno do acontecimento:

- Que sapato devo usar, cetim liso ou todo bordado?
- Prefiro o liso.

Encontros eram marcados para discutir se escolheriam um estilista brasileiro ou se trariam o vestido da Europa.

Uma das mães logo declarou sua escolha por Madame Rosita, pioneira da alta-costura no Brasil. Com seus modelos elegantes e bem-acabados, em pouco tempo tinha conquistado grande clientela. Chegou a ter a sua Maison, esquina da avenida Paulista com Haddock Lobo, com uma câmara frigorífica para guardar os casacos de peles das clientes.

- Minha filha adora vestido rodado com faixa na cintura e laço.
- Cetim adamascado tem bom caimento. O que vocês acham do deco-  
te canoa e delicados bordados? Entre cafezinhos e docinhos, vestidos eram escolhidos. Quase sempre um modelo simples, em tons variados de branco.
- Mãe, me dá um palpite: cabelo ondulado ou liso?
- Linda, o cabelo ondulado nas pontas é mais chique.



Algumas avós preferiam a Maison Dener. O costureiro se autodenominava Coco Chanel da moda brasileira, desenhava e confeccionava modelos deslumbrantes. As senhoras marcavam visitas, que eram regadas a champanhe. E, entre o tilintar de copos e o som de um violino, ele chamava manequins para desfilarem seus vestidos de caimento impecável.

As colunas sociais ficavam alvoroçadas, sempre atrás de boas notícias e o diz-que-diz do esperado eventos.

Foi marcada uma reunião para decidir a decoração do salão. As jovens, algumas de mau humor, discutiam quem ficaria perto da orquestra. A briga só terminou com a intervenção da Matilde da chapelaria. O salão e a escada foram decorados com rosas, camélias, e folhagens, as mesas receberam toalhas de renda e arranjos com velas. Tudo um luxo.

– Mamãe, posso usar aquele colar que você ganhou do papai?

– Claro, filha, seu pai e eu estamos muito orgulhosos de você.

Era comum formar fila na entrada do clube para ver as debutantes que eram recebidas com gritinhos e palmas. Ao serem levadas para uma sala, a expectativa acelerava as emoções. As orquestras comandadas por Simonetti, Sílvio Mazuca e Românticos de Cuba iriam revezar. O colunista social Tavares de Miranda chamava as debutantes que, uma a uma, entravam no salão, iluminadas por um spot para dançar com o pai a valsa de Strauss. Em seguida as famílias se reuniam nas mesas para desfrutar um saboroso jantar. Na saída as debutantes recebiam lembrancinhas. Eram as estrelas da noite.

Isso aconteceu até 1985, quando o Club Athletico Paulistano percebeu que o evento tinha cumprido a função e estava fora da nova realidade. Eram outros tempos.

Ficava no passado a época em que os rapazes jogavam pingue-pongue enquanto moças esperavam ser cortejadas. Grandes mudanças vieram e novos costumes surgiram. Olhando para trás, é bom ver o quanto mudou o papel da mulher na sociedade. A vida das mulheres não podia continuar a ser obscura.

– Meninas sonhando com modelos de alta-costura e tecidos? Nunca mais.

. . . . . Maria Luiza Galli

## Os 120 tons do vermelho e branco

| Final de 1900. Novo século. Novos ideais. Industrialização. Progresso. Modernidade. Nesse clima de ufanismo, impulsionado pela força do que está por acontecer, nasce o Vermelho e Branco. Club Athletico Paulistano. CAP.

Desde os primórdios, a história do Paulistano, que surge de mãos dadas aos arroubos da juventude, no último dia de novembro de 1900, se entrelaça com a do futebol. O esporte das bolas jogadas com os pés, importado da Inglaterra, cresce e vive no Velódromo, a primeira sede esportiva do CAP, nos arredores da Igreja da Consolação, durante quinze anos, com jogos cada vez mais assistidos por homens enfarpelados, e, inclusive, por mulheres que se paramentavam para os dias da festa.

Nessa época, não podiam ir desacompanhadas, pois apenas as levianas andavam sós. Perfeitos em marketing, para entusiasmar a torcida, criam um grito de guerra: *aleguá, guá, guá*, ou seja, *avante, avante, avante*. Com essa estratégia conquistam aficionados nos quatro cantos da metrópole.

Com o advento da urbanização da pólis que se expande, e o antigo Velódromo, sendo loteado para venda, o Club Paulistano perde o protagonismo. Em estado de coma latente, já sem quase respirar, volta à tona a ação de seus trinta sócios remanescentes, que com o alento por terem ganho uma partida contra o São Bento, em 1916, levantando a Taça Jockey

Club, procuram um novo lugar ao sol. Inovadores, vencem os medos e seguem em frente. Naufragar não está em seu DNA. Há sempre uma luz na direção das velas a seguir.

Sob a presidência do renomado Antônio Prado Júnior, a negociação da compra do novo terreno, como também, as obras são acertadas. No dia 29 de dezembro de 1917, o clube é reinaugurado em moderna instalação. A bandeira branca e vermelha, que dá destaque no centro ao logotipo CAP, tremula, desde então, no céu do Jardim América. Em cerimônia banhada com champanhe, são entregues medalhas aos campeões de futebol de 1917, por terem conquistado em definitivo a Taça Jockey Club, que faz parte do acervo histórico do museu cultural do Paulistano.

Ainda hoje, após diversas reformas e melhoramentos, o Club Athletico Paulistano flutua imponente no outrora charco do plano diretor da cidade de São Paulo.

Curiosa, indago: vermelho e branco?

Contam-me que, Plínio da Silva Prado, jovem da elite paulistana e vice-presidente da primeira diretoria da recém-fundada agremiação, retornando à São Paulo dos Estados Unidos, traz na memória as cores dos uniformes dos esportistas da Universidade de Harvard, onde houvera competido: o branco e o vermelho. E, assim, essas se tornam as cores oficiais do Paulistano.

Nos eventos futebolísticos iniciais, ainda no Velódromo, os jogadores usam, nas blusas de mangas compridas e nos calções pelos joelhos, o branco e uma faixa vermelha, na cintura. Após a mudança para a atual sede, ocorrem torneios alvirrubros entre o time Vermelho, de um lado e o Branco, de outro, disputados com entusiasmo.

A anual e concorrida Festa Vermelho e Branca é uma tradição aguardada com ansiedade. Os associados se vestem de ebúrneo e rúbeo para parabenizarem a instituição. As crianças afogueadas do Recanto Infantil, jogando, brincando, correndo, salpicam as alamedas com o colorido dos uniformes pontuados pelos tons, escarlata e marfim. O famoso Réveillon é sempre celebrado com chuva de bolas brancas e vermelhas, que espocam no ar para adormecer no azul translúcido das piscinas.

Assim, o Club Athletico Paulistano, dos tons branco e vermelho, surge num insight, nasce, renasce, e se renova constante e ininterruptamente segundo ritmo circadiano de dias, meses, anos. Passado, presente, futuro se amalgamam. Transformado do que foi no que é e será, presente o futuro que se plasma no agora. Resiliência, seu destino. Comparado ao pau-ferro, sua árvore símbolo, em conformidade com a lei do pertencimento, acolhe seus sócios como a grande Arca abrigou Noé em seu bojo.

Solidariedade, magia, espírito místico interagem. Do real palpável ao imagético, percebo a dimensão de mundo que me transporta ao indecifrável enigma: como não me aturdir com o passar do tempo sob suas asas acolhedoras?

Abduzida, levito e vislumbro os 120 anos vividos em ondas tingidas do Vermelho e Branco. E la nave va!

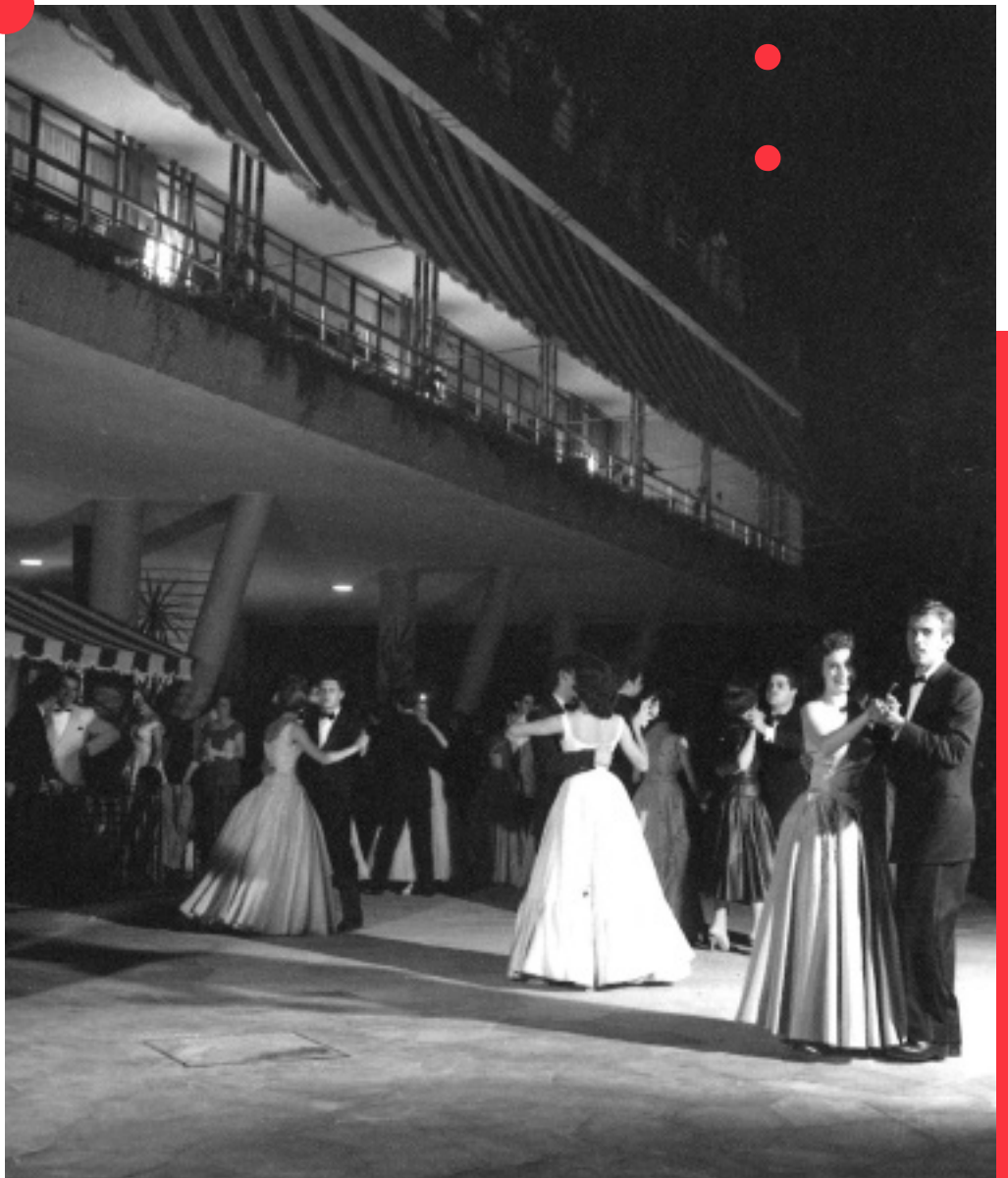
Dados bibliográficos e históricos extraídos de consulta do livro *Club Athletico Paulistano: corpo e alma de um clube centenário – 1900-2000*. Texto de Ignácio Loyola Brandão.





Desfile Jacques Esterel, em 1963.

Baile de Gala. 18 de outubro de 1957.



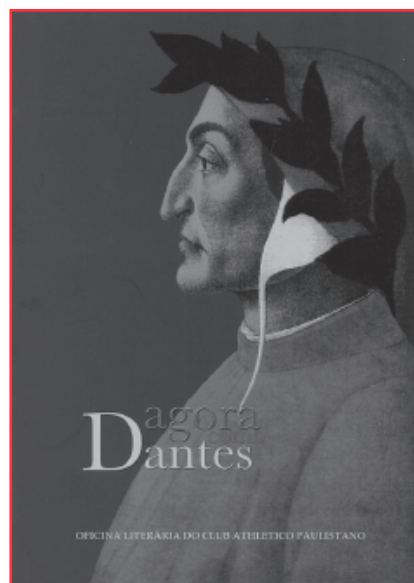
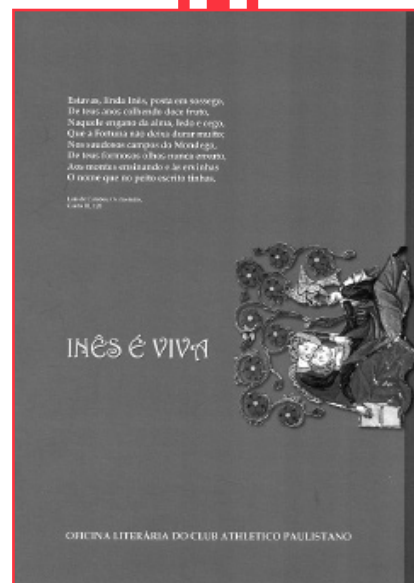
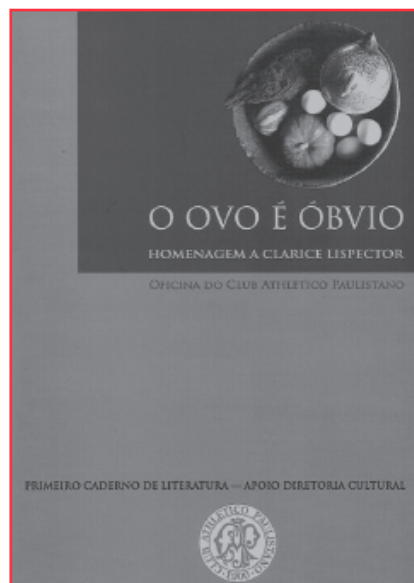




2020

12

CADERNOS  
LITERÁRIOS

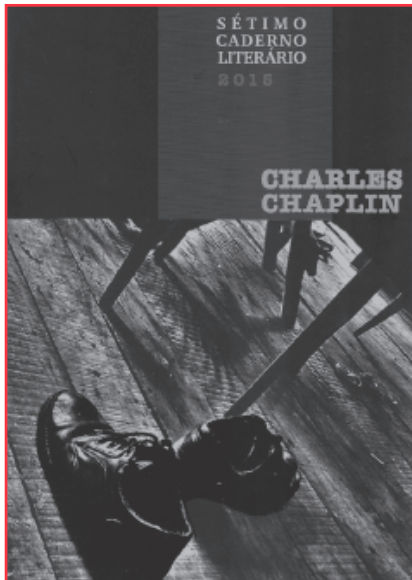
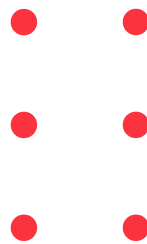
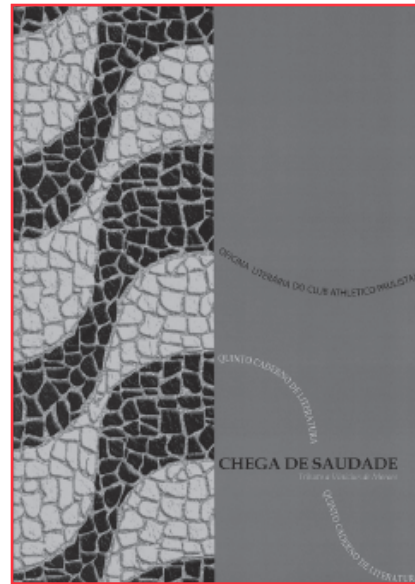
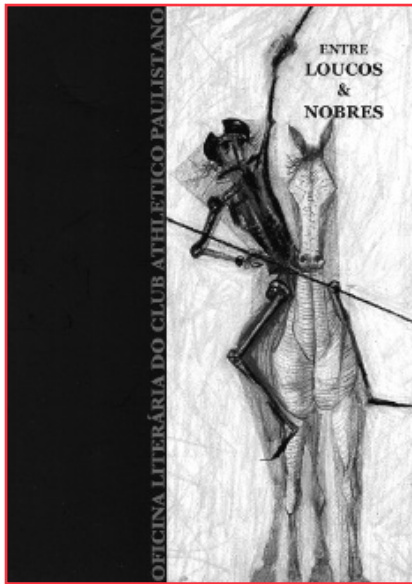


**O OVO É ÓBVIO: homenagem a Clarice Lispector (2010)**

**INÊS É VIVA: Luiz Vaz de Camões (2010)**

**DANTE ALIGHIERI: agora como dantes (2011)**

**EIS A QUESTÃO: 450 anos de Shakespeare (2012)**

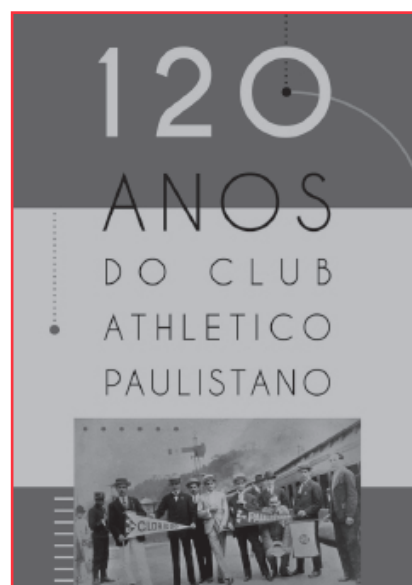
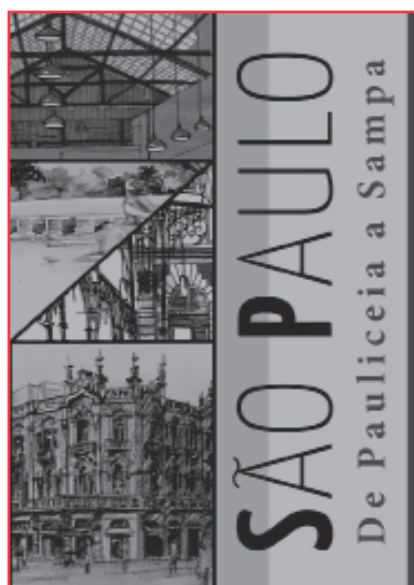
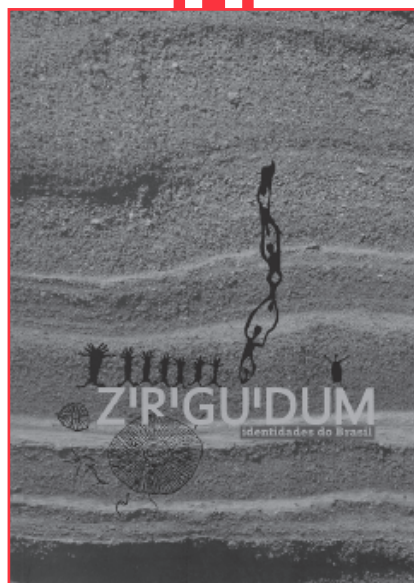


ENTRE LOUCOS E NOBRES: Miguel de Cervantes (2013)

CHEGA DE SAUDADE: tributo a Vinicius de Moraes (2014)

CHARLES CHAPLIN (2015)

MACHADO DE ASSIS (2016)



ZIRIGUIDUM: identidades do Brasil (2017)

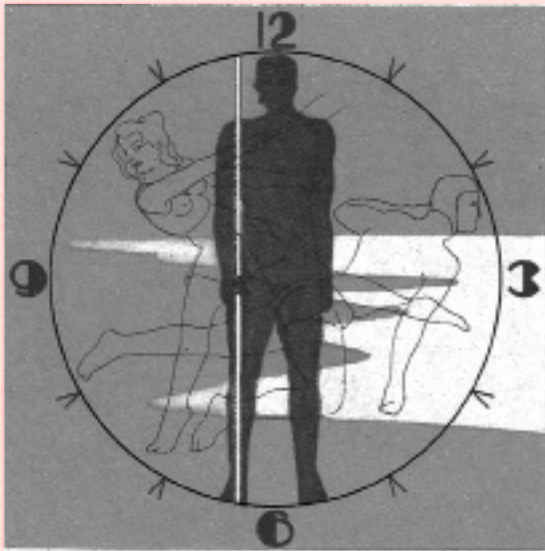
DEZ ANOS FANTÁSTICOS: mundos estranhos e palavras maravilhosas (2018)

SÃO PAULO: de Pauliceia a Sampa (2019)

CADERNO COMEMORATIVO dos 120 anos do CAP (2020)

ATHLETICÆ PAULISTANÆ

SOCIETATIS



ET SODALIIUM

biblioteca do CAP



Club Athletico Paulistano 120 Anos  
Copyright © by autores

Projeto com apoio da Diretoria Cultural do  
Club Athletico Paulistano

Coordenador: Nelson de Oliveira

Projeto gráfico: Matéria-Prima Editorial

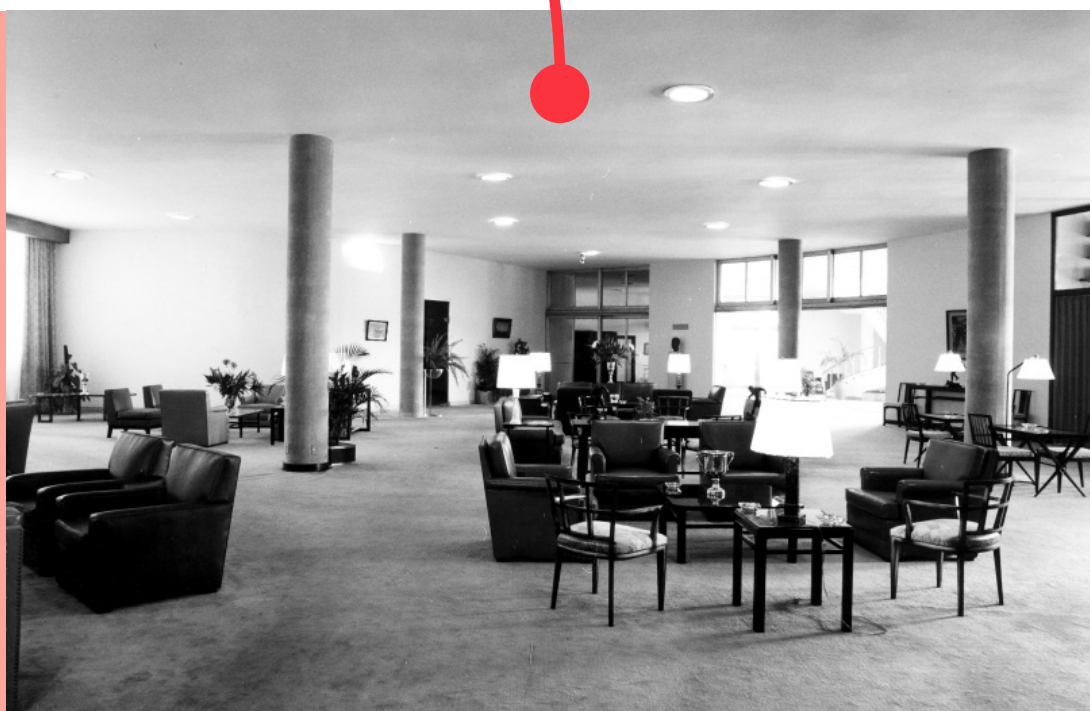
Revisão: Andréa Catrópa

Iconografia: Ana Paula Fernandes  
Centro Pró-Memória do CAP

Obra atualizada conforme o novo acordo  
ortográfico da língua portuguesa.

Os textos são de inteira responsabilidade dos  
autores, que também colaboraram na revisão.

Visão ampliada de parte do 1º andar do prédio social, em 1980. Ao fundo vemos o busto de Antonio Prado Junior, esculpido por Bruno Giorgi, em seu local original.







● ● ● ● Bar Térreo nos anos 1970.  
● ● ● ●





Sob a gestão de Luiz Oliveira de Barros, o Jardim de Infância ganhou um prédio exclusivo. Projeto dos arquitetos Paulo Mendes da Rocha e João Eduardo de Gennaro.



## VENDA PROIBIDA

formato :::: 21 x 29,70 cm

papel miolo :::: couchê fosco 90 g/m<sup>2</sup>

papel capa :::: cartão triplex 250 g/m<sup>2</sup>

número de páginas :::: 180

tipologia :::: minion pro, caviar dreams e bahnschrift

CTP, impressão e acabamento :::: PANCROM





2020

## 12º Caderno Literário

